

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

PRISCILA MION FERREIRA EGIDIO

**RACISMO, NEGAÇÃO E DISCURSO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE  
DOIS EVENTOS LIGADOS A PRÁTICAS RACISTAS NA MÍDIA  
BRASILEIRA**

**Vitória  
2016**

PRISCILA MION FERREIRA EGIDIO

**RACISMO, NEGAÇÃO E DISCURSO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE  
DOIS EVENTOS LIGADOS A PRÁTICAS RACISTAS NA MÍDIA  
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos na área de concentração Estudos Sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MichelineMattediTomazi

Vitória  
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Egídio, Priscila Mion Ferreira, 1985-

E29r Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira / Priscila Mion Ferreira Egídio. – 2016.

174 f.: il.

Orientador: MichelineMattediTomazi.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Racismo. 2. Análise do discurso. 3. Mídia digital. 4.

Negação (Psicologia). 5. Mídias. I. Tomazi, MichelineMattedi. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

---

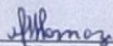
Priscila Mion Ferreira Egidio

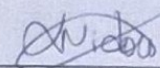
**"Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira"**

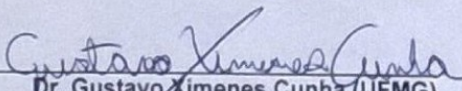
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 1º de agosto de 2016.

Comissão Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Drª. Micheline Mattedi Tomazi (UFES)**  
Orientadora e Presidente da Comissão

  
\_\_\_\_\_  
**Dr. Luciano Novaes Vidon (UFES)**  
Examinador interno

  
\_\_\_\_\_  
**Dr. Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)**  
Examinador externo

*Dedico este trabalho a todos aqueles que se esforçam para termos uma sociedade  
com menos desigualdades*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida. Sei que Ele esteve à minha frente em cada passo deste mestrado, sendo Ele mesmo aquele que me possibilitou esta experiência.

Aos meus pais, pois me ensinaram os valores desta vida, que trago perseverantemente comigo.

Ao meu esposo, por estar sempre ao meu lado e por emprestar seus ouvidos em todos os momentos de angústias e ansiedade.

A minhas irmãs, por, pacientemente, ouvirem meus desabaços e me fazerem rir até nos momentos de extrema tensão.

A meus sogros e cunhados, por compreenderem os momentos em que eu visitava sua casa com os livros na bagagem.

À minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> MichelineMattediTomazi, por me ajudar a alcançar o tão sonhado resultado desta pesquisa, em meio às agruras do mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), pelo apoio oferecido por meio da bolsa.

Ao professor Dr. Gustavo Ximenes Cunha, pelas preciosas contribuições ofertadas à minha pesquisa, em minha qualificação e na defesa da dissertação. Ao professor Dr. Luciano Novaes Vidon, por me acompanhar desde a graduação, por me incentivar a fazer a prova do mestrado e pelas contribuições valiosas ao meu trabalho, na banca da defesa.

À professora Dr.<sup>a</sup> Lúcia Helena Peyroton da Rocha, por suas contribuições ao meu trabalho, no Colóquio e na qualificação.

Ao prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Junior, por suas contribuições ofertadas no Colóquio.

À professora Dr.<sup>a</sup> Janayna Bertollo Coser Casotti, por ajudar a despertar em mim as primeiras centelhas do desejo de ser uma pesquisadora.

Aos demais professores do PPGEL e da graduação em Letras, por contribuírem com o meu crescimento.

Aos pesquisadores do LABIC-UFES (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura), pelo auxílio na coleta dos dados para a pesquisa.

Às minhas amigas, Flávia Siqueira, Camilla Cavalcanti e Zirlene Effgen, por todo o apoio e por compartilharem comigo tantos momentos de alegrias, dúvidas e aprendizados.

À minha amiga Cida Araújo, por sempre me ajudar, olhando textos, dando opiniões e até mesmo aplicando meus trabalhos em sua turma, na época da graduação.

Aos integrantes do GEDIM-UFES (Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático) por compartilharem conhecimentos e amizade.

Aos colegas-amigos da UFES, por partilharem seus conhecimentos e contribuírem com meus estudos. Allan Stein, Bárbara Citelli, Jares Lima, Nayara Oliveira, Sheila Carriço, Raquelli Natale, enfim tantos outros que não cito aqui, mas que também têm um espaço guardado no meu coração.

Aos demais amigos e familiares, por compreenderem minhas ausências durante este período e, até mesmo, por lembrarem-se de mim em suas orações.

*“[...] alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais”*

*Antônio Sérgio Alfredo Guimarães.*



## RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar, no discurso de uma notícia e de uma postagem no *Facebook*, ambas referentes a eventos que envolvem práticas racistas, assim como nos respectivos comentários feitos pelos seus leitores, como se deu o uso de estratégias linguísticas que favorecem a negação do racismo, investigando como a mídia e os usuários da internet utilizaram essas estratégias de negação e examinando as divergências e convergências entre estes discursos. Os discursos mencionados compõem os nossos *corpora* de estudo, a saber, uma notícia, publicada no *site* G1, sobre uma prática de cunho racista direcionada à jornalista Maria Júlia Coutinho – e os primeiros 100 comentários sobre a notícia, e a postagem do humorista Fernando Meirelles na rede social *Facebook*, sobre a polêmica que envolveu uma criança negra, que foi fantasiada pelo pai como um macaco – assim como os primeiros 100 comentários sobre a postagem. O aporte teórico que sustenta nossa pesquisa encontra amparo nos Estudos Críticos do Discurso, sobretudo nas pesquisas de van Dijk sobre racismo (2008; 2012a) e em sua abordagem sociocognitiva dos estudos do discurso (2012b). Contamos ainda com o apoio de Domingues (2003), Fernandes (2008), Guimarães (1995/1996; 2002; 2009; 2015), Ribeiro (1995), entre outros autores da Sociologia e da Antropologia, em seus estudos sobre o racismo no Brasil, bem como Moscovici (2003), para o estudo das Representações Sociais. Como escolha metodológica para análise dos *corpora*, utilizaremos as estratégias e categorias propostas por van Dijk (2012a; 2012b) sobre polarização e negação do racismo. Com relação aos resultados desta pesquisa, em ambos os casos, encontramos marcas de negação do racismo, entretanto, no primeiro evento, as negações são mais sutis, por conta de questões contextuais que iremos discutir ao longo do trabalho. Ao final desta pesquisa, verificamos que, nesses eventos, ocorreu, de fato, a legitimação do discurso racista, por meio da negação discursiva do racismo.

**Palavras-chave:** Racismo. Negação. Mídia. Discurso. Abordagem Sociocognitiva.

## ABSTRACT

This dissertation has as its principal objective to analyze, in the discourse of a news story and a posting on Facebook, both related to events involving racial practices, as well as in their respective comments, how the use of linguistic strategies occurred favoring the denial of racism, investigating how the media and internet users employ these denial strategies and examining the differences and similarities between these discourses. The aforementioned discourses consist our *corpora*, namely a news piece published on the G1 website about practices embedded with racist content directed to the journalist Maria Julia Coutinho and the first 100 comments on the piece, and post by the humorist Fernando Meirelles on the controversy that involved a black child, who was dressed up by its father as a monkey, as well as the first 100 comments on the post. We draw upon the theoretical framework of the Critical Discourse Studies, especially van Dijk's research on racism (2008, 2012a) and his socio-cognitive approach to discourse studies (2012b). We also draw upon Domingues (2003), Fernandes (2008), Guimarães (1995-; 2002; 2009), Ribeiro (1995), among other authors of Sociology and Anthropology, in their studies of racism in Brazil, and Moscovici (2003), for the study of social representations. As a methodological choice for analysis of *corpora*, we use the strategies and categories proposed by van Dijk (2012a; 2012b) on polarization and denial of racism. Regarding the results of this research, in both cases, we find racism denial marks, however, in the first event, the denials are subtler, because of contextual issues that will be discussed later in depth. At the end of this research, we found that in these events, in fact, the legitimization of racist discourse occurred, through the discursive denial of racism.

**Keywords:** Racism. Denial. Media. Discourse. Socio-cognitive approach.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características das relações raciais no Brasil.....	p. 32
Quadro 2 - Características gerais da ideologia.....	p. 63
Quadro 3 -Comentários evento A -Repúdio aos autores da prática racista.....	p. 84
Quadro 4 - Escolha lexical nos comentários em repúdio aos autores.....	p. 86
Quadro 5 - Comentários com elogios à Maria Júlia.....	p. 91
Quadro 6 - Comentários que abordam a superioridade de Maria Júlia.....	p. 94
Quadro 7 - Comentários que substituem o racismo por inveja.....	p. 98
Quadro 8 - Escolhas lexicais nos comentários sobre a inveja.....	p. 99
Quadro 9 - Comentários com contra-ataques no evento A.....	p. 101
Quadro 10 - Comentários com críticas à repercussão do evento A.....	p. 105
Quadro 11 - Comentários com reversão do racismo no evento A.....	p. 107
Quadro 12 - Comentários com temáticas diversas do evento A.....	p. 109
Quadro 13 - Comentários referentes à sexualidade.....	p.110
Quadro 14 - Comentários com críticas à Maria Júlia.....	p. 110
Quadro 15 - Comentários com temática antirracismo no evento A.....	p. 112
Quadro 16 - Comentários com reversão do racismo.....	p. 120
Quadro 17 - Comentários que rotulam pejorativamente os que foram contrários à fantasia.....	p.125
Quadro 18 - Comentários com acusação de vitimismo.....	p. 128
Quadro 19 - Comentários que se referem à “generalização do racismo”.....	p. 131
Quadro 20 - Comentários sobre a “maldade nos olhos”.....	p. 136
Quadro 21 - Comentários contrários aos movimentos das minorias.....	p. 137
Quadro 22 - Comentários que acusam os antirracistas de exagero.....	p. 141
Quadro 23 - Comentários contrários às discussões sobre o racismo.....	p. 145
Quadro 24 - Comentários com contra-ataques e negação da possibilidade de racismo do pai.....	p. 146
Quadro 25 - Comentários com apresentação positiva do pai.....	p. 149

Quadro 26 - Comentários com concordância ou apoio ao humorista.....	p. 151
Quadro 27 - Comentários contrários ao humorista.....	p. 152
Quadro 28 - Comentários com temáticas diversas do evento B.....	p. 152
Quadro 29 - Comentários sem postura definida.....	p. 153
Quadro 30 - Comentários com temática antirracismo (evento B).....	p. 154
Quadro 31 - Síntese evento A.....	p. 156
Quadro 32 - Síntese evento B.....	p. 157

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 APRESENTAÇÃO.....	14
1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO .....	19
<b>1.2.1 Geral:</b> .....	19
<b>1.2.2 Específicos:</b> .....	19
1.3 DEFINIÇÃO DO QUADRO TEÓRICO .....	19
1.4 PERCURSO DE ANÁLISE.....	20
<b>CAPÍTULO 2 – RACISMO, DISCURSO E MÍDIA</b> .....	22
2.1 RAÇA E RACISMO .....	22
2.2 O LEGADO HISTÓRICO DO RACISMO NO BRASIL .....	27
<b>2.2.1 O cenário do racismo no Brasil</b> .....	32
2.3 O RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA BRASILEIRA .....	40
2.4 POR QUE AS MÍDIAS AMBIENTADAS EM MEIOS DIGITAIS?.....	44
<b>CAPÍTULO 3 - ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO: DEFINIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS</b> .....	47
3.1 DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO À TEORIA SOCIOCOGNITIVA DE TEUN VAN DIJK .....	47
<b>3.1.1 Modelos mentais e contexto: a tríade discurso-cognição-sociedade</b> .....	48
<b>3.1.2 Representação social</b> .....	53
3.2 RACISMO E DISCURSO .....	56
<b>3.2.1 Auto-apresentação positiva como prática de legitimação do racismo</b> .....	56
<b>3.2.2 A negação do racismo</b> .....	58
<b>3.2.3 A negação do racismo e suas funções políticas e socioculturais</b> .....	61
3.3 IDEOLOGIA E DISCURSO .....	63
<b>CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> E METODOLOGIA</b> .....	68
4.1 <i>OSCORPORA</i> .....	68
4.2 METODOLOGIA .....	72
<b>CAPÍTULO 5 – UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NEGAÇÃO DISCURSIVA DO RACISMO</b> .....	74
5.1 ANÁLISE DO EVENTO A – NOTÍCIA SOBRE RACISMO CONTRA MARIA JÚLIA .....	74

<b>5.1.1 Notícia, parte I: polarização entre a sociedade e os criminosos</b> .....	76
<b>5.1.2 Notícia, parte II: diálogo entre Bonner e Maria Júlia: polarização grupal e alienação das discussões sobre o racismo</b> .....	80
<b>5.1.3 Análise dos comentários dos internautas sobre a notícia</b> .....	82
5.1.3.1 Apresentação positiva grupal e polarização nos comentários sobre o caso Maria Júlia .....	85
5.1.3.2 Comentários em apoio à Maria Júlia: Representação da jornalista como “linda” .....	91
5.1.3.3 Mitigação do racismo nos comentários sobre a notícia .....	101
5.1.3.4 Reversão do racismo nos comentários sobre a notícia .....	105
5.1.3.5 Outras temáticas .....	112
5.1.3.6 Comentários com conteúdos antirracistas .....	116
<b>5.2 ANÁLISE DO EVENTO B – POSTAGEM SOBRE A FANTASIA DE ABU119</b>	
<b>5.2.1 Postagem do humorista Mauricio Meirelles</b> .....	119
<b>5.2.2 Análise das respostas à postagem do humorista</b> .....	123
5.2.2.1 Reversão do racismo e contra-ataque nas respostas à postagem de Maurício Meirelles.....	125
5.2.2.2 Apresentação positiva do pai da criança e negação do racismo nas respostas à postagem de Maurício Meirelles .....	154
5.2.2.3 Comentários direcionados ao humorista.....	156
5.2.2.4 Comentários que defendem um posicionamento antirracista.....	160
<b>5.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS DOIS EVENTOS</b> .....	162
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	167
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	170

## **CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO**

Neste capítulo, apresentaremos as questões que norteiam a nossa pesquisa, tais como o problema de pesquisa, os objetivos, as hipóteses e demais questões pertinentes.

### **1.1 APRESENTAÇÃO**

Nesta dissertação, iremos nos debruçar sobre o estudo do discurso relacionado a práticas de negação do racismo, buscando entender como essa prática, presente no Brasil desde os tempos coloniais, ainda se manifesta na atualidade. Para isso, ao longo do trabalho, iremos nos dedicar à tarefa de compreender melhor algumas práticas socio-históricas que se relacionem com essa temática, no nosso país, como veremos no desenrolar desta pesquisa.

Nosso interesse em estudar o discurso relacionado ao racismo é oriundo das pesquisas compartilhadas no Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES), onde trabalhamos diversas temáticas envolvendo minorias nos discursos de diversas mídias. Por meio desses estudos e, em especial, da leitura de van Dijk (2012a) chegamos ao entendimento de que a mídia pode criar, promover e veicular discursos que estabelecem relações de poder, persuasão e manipulação e, com isso, vir a exercer importante influência na sociedade, inclusive na manutenção e reprodução do racismo.

Partindo do nosso interesse em estudar questões relacionadas a minorias sociais, considerando que as questões que envolvem as desigualdades sociais e os preconceitos estão extremamente ligadas à produção e socialização do discurso, percebendo que o racismo ainda é considerado um assunto polêmico no Brasil, e assumindo uma postura crítica a respeito dos estudos do discurso, decidimos, neste trabalho, pesquisar o discurso presente em dois veículos midiáticos a respeito de eventos que envolvem práticas racistas.

Com base em nossas leituras de Thompson (2012), entendemos que a mídia compreende a produção institucionalizada de bens simbólicos e a fixação e transmissão de conteúdos simbólicos a uma grande quantidade de pessoas. Entendemos que o termo “mídia” pode abranger um amplo aspecto de ferramentas de comunicação social e salientamos que, em nosso trabalho, optamos pelo estudo dos discursos veiculados em mídias digitais, a saber, o *site* de notícias G1 e a rede social *Facebook*. As mídias digitais têm alcançado grande relevância na atualidade, visto que possibilitam ao usuário ter acesso a informações em tempo real e uma maior interação com as instituições midiáticas, além de disponibilizarem conteúdos de diversas naturezas – informação, entretenimento, serviços etc. – em um mesmo espaço, o que tem atraído grande número de usuários. Além disso, dois eventos relacionados a práticas racistas, oriundos dessas mídias, que obtiveram grande repercussão midiática, nos chamaram a atenção, pois obtiveram grande participação do público, por meio dos comentários dispostos nas páginas.

Compreendemos, ainda, que no nosso país tem prevalecido um discurso que nega a existência do racismo como um problema sistêmico, entretanto entendemos, por meio da leitura de sociólogos e antropólogos como Guimarães (1995/, 2009, 2016), Fernandes (2008) e Ianni (1987), entre outros, que no Brasil, desde os tempos coloniais, as relações raciais conflituosas têm sido mitigadas. Ainda nesses tempos remotos, o país transmitia a muitos compatriotas e estrangeiros a imagem de uma escravidão mais amena que nos demais países que escravizavam os africanos. Após a abolição, o fato de no Brasil não haver os mesmos processos de segregação racial explícitos, como existia, por exemplo, nos Estados Unidos e na África do Sul, levou à manutenção de uma crença de que, em terras brasileiras as relações étnico-sociais eram amigáveis.

Atualmente, ainda persistem a mitigação da discriminação e das desigualdades que atingem os negros<sup>1</sup> e a negação do racismo como um sistema complexo, de dominação simbólica e material. Em uma observação empírica, e com as primeiras leituras realizadas para a organização desta pesquisa, pudemos perceber que a negação do racismo é uma prática cotidiana, que acarreta graves consequências

---

<sup>1</sup> Entendemos que o racismo não é só direcionado a pessoas negras, tanto no Brasil, como em outras partes do mundo, porém, em nosso trabalho, nos referimos principalmente ao racismo direcionado contra os negros, por conta dos nossos *corpora* de estudo.



sociais, entrvando possibilidades de melhorias para a vida daqueles que sofrem o racismo e dificultando o combate a essas prticas. Alm disso, como veremos posteriormente, uma das principais formas de reproduo do racismo é o discurso, por isso, entendemos que é sobremaneira importante um estudo das prticas discursivas de negao do racismo. Ainda, pelo fato de haver uma quantidade limitada de estudos que se debruam sobre o tema, entendemos que estudos dos discursos que envolvem a prtica de negao do racismo são fundamentais para um maior entendimento desse fen meno, a fim de que seja possível sua desconstruo.

Observamos que a prtica de negar a ocorrência do racismo através do discurso, muitas vezes, se apresenta de forma sutil, como, por exemplo, o uso de eufemismos ou termos mais amplos, em lugar da palavra "racismo". Em outras ocasiões, para a construo da negao, o discurso é preparado de maneira que apresente positivamente o ator social que o constrói, configurando, assim, uma espécie de proteo contra a acusao de racismo.

Para exemplificarmos um tipo de negao muito comum do racismo, podemos observar os seguintes trechos de alguns dos comentários que serão analisados, sobre o evento que envolveu a jornalista Maria Júlia: "Essas agressões são muito mais inveja do que racismo", "Pura inveja da MAJU que   lindaaaaaa e talentosa!!!!". Podemos observar como, nos trechos acima, a prtica racista sofrida pela jornalista é substituída pelo termo "inveja", mitigando o problema social constituído pelo racismo e deslocando a causa das agressões para um motivo muito mais individual e sem relaao com os problemas étnico sociais enfrentados pelas pessoas negras.

Van Dijk (2012a) elenca várias estratégias<sup>2</sup> de negao discursiva do racismo, e no decorrer de nossa pesquisa, nos utilizaremos das contribuioes dessa obra para entendermos melhor como funcionam essas estratégias.

Os discursos que selecionamos para nossos *corpora* de estudo<sup>3</sup> são uma notícia e os respectivos comentários dos leitores sobre ela, e uma postagem de uma figura pública no *Facebook*, assim como os respectivos comentários sobre essa postagem.

---

<sup>2</sup> Essas estratégias serão detalhadas no terceiro capítulo.

<sup>3</sup> Detalharemos melhor as características do *corpus* no capítulo dedicado à descrio do *corpus* e da metodologia.

Esses discursos foram eleitos porque notamos, em uma primeira leitura, que estes pareciam estar repletos de marcas de negação do racismo. E, por conta da grande participação do público daquelas mídias, acreditamos que poderemos analisar o discurso das instituições e figuras públicas e suas relações com o discurso do público, abarcado nessas mídias, no geral.

A notícia a ser analisada foi divulgada no *site* de notícias G1, sobre o evento ocorrido em dois de julho de 2015, quando vários internautas escreveram comentários de cunho racista direcionados à jornalista Maria Júlia Coutinho, que atua como apresentadora da previsão do tempo no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Os comentários de teor racista foram postados na página do jornal no *Facebooke* o caso teve grande repercussão em canais midiáticos de várias partes do país.

A postagem no *Facebook* foi feita pelo humorista Maurício Meirelles, em sua página da rede social, a respeito da polêmica gerada em torno do produtor de teatro Fernando Bustamante que, durante o carnaval de 2016, fantasiou seu filho adotivo de Abu, o macaco de estimação do personagem infantil Aladdin. O fato de o menino ser negro<sup>4</sup> levou vários usuários da rede social a protestarem contra a atitude do pai.

O nosso interesse em analisar os dois *corpora* – e de compará-los – se deu com base na observação empírica de que os discursos presentes em ambos apresentavam marcas diferentes de negação do racismo. Sendo assim, no primeiro contato com esses discursos, notamos que, aparentemente, o segundo evento evidenciava melhor essas marcas, ocorrendo, inclusive, muitos ataques diretos àqueles que se posicionavam contra o racismo, enquanto, no primeiro evento, essas marcas nos pareciam mais sutis. Desse modo, entendemos que seria muito proveitoso analisar e comparar os dois *corpora*.

Assim, pretendemos investigar a presença da negação discursiva do racismo em nossa sociedade, tomando como amostra os discursos presentes na notícia e na postagem do *Facebook*, bem como nos primeiros 100 comentários feitos por internautas sobre cada um desses textos. Apontamos, para isso, as seguintes

---

<sup>4</sup> A despeito de toda a sistemática que envolve a classificação de cor no Brasil, estamos aqui nos referindo a essa criança como uma pessoa negra por conta das circunstâncias do evento em questão, em que os internautas e o próprio pai do menino assim se referem a ele.

questões: os discursos presentes nesses *corpora* abordam o racismo de forma superficial, negando, assim, a ocorrência do racismo como um problema sistêmico em nossa sociedade? Nos discursos que iremos analisar, podemos encontrar elementos linguístico-discursivos que estão relacionados à negação do racismo? Os comentários sobre a notícia e a postagem apresentaram estruturas discursivas semelhantes aos respectivos discursos de referência? Houve diferença com relação aos discursos presentes nos dois eventos distintos, no que tange às formas de negação do racismo?

Dessa maneira, com base em um primeiro olhar sobre os nossos *corpora*, as nossas hipóteses são que, em ambos os eventos, os discursos apresentam marcas de negação do racismo. No entanto, no primeiro evento (os comentários sobre a jornalista Maria Júlia) a negação discursiva do racismo ocorreu de forma mais sutil, pelo fato de que a ação praticada contra a jornalista foi, desde o início, indubitavelmente, classificada como racista por todos os veículos midiáticos que noticiaram o ocorrido. Já no segundo caso (o pai que fantasiou o filho) não houve consenso entre os internautas se, de fato, a atitude do pai estava relacionada a uma prática racista. Além disso, o primeiro caso envolve uma figura pública e teve grande repercussão nas mídias jornalísticas, já o segundo evento diz respeito a pessoas comuns e teve muito mais repercussão dentro da própria rede social do que em *sites* jornalísticos.

Entendemos que a importância da nossa pesquisa está no empreendimento de analisar, em mídias digitais (por isso, relativamente novas) e em tipos diferentes de discursos – de pessoas públicas e de pessoas ditas “comuns” – como ocorre a negação do racismo, contribuindo, dessa forma, com a desconstrução do discurso racista, uma vez que, para combater os preconceitos, é preciso entender o seu funcionamento na sociedade.

Além disso, pelo fato de haver ainda relativamente poucos trabalhos no país que favoreçam uma abordagem sociocognitiva relacionada ao racismo, entendemos que nosso trabalho deverá contribuir com o desenvolvimento das pesquisas sobre o assunto dentro da área acadêmica e para os Estudos Críticos do Discurso.

Isso posto, no próximo tópico, apresentaremos os objetivos de nossa pesquisa.

## 1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO

Com base nos estudos realizados para nossa pesquisa, apresentamos os seguintes objetivos:

### 1.2.1 Geral:

Analisar o discurso presente em determinada notícia, e em uma postagem no *Facebook*, e em seus respectivos comentários, investigando como se deu o uso de estratégias linguísticas que favoreçam a negação do racismo em cada um dos eventos.

### 1.2.2 Específicos:

Analisar as estratégias linguísticas<sup>5</sup> e estruturas discursivas utilizadas nos discursos da notícia e de seus respectivos comentários.

Investigar as estratégias linguísticas e estruturas discursivas utilizadas nos discursos da postagem no *Facebook* e de seus respectivos comentários.

Comparar as estratégias e estruturas encontradas nos discursos que envolvem os dois eventos distintos.

## 1.3 DEFINIÇÃO DO QUADRO TEÓRICO

Considerando o racismo<sup>6</sup> como um tipo de dominação de um grupo racial sobre outro, em nossa pesquisa iremos nos basear nas contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), mais especificamente na

---

<sup>5</sup> Detalharemos, no capítulo de metodologia, quais estratégias linguísticas e estruturas discursivas iremos analisar.

<sup>6</sup> Acerca da definição de racismo, nos aprofundaremos no segundo capítulo.

perspectiva sociocognitiva, de van Dijk, e de seus estudos sobre racismo na Europa, no Brasil e na América Latina (2012a; 2012b; 2008). É importante observar que utilizaremos esse aparato teórico em razão do interesse que tais estudos têm em compreender as formas de dominação de um grupo sobre os demais por meio do discurso e, em especial, a vasta pesquisa feita por van Dijk sobre o racismo e, inclusive, sobre a negação discursiva deste (VAN DIJK 2005a, 2005b, 2008, 2012a, 2015).

Utilizaremos ainda, para efeito de contextualização, a revisão de bibliografia de autores que tratam do histórico de racismo no Brasil, sob uma perspectiva sociológica e antropológica. Guimarães (2002, 2009, 2015) demonstra como os problemas nas relações inter-raciais no Brasil vão além das relações de classe, uma vez que a atribuição de estereótipos ao racismo acaba por mascará-lo. Fernandes (2008) também apresenta a percepção corrente na sociedade brasileira de que não há, de fato, racismo no Brasil, e comenta que essa visão tem sido combatida por algumas tendências que procuram abordar o tema de uma forma mais concreta e coerente com a realidade. Ianni (1987) aponta para as desigualdades étnica e racial no país, e defende que, apesar delas estarem fortemente presentes na sociedade brasileira, o senso comum tende a negar as condições de desigualdade e os preconceitos. Além desses, utilizaremos também outros autores que se aprofundaram nas pesquisas sobre as relações raciais no país.

No próximo tópico, apresentaremos a forma como organizamos esta dissertação.

#### 1.4 PERCURSO DE ANÁLISE

Este trabalho está dividido em seis capítulos. No primeiro, apresentamos brevemente a estrutura de nossa pesquisa; o nosso tema, nossas questões, objetivos, hipóteses e arcabouço teórico.

No segundo capítulo, fazemos uma contextualização sobre o racismo em sua relação com o discurso e com as mídias, e situamos o problema no contexto do cotidiano do Brasil com base em estudiosos do tema.

O terceiro capítulo trata da teoria dos Estudos Críticos do Discurso, um breve histórico de suas características gerais e, principalmente, uma descrição dos tópicos da perspectiva sociocognitiva de van Dijk, que são pertinentes ao nosso trabalho.

No quarto capítulo, apresentamos nossos *corpora* e detalhamos nossa metodologia.

No capítulo cinco, dispomos as análises dos nossos *corpora* de estudo, e no sexto, colocamos as nossas conclusões acerca dos resultados encontrados nas análises.

## CAPÍTULO 2 – RACISMO, DISCURSO E MÍDIA

Neste capítulo, traremos uma discussão sobre os conceitos de raça e de racismo, discutiremos como o racismo está relacionado ao discurso, apresentaremos um histórico do racismo no Brasil, traremos um panorama do racismo na mídia brasileira e, por fim, explanaremos sobre nossa escolha pelas mídias virtuais.

### 2.1 RAÇA E RACISMO

Segundo Guimarães (2009), o conceito de raça não corresponde à realidade natural e sim a uma forma de classificação social, “[...] baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado [...]” (GUIMARÃES, 2009, p. 11). Apesar de não corresponder à realidade natural, esse conceito possui uma plena realização no âmbito social, possibilitando assim a ocorrência do racismo que, conforme o autor, constitui-se em uma forma de “naturalizar’ a vida social” admitindo como naturais diferenças que são, na verdade, oriundas de questões tanto individuais como socioculturais.

Baseando-nos em Guimarães<sup>7</sup> (2009), apresentamos um breve resumo do emprego do conceito de raça na história: o termo “raça”, na Europa do início do século XVI, caracterizava um grupo de pessoas ligadas por uma só origem. No século XIX, teorias poligenistas utilizaram o termo para designar espécies de seres humanos, distintas por suas características físicas e capacidade mental. Após a queda da vigência dessas teorias, no século XX, a palavra “raça” passou a caracterizar subdivisões da espécie humana, distintas pelo isolamento de seus membros de outros indivíduos da mesma espécie (BANTON, 1994 *apud* GUIMARÃES, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, as teorias que pretendiam dividir a espécie humana em raças foram recusadas pelas ciências biológicas, uma vez que as

---

<sup>7</sup> Guimarães (2009, p. 23-24) apresenta um resumo das primeiras significações do termo “raça” com base em Banton (1977, 1987) e John Rex (1983).

características genéticas dos diversos grupos de populações humanas não poderiam ser divididas com base em diferenças em sua carga genética. Assim, as diferenças fenotípicas, intelectuais, morais e culturais não podiam ser relacionadas a diferenças biológicas e sim a construções socioculturais e aos diversos ambientes em que os indivíduos se situavam (GUIMARÃES, 2009, p. 24).

Dessa forma, no período pós-guerra, alguns sociólogos utilizavam o termo “raça” para nomear um grupo de pessoas que, dentro de uma dada sociedade, eram definidos como diferentes de outros grupos por conta de diferenças físicas ou atribuídas, e o termo “etnia” para os casos em que não existiam as tais características físicas. Aos grupos raciais eram relacionadas características mais imutáveis, enquanto os grupos étnicos possuíam características mais flexíveis.

De outra forma, outros sociólogos consideravam a expressão “raça” demasiado ideológica e preferiam utilizar unicamente o termo “etnia”. Segundo Guimarães (2009), essa preferência originava-se, na verdade, das dificuldades encontradas na diferenciação dos dois termos, uma vez que, conforme o autor, o conceito de etnicidade é mais abrangente que o de “raça” (GUIMARÃES, 2009, p. 25). O autor toma de empréstimo as palavras de Thomas Eriksen (1993), que assume que a etnicidade está relacionada a indivíduos que se consideram distintos culturalmente dos membros de outros grupos com os quais eles mantêm algum tipo de interação cultural (ERIKSEN, 1993, p. 12 *apud* GUIMARÃES, 2009, p. 25). Assim, os grupos raciais seriam um tipo específico de grupos étnicos.

Ocorre que, tanto na ciência como na política, o uso do termo “raça”, no terreno mundial, tem sido rejeitado. No entanto, Guimarães (2009) defende que o conceito de raça, enquanto uma realização social, não pode ser negado, ao contrário, precisa ser nomeado e estudado, a fim de que se possa melhor compreender e combater os problemas discriminatórios que ocorrem em nossa sociedade. Segundo o autor, a negação da existência das raças vai ao encontro da negação do racismo e fortalece, assim, a ideia de que os preconceitos e as desigualdades são oriundos de problemas sociais e não de uma problemática que envolve as relações inter-raciais.

Na história do nosso país, a concepção de raça já foi tema de diversas abordagens e discussões e, durante muito tempo, acreditou-se que os negros e índios



corresponderiam a uma raça inferior aos brancos, seguindo as tendências das teorias poligenistas da Europa.

Entretanto, Freyre (2003 [1933]), citando experiências de cientistas das áreas biológicas, como Pavlov, Kammerer, Franz Boas, entre outros, contestou a ideia, vigente no Brasil da segunda metade do século XIX e início do século XX, de inferioridade da raça negra, herdada por características hereditárias. Segundo ele, o negro apresentava, por vezes, habilidades mentais mais desenvolvidas que os brancos. E mesmo quando isso não ocorria, o desempenho inferior do negro não poderia ser atribuído a características hereditárias, mas sim ao regime de escravidão ao qual estava submetido.

Segundo Guimarães (2009), essa contestação e, conseqüentemente, a queda da vigência de teorias que consideravam o negro como pertencente a uma raça inferior foi o gatilho para a instauração do mito da democracia racial<sup>8</sup>, ideologia que defende a inexistência do racismo enquanto sistema complexo de dominação de um grupo étnico-racial sobre outros. Assim, segundo o autor, iria se fortalecendo a cada ano a negação dos problemas e desigualdades a que os negros são submetidos no nosso país por conta da cor de sua pele, ou, concordando com Guimarães (2009), por causa de sua raça.

Em se tratando da legislação vigente sobre o conceito de racismo, o código penal brasileiro define como injúria racial a atitude de ofender a honra de alguém, utilizando-se de elementos referentes a raça, cor, etnia etc. Já os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor estão definidos na lei 7.716/1989, que se refere à conduta discriminatória que é dirigida a determinado grupo. Essa lei é bem mais ampla que a primeira e descreve algumas situações que podem ser enquadradas nesse crime, como, por exemplo: negar emprego a alguém ou impedir o acesso a estabelecimentos comerciais por questões de cor, raça etc., praticar ou induzir a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, nacionalidade etc.

---

<sup>8</sup> O termo “democracia racial”, embora tenha, comumente, sua patente atribuída a Gilberto Freyre, não foi cunhado por esse autor, embora Freyre tenha sido um dos principais defensores da ideia de que no Brasil, os negros eram menos segregados que em outros países e não enfrentavam desigualdades nos tratamentos, com base na legislação. O argumento de que o tratamento dado aos negros, no nosso país, era mais brando que em outros, até mesmo mais desenvolvidos, como, por exemplo, os EUA, já era presente entre os estudiosos desde o período colonial. O termo em si apareceu pela primeira vez na obra de Wagley (1952), em suas pesquisas sobre as relações raciais na sociedade brasileira. Para mais detalhes, ver Guimarães (2001).

Diante de uma gama de definições para o racismo, neste trabalho adotamos as concepções do autor Teun A. van Dijk, para trabalharmos as questões voltadas para as relações do racismo com o discurso. O autor argumenta que o racismo não pode ser entendido apenas como uma ideologia e sim como um “[...] complexo sistema social de dominação, fundamentado étnica ou ‘racialmente’, e sua consequente desigualdade” (VAN DIJK, 2012a, p. 134). O autor defende que o racismo deve ser considerado em suas expressões material (práticas diárias) e simbólica (legitimação cognitiva das práticas diárias), como veremos adiante.

Van Dijk defende que o racismo e o discurso estão estritamente relacionados. Considerando o racismo como uma forma de dominação, o autor argumenta que o principal meio de que as elites simbólicas<sup>9</sup> dispõem para exercer sua dominação é através do discurso.

Segundo ele, o racismo está representado por dois sistemas inter-relacionados, de um lado, as práticas sociais (discriminação, marginalização, exclusão ou problematização), e por outro, o das práticas cognitivas diárias (crenças, atitudes e ideologias preconceituosas e estereotipadas, que por sua vez legitimam o primeiro subsistema. Com base nessas colocações, construímos um esquema, disposto abaixo, que intenciona ilustrar as ideias aqui sintetizadas:

---

<sup>9</sup> Elites simbólicas são definidas como grupos que possuem acesso a recursos sociais escassos, como a força, o dinheiro e o *status* (VAN DIJK 2012a, p. 117).

Ilustração1 – Inter-relação entre os subsistemas que compõem o racismo



Fonte: Própria autora, construído com base em van Dijk (2012a, p. 134).

O autor salienta a importância do discurso para a articulação desses sistemas: “O discurso é a prática social que relaciona esses dois campos de racismo. Ele próprio é uma prática social que se destaca entre as outras, sendo quase exclusivamente a prática das elites e das instituições simbólicas” (VAN DIJK, 2015, p. 33).

É necessário observar que as cognições que dão base à construção e à manutenção dos preconceitos são socialmente compartilhadas e são adquiridas, em grande parte, por meio do contato com as mídias, com os manuais escolares, enfim, com os discursos construídos e disseminados pelas elites.

Na nossa pesquisa, nos direcionamos ao estudo do racismo no Brasil. Assim, compreendemos a importância da contextualização do tema no âmbito do país para o melhor entendimento das relações étnico-raciais no Brasil. Dessa forma, no próximo tópico, abordaremos algumas questões relativas ao histórico de segregação sofrida pelo negro no nosso país.

## 2.2 O LEGADO HISTÓRICO DO RACISMO NO BRASIL<sup>10</sup>

Para falarmos sobre a construção e a reprodução do racismo no discurso, no panorama atual da sociedade brasileira, é necessário comentarmos acerca do histórico de segregação sofrida pelos negros no país. Neste tópico, traremos algumas observações acerca do legado histórico do racismo no Brasil.

A inserção dos indivíduos de pele negra, de origem africana, iniciou-se no país na primeira metade do século XVI. Para suprir a necessidade de trabalhadores nas lavouras brasileiras, milhares de africanos foram trazidos ao Brasil, em porões de navios chamados “negreiros”, para serem escravos. A degradação da dignidade humana já se iniciava no processo de retirada dessas pessoas de seu lugar de origem e de seu convívio social, sendo separadas de familiares e amigos, no momento da captura ou quando chegavam aos portos brasileiros, tornando-os assim, solitários em sua jornada, dificultando a possibilidade de se constituir uma unidade familiar, de língua ou de cultura a que pudessem se apegar (RIBEIRO, 1995, p. 115).<sup>11</sup>

Assim, o negro via-se privado de qualquer humanidade, sendo tratado como um animal de carga, ou como uma mercadoria, que visa a trazer lucro para seu proprietário. Muitos nem conseguiam atravessar o oceano com vida, tamanha era a falta de condições de sobrevivência nesses navios. A respeito da chegada dos africanos aos portos do Brasil, Nabuco (2003 [1883]) apresenta-nos, por meio das palavras de Oliveira Martins, uma descrição de uma cena que se repetiu inúmeras vezes:

Quando o navio chegava ao porto de destino – uma praia deserta e afastada – o carregamento desembarcava; e, à luz clara do sol dos trópicos, aparecia uma coluna de esqueletos cheios de pústulas, com o ventre protuberante, as rótulas chagadas, a pele rasgada, comidos

---

<sup>10</sup> Neste trabalho, abordaremos algumas questões socio-históricas, sem nos aprofundarmos, todavia, em questões teóricas e metodológicas das respectivas áreas, visto que a nossa área de atuação não nos proporciona o devido aprofundamento nas ciências sociais necessário para tal empreendimento e posto que nossa pesquisa enfoca a análise do discurso com base nas marcas linguísticas, sem, contudo, ignorar os aspectos históricos e sociais envolvidos na produção discursiva,

<sup>11</sup> Esclarecemos que, neste trabalho, não estamos abordando os movimentos de resistência dos negros no Brasil por questões metodológicas, uma vez que nosso interesse, em especial neste capítulo, é demonstrar a dificuldade enfrentada pelos negros de articularem esses movimentos criada pelas condições da formação da sociedade escravagista brasileira. Para um maior entendimento dos movimentos de resistência negra no Brasil, ver Reis (1996) e Marquese (2006).

de bichos, com o ar parvo e esgazeado dos idiotas. Muitos não se tinham em pé: tropeçavam, caíam e eram levados aos ombros como fardos” (MARTINS, 1880, p. 50 *apud* NABUCO(2003 [1883]), p. 130).

Já em seus postos de trabalho, seja nas plantações, nas Casas-grandes, ou mesmo nas cidades, o proprietário do escravo poderia dispor dele sem que houvesse uma fiscalização efetiva da carga de trabalho ou das penalidades a que ficava submetido.

Nabuco (2003[1883]) argumenta que, ao contrário do que se dizia na época a respeito da escravidão – que no Brasil seria esta mais branda que em outros países da América – em terras brasileiras, eram praticadas inúmeras atrocidades contra os escravos. A única forma pela qual se poderia apresentar a escravidão como relativamente mais branda seria com a resignação total do escravo a tudo que seu senhor lhe impunha (NABUCO, (2003[1883], p. 124). Como apresenta também Ribeiro (1995, p. 120), muitas vezes os escravos eram submetidos a castigos constantes (chamados pedagógicos), para permanecerem dentro das regras, e, quando causavam algum problema, recebiam castigos exemplares, como queimaduras, mutilações, furos nos seios, entre outras atrocidades.

Freyre (2003 [1933]), quando rebateu os argumentos vigentes nas teorias que defendiam a inferioridade dos negros, relatou também as condições degradantes a que eram submetidos os escravos, que, segundo o autor, originavam o comportamento reprovável dos quais os negros eram acusados. Conforme Freyre(2003 [1933], p. 398), o africano foi tirado de seu convívio social e teve de abdicar de seus costumes para vir exercer, muitas vezes, atividades degradantes, como, por exemplo, carregar barris de excrementos sobre seus ombros.

Posteriormente, com a pressão interna dos pensadores que defendiam a abolição, a realidade econômica que apontava para a necessidade do trabalho livre e a pressão externa de países que já tinham abolido a escravatura, o país começou, no século XIX, a dar sinais de que a era da escravidão chegaria ao fim, mas isso se deu de forma lenta e paulatina. Entre 1831 e 1850, os governos brasileiro e inglês estiveram empenhados numa luta diplomática a respeito do fim do tráfico de africanos (como queria a Inglaterra), que então já era definido como pirataria. Como não chegaram a um acordo, em 1845 o governo inglês sancionou o Bill Aberdeen, lei que autorizava que fossem apreendidos, pela Inglaterra, os navios que se destinassem ao tráfico de

escravos para o Brasil(NABUCO (2003 [1883])). Em 1850, a lei Eusébio de Queiróz proibiu definitivamente o tráfico de escravos africanos para o Brasil. Porém, o tráfico perdurou por muitos anos mesmo após a promulgação dessa lei.

Em 1871 foi promulgada a lei do ventre livre, que dava liberdade aos filhos de escravas, nascidos após a data de promulgação da lei Eusébio de Queiróz. Entretanto, a liberdade só seria efetivada após os 21 anos de idade, até lá, os indivíduos continuavam sendo escravos.

A lei dos sexagenários foi promulgada em 1885 e dava liberdade aos escravos com mais de 65 anos de idade. Ou seja, quando os que conseguiam chegar a essa idade já não tinham mais condição de trabalhar para seus senhores.

E, finalmente, em 1888, foi promulgada a lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil.A lei contém apenas dois artigos. Quais sejam:

Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brazil.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrario (Fonte: Camara.leg.br. 2005).

Como podemos notar, a lei que aboliu a escravidão não disponibilizou nenhuma condição de melhoria à vida dos negros que, a partir daquele momento estariam “livres”, porém sem moradia, educação ou oportunidades de emprego.

Além disso, o próprio processo de abolição da escravatura não foi apenas oriundo de uma luta pela igualdade, como pode parecer à primeira vista, mas foi, também, um processo decorrente do próprio desenvolvimento econômico do período (IANNI, 1987, p. 29-30). Segundo Ianni (1987), em meados do século XIX, com o crescimento da economia brasileira, por conta do maior desenvolvimento da cafeicultura, e das relações do Brasil com a Inglaterra, o regime de escravidão começou a ficar insustentável, sendo necessário, para a geração de lucro, que os escravos fossem libertos:

A libertação do escravo é o processo pelo qual se dá um avanço na constituição das condições racionais indispensáveis à produção crescente de lucro. Somente quando o trabalhador é livre a sua força de trabalho ganha a condição efetiva de mercadoria. E, como tal, ela pode ser comprada segundo as necessidades da empresa, isto é, da produção de lucro. (IANNI, 1987, p. 30).

Segundo Nabuco (2003[1883], p. 110), o movimento abolicionista, do qual era grande defensor, além de defender o fim da escravidão por motivos morais, por ser esta uma violação hedionda dos direitos humanos e por ser incompatível com o desenvolvimento a que chegara o mundo de então, também reconhecia que a escravidão já não podia mais subsistir, por motivos políticos, econômicos e sociais.

Ademais, se, de alguma forma, poder-se-ia esperar que os negros teriam uma melhoria significativa de qualidade de vida e de direito à cidadania após a libertação, já que seu trabalho seria fundamental para tocar a economia do país, não foi assim que os fatos se desenrolaram. Ainda durante o processo de abolição da escravatura – desde a proibição do tráfico, em 1850, até 1900, quando já ocorrera a abolição total – ocorreu uma imigração em massa de trabalhadores europeus para as lavouras brasileiras, sob a justificativa de que faltava mão de obra para o trabalho (DOMINGUES, 2003).

Segundo Domingues (2003), na verdade, havia mão de obra no Brasil que excedia a quantidade de imigrantes europeus, o que contradizia o argumento dos empregadores. Esse fato nos leva ao entendimento de que a vinda desses imigrantes se constituiu como uma iniciativa das autoridades de promover um clareamento da população brasileira. Um dos indícios disso é que havia um entendimento equivocado de que os imigrantes eram culturalmente superiores aos negros. Esse entendimento se mostrou errôneo já que, por exemplo, na cidade de São Paulo, no ano de 1920, entre indivíduos acima de 14 anos, a quantidade de imigrantes alfabetizados era, proporcionalmente, menor que a dos brasileiros, enquanto que a porção de analfabetos entre os europeus era muito maior que a dos brasileiros (DOMINGUES, 2003, p. 91).

Segundo o autor, o fato de os empregadores da época insistirem na contratação de imigrantes, preterindo assim os homens negros então libertos, demonstrava o preconceito contra os indivíduos que não eram brancos, e, possivelmente, um esforço para o branqueamento da população brasileira, na tentativa de conferir aos brasileiros uma aparência de “superioridade” europeia.

Conforme Carone e Bento (2002), os esforços para a promoção do “branqueamento” da população brasileira se baseavam nas crenças de que a “raça” branca seria superior às outras, oriundas, principalmente, das teorias científicas e médicas

européias, já antes aqui mencionadas. De acordo com as autoras, essa era a solução apresentada pelos liberais abolicionistas para a complexa situação que se lhes apresentava à frente: como a população negra do Brasil se adaptaria à nova realidade do período pós-escravatura? Como podemos ver adiante:

Não houve por parte dos liberais, nenhuma preocupação concreta definida por medidas relativas aos escravos libertos, com o destino da população negra. Os seus argumentos visavam ou tinham como destinatárias as elites brancas, de modo a convencê-las de que a imigração aumentaria o coeficiente de “massa ariana” no país: o cruzamento e o recruzamento acabariam por branquear o Brasil num futuro próximo ou remoto. (Houve quem pensasse que a solução da questão do negro após a Abolição deveria ser a extradição e a fundação de colônias na África, ou quem defendesse, como Sylvio Romero, a manutenção da escravidão até que os negros sucumbissem no terreno econômico pela concorrência do trabalho livre do imigrante europeu) (CARONE; BENTO. 2002, p. 16).

No período após a abolição da escravatura, os negros experimentaram um doloroso processo de segregação que advinha de sua condição, até então, de escravos. Os negros não foram preparados para usufruírem de sua liberdade, pois não havia acesso à instrução para os ex-escravos, nem para suas famílias, e estes, assim, dedicavam-se apenas ao trabalho de subsistência, sem expectativa de melhoria na qualidade de vida. Eles precisavam competir com os imigrantes pelas vagas de trabalho e, na esmagadora maioria dos casos, ficavam com os ofícios menos valorizados, que não tinham como pré-requisito uma instrução educacional. Segundo Silva (2004):

Ao ex-escravo restou os trabalhos da rua e da casa, os trabalhos braçais e mal remunerados e que não exigiam qualificação educacional. Jogados à margem da sociedade, permaneceram marginalizados da política e excluídos da organização formal dos operários: os sindicatos criados pelo nascente movimento operário no Brasil, de predominância ideológica anarquista. Ele se somará à imensa população de pobres espalhados pelo país: reconhecidos como brasileiros, serão os cidadãos de segunda classe, subcidadãos, estrangeiros em seu próprio país(SILVA, 2004, p. 1).

Esse quadro de desigualdades entre negros e brancos tem sido mantido no decorrer da história brasileira. A herança deixada pelos tempos de escravidão e pela falta de políticas que auxiliassem os negros depois da abolição resultou num panorama grave de marginalização e discriminação dos negros, que tem deixado suas marcas em nossa sociedade até os tempos atuais, como veremos no próximo tópico, onde



apresentaremos uma visão geral de como as práticas racistas e as desigualdades entre negros e brancos permanecem bem presentes no Brasil.

### **2.2.1 O cenário do racismo no Brasil**

O racismo, no atual cenário brasileiro, na maioria das vezes se manifesta de forma velada. No nosso país paira a ideia de igualdade racial, visto que não há uma guerra racial declarada e, juridicamente, os negros possuem os mesmos direitos que os brancos. Entretanto, no cotidiano, o que se pode perceber é uma ocorrência constante de atos de cunho preconceituoso e segregatório contra os negros e contra a cultura identitária deles, decorrentes de todo o processo histórico de degradação do negro em nossa sociedade.

DaMatta (2001) argumenta que, diferentemente do que ocorre nos EUA e na África do Sul, no Brasil não existe o dualismo entre os negros e os brancos, baseado na origem genotípica do indivíduo. O preconceito, aqui, leva em conta a fenotípia da pessoa, ou seja, sua aparência. Como escreve DaMatta (2001):

Desse modo, o nosso preconceito seria muito mais contextualizado e sofisticado do que o norte-americano, que é direto e formal. A consequência disso, sabemos bem, é a dificuldade de combater o nosso preconceito, que em certo sentido tem, pelo fato de ser variável, enorme e vantajosa invisibilidade (DAMATTA, 2001, p. 43).

A demarcação nítida da diferenciação das origens dos indivíduos nos EUA e na África do Sul, não ficava apenas no campo das práticas cotidianas, mas era legitimada por leis que delimitavam os espaços permitidos aos negros. De acordo com Souza (2000), o que explica, resumidamente, essa diferença entre as formas de racismo cultivadas naqueles países do racismo que floresceu em solo brasileiro é a necessidade existente, nos referidos países, da nítida separação entre negros e brancos. A criação de leis que segregassem os indivíduos negros se fazia necessária para a união dos brancos que divergiam entre si (entre os americanos do Sul e os do Norte, nos EUA, e entre descendentes de ingleses e de holandeses, na África do Sul), enquanto no Brasil não existiam tais conflitos que acarretassem nos esforços para a união das classes brancas.

Aparentemente, esse tipo de relação estabelecida entre negros e brancos no Brasil seria mais benéfica que o existente nos países citados. Entretanto, segundo Ribeiro (1995), não se pode deixar de considerar que, naqueles países, existe um aspecto que, por assim dizer, favorece a construção da identidade de grupo e a luta contra o racismo, por parte dos negros. Ao serem explicitamente segregados da sociedade, estes estabelecem entre si uma relação de solidariedade, o que possibilita a organização na busca de melhoria de condições de vida. Já nas conjunturas onde ocorre o assimilacionismo existe uma dissolução dos grupos de pessoas negras, que são induzidas a uma obediência à ordem social instaurada, e isso dificulta sua organização grupal para a luta por melhorias. O autor defende que esse tipo de racismo acaba por desarmar o negro, dificultando e desencorajando sua luta contra as desigualdades que lhes são impostas, destacando que essa ideologia afeta, sobretudo, os intelectuais negros, conduzindo-os, conforme o autor:

[...] a campanhas de conscientização do negro para a conciliação social e para o combate ao ódio e ao ressentimento do negro. Seu objetivo ilusório é criar condições de convivência em que o negro possa aproveitar as linhas de capilaridade social para ascender, através da adoção explícita das formas de conduta e de etiqueta dos brancos bem-sucedidos.

Cada negro de talento extraordinário realiza sua própria carreira, como a de Pelé, a de Pixinguinha ou a de Grande Otelo e inumeráveis outros esportistas e atletas, sem encontrar uma linguagem apropriada para a luta antirracista. O assimilacionismo, como se vê, cria uma atmosfera de fluidez nas relações inter-raciais, mas dissuade o negro para sua luta específica, sem compreender que a vitória só é alcançável pela resolução social (RIBEIRO, 1995, p. 226-227).

Neste ponto, gostaríamos de estabelecer uma relação entre a teoria e um dos eventos trazidos em nosso primeiro *corpus* (os comentários sobre o ataque sofrido pela jornalista Maria Júlia). Maria Júlia é uma jornalista de destaque nacional, na atualidade, o que, provavelmente, ocasionou a grande repercussão alcançada pelos comentários racistas feitos contra ela e pela discussão em torno do ocorrido. Assim sendo, em uma sociedade em que os indivíduos tivessem uma noção de coletividade mais bem desenvolvida, seria de se esperar que a jornalista aproveitasse a oportunidade para uma discussão maior a respeito dos problemas decorrentes da discriminação racial no país. Porém, a jornalista falou brevemente sobre o evento e deixou claro que a forma como ela lutaria contra o preconceito seria com seu trabalho. Esse fato condiz com as observações de Ribeiro (1995) a respeito de uma deficiência na solidariedade das relações entre os negros no país.

Gostaríamos de ressaltar que esse posicionamento aparentemente neutro da jornalista não pode ser atribuído somente a seu discurso individual, como ator social, visto que não podemos desconsiderar todo o contexto em que esta se encontra inserida, ou seja, uma instituição midiática tradicional e, conhecidamente, conservadora. Ainda, assim, observamos que, ao apresentar um discurso deficiente de marcas de solidariedade entre as pessoas negras, ainda que este esteja vinculado aos valores defendidos pela instituição, a jornalista constrói sobre si uma representação que reforça o individualismo do sucesso do negro.

Silva e Rosemberg (2008, p. 77) compilaram alguns dados que descrevem as principais características das relações raciais no Brasil. Com base nesses dados, confeccionamos o quadro abaixo:

Quadro 1- Características das relações raciais no Brasil

Classificação	a) Um sofisticado sistema de classificação racial baseado na aparência resultante da apreensão simultânea de traços físicos (cor da pele, traços da face, cabelos), condição socioeconômica e região de residência.
	b) Um vocabulário racial comportando multiplicidade de termos.
Quantificação	c) Uma grande população preta <sup>12</sup> e mestiça (denominada "parda") – 46% da população –, o que faz com que o Brasil seja considerado o segundo país com a maior população negra do mundo (composta por pretos e pardos).
Relações	d) A convivência de padrões de relações raciais simultaneamente verticais, produzindo intensa desigualdade de oportunidades; e horizontais, em que não se observam hostilidades abertas ou ódio racial, o que pode acarretar convivência amistosa em determinados espaços sociais sob determinadas circunstâncias.

Fonte: Própria autora, com base nos dados de Silva e Rosemberg(2008, p. 77).

A respeito do item “d”, do quadro 1, Silva e Rosemberg (2008) observam que:

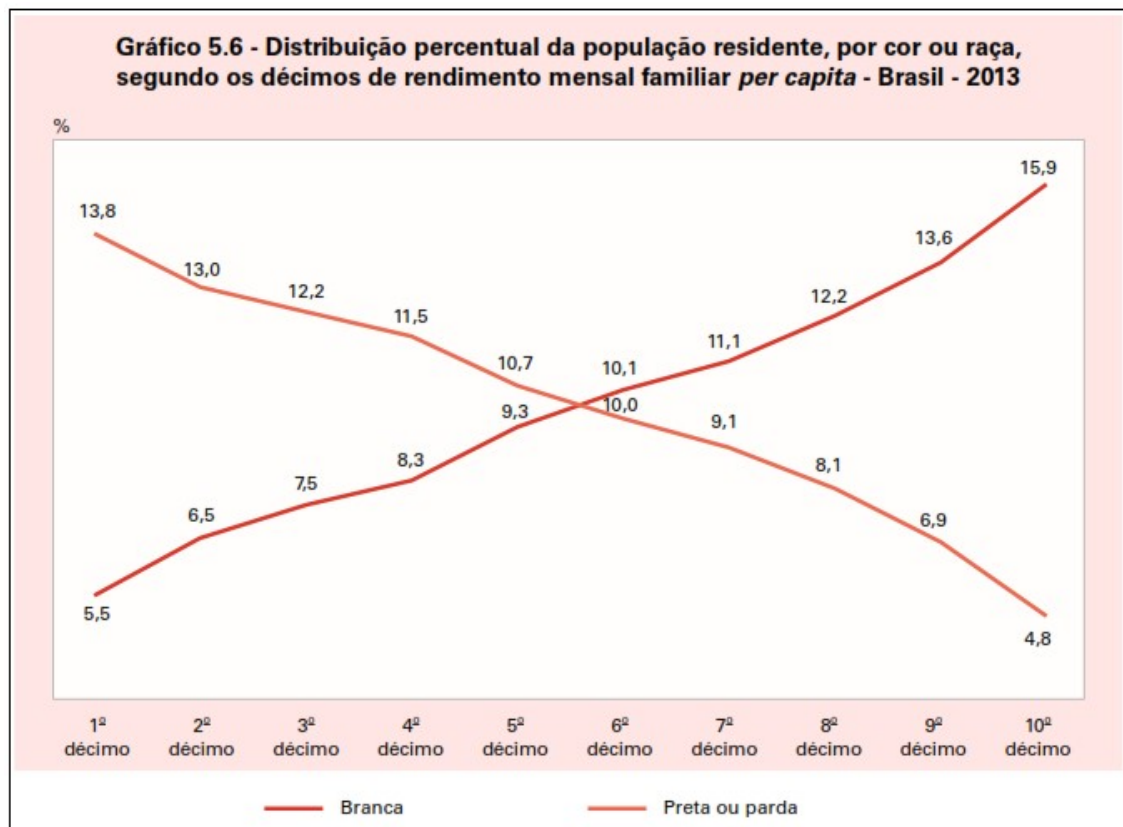
Esta última particularidade das relações raciais no Brasil (que transparece também na intensa miscigenação) associada ao

<sup>12</sup> Como veremos no decorrer do trabalho, o termo “preto” é utilizado para se referir à cor da pele dos indivíduos nos documentos oficiais em que são dispostas as estatísticas sobre a população brasileira, enquanto o termo “negro” é, geralmente, utilizado pelos movimentos antirracistas e pelos sociólogos e antropólogos. Acreditamos que, nessa passagem, os autores Silva e Rosemberg utilizaram as duas expressões pelo fato de que, na primeira colocação, o termo “pretos” compõe uma informação a respeito de estatística populacional e, na segunda, a expressão “negros” abrange um número muito maior de indivíduos (pretos e pardos) que estariam, assim, situados dentro da categoria “negros”, que não se refere somente à cor da pele, mas envolve muitas outras questões, como cultura, etnia etc.

processo de classificação racial baseado na aparência, acarretou a veiculação, internamente e no exterior, do mito da democracia racial brasileira. Tal mito pressupõe não apenas relações amistosas e cordiais, mas também igualdade de oportunidades. Além disso, atribuem-se apenas ao passado escravista as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros no Brasil (SILVA E ROSEMBERG, 2008, p. 77).

Segundo os autores, o racismo e a desigualdade de oportunidades foram se mantendo e se desenvolvendo ao longo dos anos, de forma que o quadro contemporâneo de racismo é fruto não só das injustiças históricas cometidas contra os negros, mas também dessa manutenção do racismo através dos séculos. A ilustração abaixo demonstra perfeitamente o panorama de desigualdade racial no Brasil contemporâneo e mostra que essa realidade perdura até os dias de hoje:

Ilustração2: Distribuição percentual da população residente, por cor ou raça, segundo os décimos de rendimento mensal família *per capita* – Brasil – 2013<sup>13</sup>



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, 2013. –  
 Exclusive população sem rendimento e sem declaração de rendimentos – (apud IBGE

<sup>13</sup> Observamos que os dados dispostos nesse gráfico são referentes ao ano de 2013, visto que eram estes os dados mais atualizados no momento de nossa pesquisa.

2014).

Na ilustração está disposta a distribuição dos rendimentos por décimos, segundo a cor e a raça. O que se pode perceber é que a maior parte da população classificada como preta<sup>14</sup> ou parda está no grupo dos menores rendimentos e que o quantitativo populacional desse grupo étnico vai diminuindo à medida que os valores de rendimentos aumentam, enquanto os indivíduos classificados como brancos apresentam a relação exatamente oposta, aumentando sua participação, ao passo que os rendimentos crescem. Acrescentamos a isso os dados que o IBGE (2014) levanta acerca da escolaridade dos brasileiros, que mostram que, do total de estudantes entre 18 e 24 anos, somente 40,7 % dos jovens pretos e pardos frequentam a modalidade de ensino de nível superior, enquanto, entre os jovens brancos, esse percentual vai para 69,4% do total.

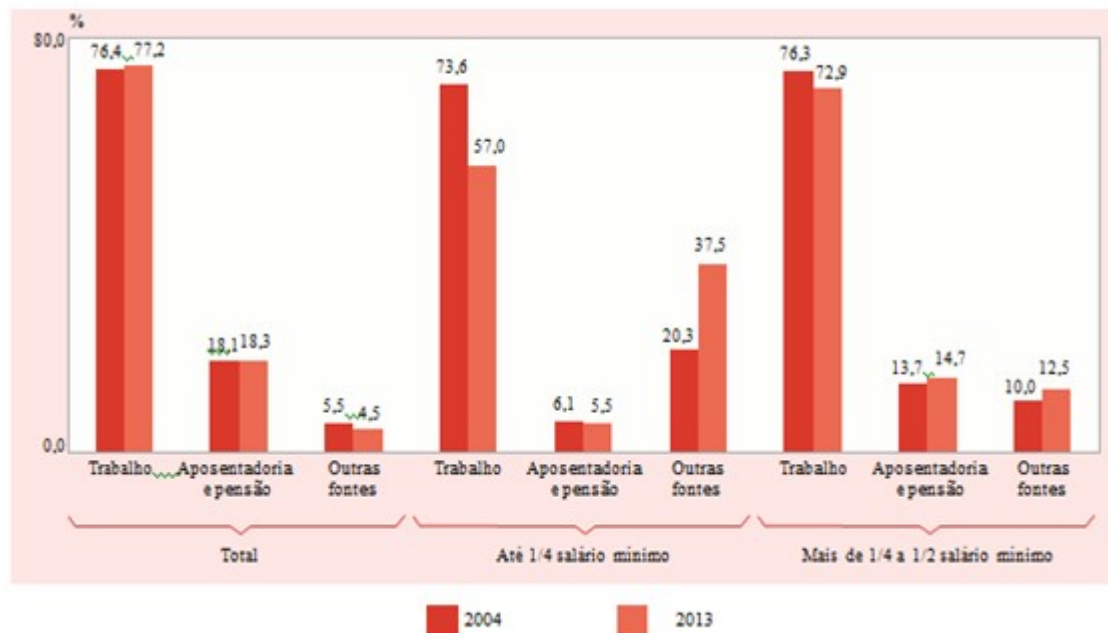
Conforme esses dados, pode-se perceber claramente que os negros ainda possuem os menores índices em importantes indicadores de qualidade de vida e desenvolvimento humano, o que demonstra que não existe, de forma alguma, igualdade na distribuição de bens e oportunidades, em se tratando de indivíduos de cores de pele diferentes.

O panorama de desigualdades entre negros e brancos pode ser, novamente, verificado nos dias atuais, através de diversos dados estatísticos que demonstram as condições de acesso à educação, qualidade de vida, pobreza etc. A ilustração 3 indica a evidente discrepância entre o quantitativo de negros e o de brancos que compõem os 10% mais pobres do país, e, ainda, de negros e de brancos que constituem o 1% mais rico, entre os anos de 2004 e 2013.

---

<sup>14</sup> O IBGE (2014) considera cinco categorias para a classificação quanto a cor ou raça: branca, preta, amarela, parda e indígena. A classificação é feita com base na combinação de perguntas dirigidas ao entrevistado, a respeito da cor, da cultura, da origem familiar etc. e na heteroclassificação pelo entrevistador.

Ilustração 3 - Distribuição percentual dos rendimentos, total e arranjos com até ¼ de salário mínimo e de mais de ¼ a ½ salário mínimo de rendimento mensal familiar *per capita*, segundo a origem dos rendimentos – Brasil – 2004/2013



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios 2004/2013. (Apud IBGE 2014) – Excluído arranjos familiares sem rendimentos e sem declaração de rendimentos.

Considerando que, em 2013, 52,9% da população foi classificada como pretos ou pardos, fica claro que a distribuição de renda no país, hoje, com relação a brancos e negros, ainda é completamente desigual. Entendemos que essa conjuntura é reflexo da desigualdade racial que, ainda hoje, se faz presente, de maneira marcante em nosso país e que expressa, concomitantemente, as consequências de toda a subjugação e racismo sofridos pelos negros no país e as causas de sua manutenção ao longo dos anos.

Com relação às desigualdades sociais, um grande entrave que encontramos na quantificação dos dados é o critério de coleta de dados étnicos nos censos do Brasil. Desde 1872, quando foi feito o primeiro recenseamento geral da população do país, até os censos mais atuais, a nomenclatura e os critérios de classificação étnica sofreram muitas alterações, havendo ainda períodos em que o censo não coletou informações sobre cor ou raça (a saber, 1900, 1920 e 1970). Durante os séculos XVIII e XIX, foram encontrados critérios de classificação tanto nas origens quanto no fenótipo, e ainda, na condição social, em que aparecem as condições de escravo e livre (especificamente para o censo de 1872), e que nos censos atuais, o registro é feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – utilizando uma série

de perguntas sobre como o indivíduo se classificaria etnicamente, suas origens, em qual contexto cultural ele se insere etc. e, juntamente com esse questionário, é utilizada a heteroatribuição, procedimento em que o entrevistador atribui cor ou raça ao entrevistado. Essa alternância – ou até mesmo falta – de critérios para a classificação da diversidade de tons de pele e de identidade racial que a população brasileira apresenta se constitui em uma grande dificuldade para o levantamento de dados concretos para o estudo das desigualdades étnico-sociais no país. Segundo Piza e Rosemberg (2002):

Esta pobreza de informações estatísticas, tanto em sua coleta, quanto em sua divulgação, tem sido denunciada como estratégia para jogar a questão racial no limbo das discussões sobre prioridades nacionais econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais (PIZA E ROSEMBERG, 2002, p. 99).

As autoras ainda chamam a atenção para o fato de os critérios, tanto de autoclassificação como de heteroclassificação poderem divergir entre si, e, da mesma forma, divergir daquilo que seria de fato a realidade da população brasileira no que concerne ao quantitativo de pessoas das variadas etnias, fato que poderia prejudicar a compreensão de como se dão as relações étnico-raciais no país. As autoras atentam ainda para o fato de não haver pesquisas contundentes sobre quais impactos essas diferentes formas de classificação poderiam ter sobre os resultados etnográficos dos censos brasileiros.

Para além disso, Sales (2009), apresentando dados sobre as taxas de mortalidade nos últimos anos no Brasil, constata que as principais vítimas de homicídio no país são pessoas negras, além do que, “[...] a cor de uma pessoa é fator importante na vitimização pela polícia em casos de tortura e execução sumária” (SALES, 2009, p. 147). Segundo o autor, o sistema jurídico do nosso país também dispensa um tratamento diferente aos negros e aos brancos.

Tanto brancos como negros cometem crimes nas mesmas proporções, entretanto os réus negros tendem a sofrer maior perseguição pela vigilância policial e precisam enfrentar maiores dificuldades para obterem acesso à justiça criminal e para usufruir o direito de ampla defesa assegurado por lei. Na verdade, as pessoas negras enfrentam mais obstáculos para terem acesso à justiça em geral, e, principalmente nos casos de racismo, que, na maioria das vezes, não apresentam punição aos agressores (SALES, 2009, p. 147-148).

Considerando todas essas questões, pode-se notar como as disparidades entre brancos e negros são inegáveis. Entretanto, mesmo com a realidade de desigualdades sofridas pelos negros ao longo da história, até os fins do século XX ainda prevalecia de forma absolutana a crença de que havia, de fato, democracia racial. Além disso, os movimentos sociais que poderiam questionar esse quadro não possuíam visibilidade. Entretanto, na segunda metade do século – mais especificamente na década de 70 – foram surgindo movimentos sociais importantes para o reconhecimento do racismo que ocorre no Brasil, que não cerceia juridicamente os direitos dos negros, porém ocorre de forma estruturada e atenuada, em atos que desvalorizam e ofendem os indivíduos com base em seu fenótipo. Somente em 1990 o governo reconheceu que possuía uma dívida histórica com a parcela negra da população.

Em 1951, foi aprovada a lei Afonso Arinos, que considerava como contravenção penal práticas relacionadas a preconceitos de raça ou de cor. Em 1989, essa lei foi substituída em sua essência por um texto integrado à constituição de 1988, transformando as práticas em crime e ampliando as penas. Em 1997, foram incluídas entre as práticas consideradas crime inafiançável o xingamento e a ofensa baseados na origem e na cor da pele do indivíduo. Como podemos notar, a legislação que trata dos problemas das relações étnico-raciais no Brasil ainda é recente, se pensarmos em todo o histórico de sofrimento e opressão sofridos pelas pessoas negras no país.

Conforme Guimarães (2004), por muitos anos perdurou no Brasil o pensamento de que práticas racistas do cotidiano eram, na verdade, problemas relacionados às diferenças de classes sociais, o que mascarava os atos de racismo. O reconhecimento dessas práticas como racismo foi construído ao longo de um processo de pequenas conquistas, que passaram pela conceituação dos grupos da sociedade brasileira como grupos mais fechados que as classes e o conhecimento dos princípios de hierarquia e de desigualdade contidos na ideologia dessa sociedade.

Hoje, através do trabalho de diversos grupos envolvidos com a luta pela afirmação negra e contra o racismo, é possível notar uma melhoria no entendimento de como o racismo opera no Brasil, e uma melhor compreensão do porquê de práticas, em



outros tempos ignoradas, serem consideradas práticas racistas, apesar de grande parcela da sociedade ainda não admitir esse fato. Dessa forma, pode-se afirmar que “[...] o discurso progressista e antirracista no Brasil funda-se sobre a inaceitabilidade de uma ordem de desigualdades sustentada pela exclusão, da imensa maioria dos brasileiros, dos direitos da cidadania” (GUIMARÃES, 2004, p. 22-23).

Como esperado, toda essa realidade de segregações e desigualdades está refletida na forma como a mídia representa o negro. No próximo tópico, abordaremos esse assunto com o auxílio de algumas pesquisas sobre o tema.

### 2.3 O RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA BRASILEIRA

O nosso interesse em analisar os discursos dispostos nas mídias sobre eventos relacionados ao racismo surgiu da observação empírica de que os textos presentes nas mídias, em geral, parecem ratificar os preconceitos existentes no senso comum, mesmo quando a intenção parece ser, ao contrário, denunciá-lo.

Além disso, segundo van Dijk (2015, p. 31), o preconceito e a discriminação, longe de serem inatos, são aprendidos, principalmente por meio do discurso público que, por sua vez, é em grande parte controlado pelas elites simbólicas, incluindo-se aí as instituições midiáticas e as figuras públicas de destaque. O autor defende que as elites sempre tiveram importância destacada na dominação étnica e racial, e que os seus discursos sempre influenciaram o discurso e as práticas das classes mais populares. Segundo ele, uma característica do racismo apresentado pelas elites é que ele é fundamentalmente discursivo, ou seja, as elites simbólicas disseminam suas crenças e ideologias, de forma contundente, por intermédio da fala e da escrita. Assim, neste tópico, discorreremos sobre o discurso que se apresenta nas formas de representação das pessoas negras e do racismo, na mídia.

Para Guimarães (1995-), de acordo com seu estudo feito no fim da década de 1980, a luta antirracista, já nesse período, vinha ganhando espaço na mídia e entre os intelectuais brasileiros, com denúncias contra o racismo sendo publicadas em jornais de grande circulação, nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, e, ainda, na revista *Veja*, que possui abrangência nacional. Contudo, esse processo

ainda estaria no início e teria muito a se desenvolver. O autor atribui esse fato ao aumento dos movimentos sociais e à institucionalização da luta antirracista, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

Fato interessante é que uma grande parcela de vítimas do racismo contava com empregadas domésticas, que sofriam com o racismo por parte de condôminos dos residenciais onde exerciam suas atividades profissionais. As domésticas eram impedidas de frequentarem os ambientes de convívio social dos prédios onde trabalhavam, e esses casos só se tornavam conhecidos quando eram denunciados pelos seus patrões. Ou seja, nem nesse momento de denúncia era dada voz ao negro, mas sim a um membro da elite, que intercedia por aquele. Pôde-se perceber, ainda, que nas representações desses casos, na maioria das vezes, o racismo ainda era confundido com desigualdade de classes.

Araújo (2000) defende que os meios televisivos e publicitários não enxergam os negros como mercado consumidor amplo, e continuam ditando seus modelos conforme o padrão do homem branco, reproduzindo os estereótipos negativos a respeito das pessoas negras e trabalhando de forma muito tímida e desarticulada questões relativas às desigualdades étnico-raciais. Segundo o autor, em toda a história da televisão brasileira, que se iniciou em 1951, a maioria dos personagens negros tiveram suas inspirações nos estereótipos criados nos folhetins do período de escravatura. Ele chama a atenção para o fato de que, até o início dos anos 90, nenhuma novela tinha abordado diretamente a temática do conflito racial brasileiro contemporâneo, apesar de, nos anos 60, 70 e 80, a abolição ter figurado entre os temas das telenovelas, o que, para Araújo (2000), demonstra, possivelmente, um reflexo do mito da democracia racial, pois, se não há conflitos étnico-raciais no país, então qual seria a necessidade de tratar o assunto sob uma ótica contemporânea? Na publicidade, repetiu-se ora a invisibilidade dos negros, ora a reprodução dos estereótipos negativos. Conforme o autor, somente no ano de 1997 tivemos a representação da família negra de classe média na **publicidade**.

À semelhança, Silva e Rosemberg (2008), com base nos trabalhos sobre mídia e racismo pesquisados, em sua obra indicam algumas particularidades presentes na representação dos negros no Brasil nos veículos midiáticos analisados:

- (I) Predominância da sub-representação do negro, nos diversos meios;

- (II) Silenciamento das mídias sobre as desigualdades raciais. Esse silêncio, segundo os autores, acaba por negar os processos de discriminação racial, buscando, assim, ocultar a racialização das relações sociais, e, da mesma forma, propor uma homogeneidade cultural ao “brasileiro”;
- (III) Tratamento do branco como representante *natural* da espécie, admitindo, assim, as características do branco como a norma de humanidade;
- (IV) Representação estereotípica do homem, da mulher e da criança negros, manifestada principalmente na associação do negro com criminalidade em jornais, literatura e cinema, na ocupação de funções socialmente desvalorizadas na televisão, literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos e na exploração dos estereótipos de “mulata”, “sambista”, “malandro” e “jogador de futebol”, associados aos negros na literatura, na publicidade impressa e televisiva, e no cinema (SILVA E ROSEMBERG, 2008, p. 82).

Segundo os autores, nos jornais a constituição de alguns estereótipos para a representação dos negros tem se mantido desde o século XIX. Em geral, o negro tem sido retratado principalmente nas editorias policial, associado à criminalidade; de esporte, especialmente no futebol e no atletismo; de cultura, normalmente como cantores e/ou músicos.

Conceição (1998) chama a atenção para o fato de figurarem nas páginas policiais, de uma forma aterradora, a presença de fotos de negros, seja como acusados de cometerem crimes, seja como vítimas, e que, embora, por motivos variados, o autor da notícia, muitas vezes, não faça menção à etnia, a foto se constitui num fator absoluto para a inferência da cor do indivíduo pelo leitor do jornal. Segundo o autor, essa avalanche de imagens de negros relacionadas à criminalidade acaba por cristalizar uma associação da imagem do afro-brasileiro com a própria imagem do crime.

Ainda, conforme o autor, os jornais brasileiros não se declaram abertamente racistas – como já o fizeram outrora – por conta da legislação que criminaliza a discriminação racial no Brasil, e até mesmo por razões mercadológicas, já que, atualmente, as

conquistas alcançadas pelos movimentos antirracistas não permitiriam a essas instituições assumirem tal postura. Entretanto, o racismo pode ser percebido pela forma de representação do negro nos jornais: ou ele é excluído ou, quando aparece, é retratado de forma a reproduzir e reforçar os estereótipos a ele atribuídos. Para Araújo (2000), nos telejornais brasileiros o negro também tem sido representado de forma negativa, segundo ele, nesse meio midiático:

[...] a liderança social política e afro-brasileira continua excluída da representação do seu grupo étnico, desde os debates sobre problemas cotidianos da sua comunidade aos grandes problemas nacionais, como a economia e a política do país. A apresentação do negro como pobre e favelado, sufocado em um mundo de violência, ignorância, homicídio e drogas, é parte da estrutura rotineira dos noticiários (ARAÚJO, 2000, p. 87).

Para Silva e Rosemberg (2008), de modo geral, mantém-se, na mídia brasileira, o discurso que não retrata os problemas de relações raciais existentes no país. Mas, em contrapartida, os autores apresentam algumas pesquisas que apontam para mudanças – algumas positivas, outras nem tanto – na forma de representação do negro.

Algumas pesquisas acadêmicas que tiveram como aporte teórico os Estudos Críticos do Discurso, também encontraram uma representação negativa do negro por parte da imprensa. Podemos citar aqui, Martins (2004), em sua tese de doutorado, que pesquisa o racismo no discurso da imprensa sobre as cotas para negros nas universidades, nos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e A Tarde. Entre as conclusões do autor, podemos destacar que a imprensa, nos casos analisados, representou o negro como subalterno, quase sempre como público-alvo das políticas afirmativas, sem atuação e passivo.

Silva (2009), em sua tese de doutorado, investiga a construção de identidades étnico-raciais no Brasil e tem como parte de seu *corpus* notícias a respeito de casos de racismo. A autora, entre suas conclusões, argumenta que, nas notícias analisadas, as pessoas que sofreram a ação racista são representadas como vítimas e, em geral, suas vozes não aparecem nas notícias.

Caetano (2007), também em sua tese de doutorado, pesquisa como são representadas as relações raciais brasileiras em jornais impressos, nos anos de 1995, 2001 e 2005. O estudo utilizou o aporte teórico dos Estudos Críticos do

Discurso para analisar textos do jornal Folha de São Paulo que continham a palavra-chave “racismo”, para a realização de uma análise dos contextos semântico-lexicais encontrados junto ao termo. O autor encontrou alguns sinais de uma abertura do discurso a mudanças com relação a práticas secularizadas de racismo, entretanto, foram apontados muitos usos naturalizados de termos que já não são mais aceitos pelas ciências sociais, para se referir aos negros e ao racismo, mas que ainda são, segundo o autor, “tomados como naturais na vida social”.

Assim, temos notado que há ainda um número relativamente baixo de pesquisas que tratam do racismo no discurso jornalístico, principalmente com base no Estudos Críticos do Discurso. Dessa forma, temos percebido a necessidade de mais discussões a respeito dessa temática, sob um viés crítico dos estudos discursivos.

Em suma, podemos perceber que, apesar de nas últimas décadas a mídia brasileira ter apresentado mudanças na forma de representação do negro, na maioria dos casos, pode-se notar a manutenção dos estereótipos negativos atribuídos aos negros e da postura racista.

## 2.4 POR QUE AS MÍDIAS AMBIENTADAS EM MEIOS DIGITAIS?

Neste estudo, optamos por analisar comentários da notícia sobre a ocorrência de falas de teor racista contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, também chamada de Maju, bem como os comentários sobre a postagem do humorista Mauricio Meirelles, publicada a respeito do produtor de teatro que fantasiou seu filho adotivo, que é negro, de Abu, o macaquinho do personagem infantil Aladim.

Entendemos que os comentários realizados nesses dois tipos diferentes de mídia nos dão uma amostra de como os atores sociais expressam suas opiniões em um tipo de mídia que tem conquistado muito espaço na atualidade, as mídias virtuais. Seja nos comentários de notícias ou de postagens no *Facebook*, o discurso possui uma temática relativamente orientada pelo discurso principal (no nosso caso, a notícia e a postagem do humorista). Mesmo que alguns comentários possam

abordar temáticas diferentes daquela que origina o comentário, a tendência natural é que a temática tenha relação com o assunto principal.

Segundo Castells (2005), a sociedade atual é baseada em redes globais e isso é possibilitado pelo grande avanço tecnológico que vivemos nas últimas décadas. Para o autor, a sociedade em rede é:

[...] uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CASTELLS, 2005, p. 20).

Segundo o autor, a transformação da comunicação é uma das características centrais da sociedade em rede, assim, o sistema de comunicação está cada vez mais interativo e menos centralizado.

Segundo Recuero (2016), os *sites* de redes sociais propiciam a ampliação das características das interações que ocorrem em grupos sociais, e essas mudanças ocorrem sob influência das características do suporte em que se encontram. Para a autora, as falas dos atores sociais, no espaço mediado pelo computador podem manifestar ideologias que são legitimadas pelas interações que ocorrem na sociedade. Conforme a autora, “o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica” (RECUERO, 2016, p. 20).

A postagem de comentários em mídias virtuais é um recurso ainda relativamente novo, entretanto, as características dos comentários digitais não divergem significativamente dos comentários do cotidiano. Assim, como afirma Araújo (2016), muitas vezes, o gênero discursivo, sendo utilizado no ambiente virtual, adquire novas características decorrentes das possibilidades proporcionadas pelo ambiente, contudo não perde suas características essenciais. Entendemos que o gênero comentário, ao ser utilizado nas redes sociais digitais, preserva sua função essencial, que é a de comentar determinado evento, pois, embora haja casos em que o comentário fuja do tema principal, essa é a função que se espera dele.

Os dois eventos que compõem nossos *corpora* tiveram sua primeira ocorrência no *Facebook*, alcançando grande repercussão em outros tipos de mídia e dentro da própria rede social.

O *Facebook*, que foi lançado inicialmente com o propósito de facilitar a comunicação entre estudantes de Harvard, é, atualmente, utilizado por milhões de pessoas, em diversas partes do mundo. A rede social possui o recurso de atualização do *status*, com a seguinte frase: “No que você está pensando?” e um recurso de comentário, que, muitas vezes, é utilizado como um minifórum de discussão (BARTON; LEE, 2015).

Entendemos que essa mídia tem exercido papel de destaque no cotidiano dos brasileiros na atualidade, uma vez que muitos discursos oriundos dela transpassam suas barreiras e ganham destaque nas discussões diárias e em diversas mídias, sejam estas virtuais, impressas, televisionadas etc. e, da mesma forma, os acontecimentos do cotidiano, muitas vezes direcionam as temáticas dentro do *Facebook*. Paiva (2016) argumenta que

o FB é uma boa amostra virtual do mundo real. Lá estão crianças (apesar das normas que estipulam a idade mínima de 13 anos) e adultos de várias partes do mundo, de crenças e culturas diferentes e com hábitos e intenções diferentes. [...] Além disso, as notícias que pautam a imprensa pautam também os comentários no FB (PAIVA, 2016, p. 68).

Dessa forma, compreendemos que analisar os discursos que estão direta (no caso da postagem do humorista) e indiretamente (no caso dos comentários contra a jornalista) ligados a uma grande instituição midiática em meio digital, como é o *Facebook*, nos fornece um material rico de informações a respeito dos discursos que circulam nas grandes mídias no Brasil.

Tendo feito essa contextualização dos temas que temos abordado nesta pesquisa, nos encaminhamos, então, para o próximo capítulo, onde explanaremos sobre o nosso aporte teórico.

### **CAPÍTULO 3 – ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO: DEFINIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

Como já exposto no capítulo introdutório dessa dissertação, para nossa pesquisa optamos por buscar amparo teórico nos Estudos Críticos do Discurso, pelo posicionamento das pesquisas em favor da desconstrução do discurso de dominação social. Optamos especialmente] pelos estudos de van Dijk, em sua abordagem sociocognitiva dos estudos do discurso, pelo fato de o autor possuir um amplo repertório de pesquisas sobre o discurso racista e sobre a negação do racismo.

Neste capítulo, iremos discorrer a respeito dos pressupostos teóricos que fundamentam nossa pesquisa, iniciando por um breve histórico dos Estudos Críticos do Discurso.

#### **3.1 DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO À TEORIA SOCIOCOGNITIVA DE TEUN VAN DIJK**

Os Estudos Críticos do Discurso abarcam as pesquisas direcionadas a uma abordagem crítica e social do discurso. O marco fundador dos ECD se deu no início dos anos de 1990, num pequeno simpósio em Amsterdã, onde os estudiosos Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak estiveram reunidos e discutiram métodos de análise do discurso. Nesse encontro, os pesquisadores puderam dialogar acerca das diversas formas de abordagem de suas teorias, na busca por delimitar as diferenças dos ECD com relação a outras teorias de análise do discurso e as semelhanças nas teorias e metodologias adotadas por estes. Até os dias atuais, muitas das definições daquele encontro são utilizadas nas pesquisas dos ECD (WODAK in WODAK e MEYER, 2004, p. 227).

Segundo Wodak (2004, p. 226), os ECD estabelecem uma relação de continuidade com a Linguística Crítica (LC), que foi desenvolvida nas décadas de 1970 e 1980, com Roger Fowler, Tony Trew e Gunther Kress, principalmente na *University of East Anglia*. Pode-se notar essa continuidade principalmente no



entendimento de que os discursos são ideológicos e os signos não são arbitrários. Como raízes da LC e dos ECD, a autora cita a linguística sistêmica funcional, a retórica clássica, a linguística textual, a sociolinguística, a linguística aplicada e a pragmática. E como principais temas de estudo, as questões de gênero social, de racismo, o discurso da mídia e as dimensões da identidade. Acerca dos fundamentos dos ECD, pode-se destacar que, em seus estudos, há a ênfase na abordagem dos problemas sociais, o discurso é admitido como uma forma de ação social e as relações de poder são discursivas.

Van Dijk (2012b) apresenta, de forma detalhada, a importância do estudo do contexto para uma análise crítica do discurso. Segundo o autor, apesar das contribuições dos ECD (também conhecidos como ACD – Análise Crítica do Discurso) para uma abordagem mais crítica e socialmente posicionada dos estudos do discurso, esses trabalhos não relacionaram sistematicamente contexto e discurso. Para o autor:

Apesar de seu amplo estudo das dimensões sociais e políticas do discurso, porém, a ACD não produziu uma teoria própria do contexto e das relações entre contexto e discurso [...]. Na realidade, muitos daqueles estudos pressupõem formas variadas de determinismo social, de acordo com as quais o discurso é controlado diretamente (ou 'em última análise') pelas forças sociais (VAN DIJK 2012 b, p. 24).

Van Dijk (2012b) destaca de forma contundente, em sua proposta de abordagem sociocognitiva, a importância do estudo do contexto como uma construção cognitiva e social, e defende que é imprescindível a análise desta construção para os estudos do discurso. O autor apresenta a tríade discurso-cognição-sociedade para explicar a relação entre os elementos cognitivos, os sociais e o discurso. No próximo tópico, faremos algumas considerações acerca da teoria do contexto, e da citada tríade.

### **3.1.1 Modelos mentais e contexto: a tríade discurso-cognição-sociedade**

Segundo a abordagem dos Estudos Críticos do Discurso defendida por van Dijk, quando se pretende compreender como se constroem os discursos de dominação de um grupo sobre o outro, necessariamente deve-se considerar o contexto e a cognição. Desse modo, van Dijk (2012b) propõe, dentro de sua abordagem sociocognitiva, que há a importância mútua da situação comunicativa em que os atores sociais estão inseridos e dos conhecimentos compartilhados por estes. Nesse sentido, é importante observar que contexto e cognição não são independentes, mas interagem ativamente, de forma que um constitui o outro, simultaneamente.

Conforme Koch (2003, p. 22), os conceitos de contexto, desde o início das pesquisas sobre o texto, passaram por muitas evoluções no decorrer dos anos, a depender do autor e da perspectiva teórica adotada. Nos primeiros trabalhos voltados para o estudo do texto, os estudiosos preocupavam-se apenas com a análise do entorno verbal, demonstrando uma preocupação centrada principalmente nos aspectos sintáticos e semânticos do texto, num estudo que perpassava as estruturas interfrásticas, mas que não iam além do nível textual, do contexto. Enquanto que os pragmaticistas direcionavam seus estudos para as questões que iam além do texto: a situação comunicativa, os elementos dêiticos, e as expressões indiciais, visto que o texto era entendido como a unidade básica de comunicação/interação humana, ganhando destaque o “[...] contexto imediato (participantes, local e tempo de interação [...]) e, posteriormente, o contexto mediato ou o entorno sócio-histórico-cultural” (KOCH e ELIAS, 2012, p. 81). Finalmente, passou-se a discutir o contexto sociocognitivo, que abrange todo o contexto cognitivo pessoal e as experiências oriundas das relações sociais do indivíduo.

Van Dijk, desde a década de 1970<sup>15</sup>, em suas pesquisas –inicialmente na área de Linguística Textual e desde a década de 80 mais voltadas para os estudos do discurso – evoluiu seus estudos, contribuindo, assim, significativamente para a compreensão do contexto nas pesquisas sobre texto e discurso.

Inicialmente, o autor ainda considerava o contexto como uma entidade mais propriamente social e ainda mantinha uma separação entre o contexto e o discurso.

---

<sup>15</sup> Observamos que o autor, desde a década de 1980, tem voltado seus estudos para as investigações no campo do discurso. Entretanto, entendemos que se faz necessária essa explicação a respeito do histórico de seus estudos sobre o contexto e suas contribuições para as pesquisas em Linguística Textual.

Atualmente, o contexto é caracterizado pelo autor como um tipo de modelo mental, uma entidade que está para além da situação comunicativa, e que se constitui num resultado subjetivo das impressões que os participantes da comunicação depreendem das situações sociais. Ou seja, o contexto não pode, de maneira nenhuma, ser entendido apenas como o evento objetivo, em seus aspectos socio-históricos, em que o ator social está inserido, uma vez que cada indivíduo possui suas experiências particulares e um modo peculiar de percebê-las – ou seus próprios modelos mentais – o que influenciará na produção dos discursos como práticas sociais.

Para van Dijk (2012b), o modelo de contexto é concebido como os modelos mentais mais gerais e também está relacionado às experiências socio-culturais do indivíduo, de forma que “[..] organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno [...]”, com a característica especial de ser voltado para a organização da forma como estruturamos e adaptamos nossos discursos à situação comunicativa global (VAN DIJK, 2012b, p. 107).

Os modelos mentais, por sua vez, são definidos como representações cognitivas das experiências, uma vez que as diversas experiências vivenciadas pelos indivíduos e a forma como esses as assimilam e as compreendem vão formando modelos que norteiam as ações e os discursos e, da mesma forma, vão se modificando e se reconstruindo ao contato com outros discursos e com cada nova experiência (VAN DIJK 2012b, p. 94).

O conceito de modelo mental tem sido trabalhado por diversas abordagens das ciências cognitivas, com nomenclaturas diferentes, mas com algumas características em comum que são relevantes para o nosso estudo, uma vez que estes influenciam sobremaneira o discurso e as demais práticas sociais.

Para entendermos o conceito de modelos mentais, é necessário que façamos algumas considerações a respeito da memória. A memória é tradicionalmente classificada a partir de uma divisão entre *short term memory*, *STM* (ou memória de trabalho) e *long term memory*, *LTM* (memória de longo prazo). O processamento de informações como, por exemplo, a percepção, o monitoramento da interação e a compreensão e produção discursiva, ocorre na *STM*, fazendo uso da informação

armazenada na LTM, onde se encontram os vários tipos de representações mentais (VAN DIJK 2012a, p. 202).

Dentro da LTM há também uma subdivisão entre memória episódica e memória semântica. A memória episódica armazena as experiências que resultam daqueles processamentos realizados na STM, assim, essas experiências estão em um nível mais pessoal, enquanto a memória semântica armazena as informações compartilhadas socialmente, que podem ser consideradas como parte de nosso conhecimento de mundo. Por isso, van Dijk (2012a) denomina a memória semântica como “memória social” (VAN DIJK 2012a, p. 202).

Os modelos mentais são armazenados inicialmente na memória episódica, uma vez que representam eventos específicos e equivalem à interpretação pessoal de cada evento. Entretanto, eles integram informações pessoais e sociais, servindo de interface entre o social e o individual. Os modelos mentais podem também vir a constituir a memória social, quando vêm a ser compartilhados e socialmente aceitos como norma (VAN DIJK 2012a, p. 204-205).

O contexto é também um tipo de modelo mental, que tem em especial a característica de ser um modelo que representa a interação verbal e que organiza a estruturação discursiva e sua adaptação à situação comunicativa (VAN DIJK, 2012b, p. 107). Apesar de subjetivo, é compartilhado a partir de uma base cultural comum,<sup>16</sup> uma vez que o entendimento entre os seres humanos acontece porque eles conhecem as condições de interação e entendem que seus destinatários compartilham conhecimentos sobre gramática e léxico, além de conhecimentos socioculturais gerais, como elementos integrantes daquele determinado contexto em que estão inseridos (VAN DIJK, 2012b, p. 140).

Nessa perspectiva, para melhor compreensão do contexto, van Dijk (2012b) sugere algumas categorias que devem ser consideradas nos estudos do discurso. Essas categorias dizem respeito a vários aspectos do contexto que podem influenciar a produção discursiva e que devem ser consideradas em uma análise de determinado discurso, visto que a forma como o indivíduo interpreta e se relaciona com as

---

<sup>16</sup>Van Dijk (2012b) trabalha, principalmente, com a concepção de base comum de Clark (1996): que a define como a soma dos conhecimentos e crenças que os participantes compartilham.

categorias do contexto está profundamente relacionada à forma como se dará sua produção discursiva:

- Ambiente em que se passa determinado evento (Tempo/Período; Espaço/Lugar/Entorno);
- Participantes do evento comunicativo;
- O Eu-mesmo (Esta categoria divide-se em algumas subcategorias):
  - >Papéis comunicativos,
  - >Tipos de papéis sociais,
  - >Relações entre os participantes,
  - >Crenças e conhecimentos compartilhados e sociais,
  - >Intenções e objetivos;
- Ações/Eventos comunicativos – ou de outra natureza.

É importante observar que o autor apresenta a categoria “eu-mesmo” como categoria central para a produção do discurso, já que a representação que o ator social faz de si é de extrema importância para a construção discursiva. O indivíduo, como ator social que é, desempenha papéis sociais, ou seja, possui várias autorrepresentações que são relevantes ou não para determinado contexto como, por exemplo, o fato de ser professor pode ser mais significativo para o indivíduo em sala de aula, no exercício de suas funções, do que quando este faz compras ou quando vai ao cinema. Essa mesma pessoa pode ser pai e esta função social poderá ser mais relevante quando estiver junto ao filho do que quando estiver no trabalho.

Entretanto, existem algumas autorrepresentações que permanecem constantes e que permitem a um indivíduo reconhecer-se (ou ser reconhecido) como uma só identidade. A categoria “eu-mesmo”, principalmente por meio do emprego do pronome dêitico “Eu”, possui papel fundamental nas expressões discursivas e interacionais dos falantes. Assim, essa categoria “[...] deve ter um papel central na autorrepresentação das situações comunicativas pelos participantes, isto é, nos

modelos de contexto [...]” (VAN DIJK, 2012b, p. 106), exercendo um papel de orientação, organizando as relações entre o “Eu” (seja no papel de falante, receptor, ou outro papel) e os outros participantes do evento.

Observando essa inter-relação que há entre os modelos mentais, os quais norteiam as ações e os discursos e que, ao mesmo tempo, são reformulados por estes e pelas interações sociais, chegamos à tríade discurso-cognição-sociedade. As estruturas sociais não influenciam diretamente o discurso, na verdade, essas instâncias são perpassadas pelos modelos mentais, que são ao mesmo tempo subjetivos e compartilhados (VAN DIJK, 2012a). Segundo o autor, “[...] a cognição pessoal e social sempre medeia a sociedade ou as situações sociais e o discurso” (VAN DIJK, 2012a, p. 26).

Considerando que os modelos mentais são representações dinâmicas, que se modificam a cada experiência nova (VAN DIJK, 2012b, p. 105), entendemos que os discursos que circulam na mídia podem influenciar os modelos mentais e, assim, as práticas sociais – tanto no nível da ação como no nível do discurso – pela forma como ela representa os grupos sociais dominados. Assim, se os discursos a que temos acesso nos espaços da mídia fazem determinada representação a respeito dos negros, ou do racismo, é bem possível que essa representação influencie as práticas de seus leitores, num círculo vicioso complexo.

Para entendermos melhor a respeito das representações sociais, no próximo tópico discutiremos sobre o assunto.

### **3.1.2 Representação social**

Para discutirmos o racismo como uma forma de abuso de poder que está atrelada ao discurso, é necessário entender que o poder, segundo a abordagem sociocognitiva, manifesta-se de forma social, em termos de controle de grupos ou instituições (dominantes) sobre os atos e a mente de outros grupos (dominados). Esse controle “pressupõe uma *base de poder* que permita um acesso privilegiado a

recursos sociais escassos, tais como a força, o dinheiro, o *status*” (VAN DIJK 2012a, p. 117). Para o autor, os grupos que possuem acesso a esses recursos podem ser denominados elites simbólicas, e uma das formas de operação desse controle é por meio do discurso.

O controle exercido sobre os grupos dominados atua não somente sobre o discurso como prática social, mas também sobre a mente dos que estão sendo controlados e, assim, por consequência, sobre as suas ações. Os atores sociais, na construção do discurso, sabem que para se comunicarem devem obedecer a certos direcionamentos e normas, que estabelecem como deve ser essa comunicação.

Entendemos que esse poder social está intimamente ligado à noção de representação social, visto que esta se configura em crenças, ou conhecimentos, construídos e compartilhados socialmente, de forma estável, permanente e geral (VAN DIJK, 2012a). Essas crenças influenciam e controlam o que se pode – ou não – fazer e dizer. No nosso *corpus*, por exemplo, a representação que a mídia faz dos grupos minoritários – no caso da notícia – não reflete o discurso do repórter ou do editor, mas, sim, do grupo social no qual se encontram inseridos. Como essas crenças são socialmente compartilhadas, em se tratando dos nosso *corpus* de estudo A, não se pode dizer que a representação social dos grupos dominados reflete o discurso do repórter ou do editor, mas sim os interesses de um grupo social que detém, de alguma forma, a primazia sobre determinado meio de comunicação.

Para um melhor entendimento do conceito de Representações Sociais, discorreremos brevemente sobre o trabalho de Moscovici (2003)<sup>17</sup>. Segundo ele, os seus estudos das representações partiram das ideias sobre representações coletivas, de Durkheim. Entretanto, este autor trazia um conceito de representações um tanto quanto estática, como um adensamento de ideias, enquanto Moscovici (2003) apresenta uma noção muito mais dinâmica das representações, como um fenômeno que deve ser problematizado conforme sua devida complexidade e seu poder de construir a realidade. Assim, o autor prefere distinguir sua teoria a respeito

---

<sup>17</sup> Recorremos ao apoio da teoria de Moscovici (2003), sobre Representações Sociais, para entendermos melhor as problematizações a respeito do tema, uma vez que van Dijk (2012b) cita o referido autor em sua abordagem sobre o assunto.

das representações dos conceitos apresentados por Durkheim, denominando-as, assim, de Representações Sociais.

Para Moscovici (2003), as representações podem ser entendidas como uma forma de tornar determinado fato ou objeto – até mesmo pessoas e acontecimentos – algo familiar, de forma que possam ser encaixados em determinado modelo, que vai nortear a postura que se deve ter em face deste.

Segundo o autor, as Representações Sociais possuem natureza convencional e prescritiva. Elas convencenam a realidade, uma vez que, por meio delas, os objetos, pessoas e acontecimentos são categorizados. Desse modo, se o indivíduo se depara com algo que não se encaixa nas convenções de algum modelo conhecido previamente, a tendência é de que haja um esforço para que o desconhecido seja encaixado em determinada categoria, para torná-lo familiar, afim de que se possa facilitar o entendimento desse elemento. É importante ressaltar que, para o autor, essas convenções são criadas e compartilhadas socialmente e que uma pessoa pode até tornar-se consciente dessas imposições e tentar burlar algumas delas, mas que é impossível se desvencilhar de todas (MOSCOVICI, 2003, p. 35).

Acerca da natureza prescritiva das representações, para o autor, tudo o que fazemos na vida sofrerá influência de determinada(s) representação(s), visto que, “[...] elas se impõem sobre nós com uma força irresistível” (MOSCOVICI, 2003, p. 36), força que combina uma estrutura e uma tradição que norteia até mesmo a forma como os indivíduos pensam.

Fato interessante é que o autor sugere que, ao invés de negarmos a força e a influência que as convenções construídas pelas representações exercem sobre a sociedade, venhamos a problematizá-la de forma que possamos buscar entender as questões que estão imersas nessa complexidade de representações que é a realidade como conhecemos. Segundo ele:

[...] nós não podemos imaginar que podemos sempre libertar-nos de todas as convenções, ou que possamos eliminar todos os preconceitos. Melhor que tentar evitar todas as convenções, uma estratégia melhor seria descobrir e explicitar uma única representação. Então, em vez de negar as convenções e preconceitos, esta estratégia nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade.



Procuraremos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente (MOSCOVICI, 2003, p. 35-36).

As Representações Sociais são fundamentadas no tronco das teorias e das ideologias, que elas próprias acabam transformando em realidades compartilhadas, por conta de sua natureza convencional e prescritiva (MOSCOVICI, 2003, p. 48). Essas representações dialogam com as relações interpessoais e passam, assim, a constituir uma categoria de fenômeno. O autor assume uma postura diferente da abordagem da sociologia, que entendia as representações coletivas como conceitos, e defende que as representações sociais devem ser pesquisadas em todas as suas nuances. Por conta da importância das Representações Sociais na forma como os indivíduos interagem e produzem seus discursos, entendemos que é de extrema importância problematizarmos, neste estudo, a forma como as categorias de contexto (participantes, ações etc.) foram representadas em nossos *corpora* de estudo e como essas representações contribuíram para a construção das estruturas discursivas que dão base à negação do discurso.

Para um aprofundamento da compreensão da relação entre o racismo e o discurso, no próximo tópico abordaremos o assunto.

## 3.2 RACISMO E DISCURSO

Para van Dijk (2012a), o racismo está intimamente ligado ao discurso, uma vez que através do discurso – principalmente das elites – muitos âmbitos da vida das pessoas em geral, e especialmente daquelas que pertencem a grupos minoritários, podem ser influenciados.

Nos próximos tópicos, iremos discutir algumas noções que estão relacionadas a práticas de legitimação do racismo.

### 3.2.1 Autoapresentação positiva como prática de legitimação do racismo

Como pontuamos no capítulo anterior, van Dijk (2012a) descreve o racismo como um sistema composto por dois subsistemas: o das práticas sociais cotidianas e o cognitivo, que embasa as práticas. O discurso possui uma função elementar na criação e na propagação de ideologias e preconceitos que vão sendo apreendidos ao longo da vida, formando assim essa base cognitiva para as práticas sociais. Conforme o autor, as representações mentais ligadas ao racismo “[...] são tipicamente expressas, formuladas, defendidas e legitimadas no discurso e podem assim ser reproduzidas e compartilhadas dentro do grupo dominante” (VAN DIJK 2012a, p. 135).

Isso posto, podemos compreender que, tanto o discurso das conversas cotidianas como o dos textos escritos, se valem de estruturas e estratégias que funcionam para a legitimação e o compartilhamento de representações fundamentadas em ideologias racistas e que, muitas vezes, podem desempenhar o papel de legitimação das práticas racistas.

Como citamos no tópico anterior, os grupos dominantes costumam apresentar uma representação positiva de si e uma representação negativa dos outros. Essa prática, denominada por van Dijk (2012a) de polarização grupal, é utilizada, muitas vezes, no discurso institucional para representar um evento em que estão envolvidas questões relativas a preconceitos e desigualdades sociais, podendo exercer a função de legitimação de ideologias racistas.

As grandes instituições midiáticas são compostas, em sua maioria, por indivíduos pertencentes às elites simbólicas. Assim como uma grande parte das figuras públicas de grande influência social. Desse modo, normalmente em seus discursos são encontradas estratégias que favorecem a representação positiva dos grupos dominantes.

Por exemplo, em uma notícia, quando um ator social que faz parte dos grupos de elites comete uma ação negativa, normalmente a notícia é construída com a voz passiva, desviando, assim, o foco do leitor para o ocorrido e não para o autor da ação e, ao contrário, quando se trata de uma ação positiva, a construção da notícia tende a apresentar a voz ativa, focando, dessa forma, no ator social em questão. De outra maneira, quando se trata de um indivíduo pertencente a grupos que são dominados socialmente, as atitudes negativas tendem a ser enfatizadas pela voz

ativa, e as ações positivas tendem a ser menos valorizadas, com o uso da voz passiva.

Assim, podemos dizer que o discurso racista se apresenta de forma sutil, geralmente evidenciando ‘Nossos’ comportamentos/atitudes ‘bons’ e o ‘mau’ comportamento ‘Deles’. Por outro lado, desenfazendo ‘Nossos’ comportamentos/atitudes ‘maus’ e os ‘bons’ ‘Deles’ (VAN DIJK, 2012a, p. 137). Segundo o autor, outras estratégias, como, por exemplo, as escolhas lexicais, também refletem essa prática da polarização grupal, uma vez que, normalmente, o léxico que se refere aos grupos dominantes, em geral favorece a associação semântica a valores positivos, enquanto os termos referentes aos grupos dominados são geralmente relacionados a valores negativos.

Outra maneira de construir uma apresentação positiva do próprio grupo é a negação do racismo. Dessa forma, a negação está altamente ligada à autoapresentação positiva grupal, visto que, normalmente, os grupos dominantes não querem ser representados como racistas ou preconceituosos, já que essa postura não é aceita socialmente. No próximo tópico, discorreremos melhor a respeito da negação do racismo.

### **3.2.2 A negação do racismo**

Uma das atitudes que compõem as estratégias de apresentação positiva grupal é a negação do racismo. Segundo van Dijk (2012a), os discursos altamente racistas tendem a apresentar muitas formas de negação do próprio racismo, isso demonstra que os indivíduos que dizem coisas negativas a respeito das minorias, ao fazê-lo, estão plenamente conscientes das normas sociais (ou mesmo das leis) que se colocam contra o racismo, e de como podem ser interpretados como infratores dessas normas (VAN DIJK, 2012a, p. 158). Assim, utilizam-se da negação como uma forma de burlar essas normas.

Os estudos de van Dijk (2012a) têm demonstrado que a negação do racismo se apresenta tanto com um caráter individual como grupal. Enquanto o primeiro é característico das conversas cotidianas, o segundo é típico dos discursos institucionais – grandes instituições midiáticas, escolas e universidades, empresas

de fomento científico etc. – e é o que representa a maior influência sobre a sociedade. É o discurso social da negação que, segundo o autor, colabora persuasivamente com a “[...] construção do consenso branco dominante. Poucos membros do grupo branco teriam motivo ou interesse de duvidar ou, muito menos, de se opor a tal alegação” (VAN DIJK 2012a, p. 158).

O autor atenta, ainda, para o fato de que as pessoas não querem ser identificadas como racistas, ou intolerantes, da mesma forma que não querem que seu grupo o seja. Dessa maneira, muitas vezes se utilizam de recursos linguístico-discursivos para justificar seus comentários de cunho racista como, por exemplo, “eu não sou racista, mas...” ou mesmo “não estou querendo ser preconceituoso, mas meus clientes podem não aceitar...”.

As ressalvas que seguem ou precedem comentários racistas têm a função de justificar determinada postura racista como pontual, e não como uma característica permanente do indivíduo ou de seu grupo. Assim, determinadas práticas racistas poderiam ser justificadas quando tivessem relação com características específicas dos grupos minoritários, como por exemplo, características pejorativas e generalizadas atribuídas a estes, como é o caso de negros que sofrem preconceito por serem contemplados por políticas afirmativas. Nesses casos, frequentemente o racismo é escusado por se referir a pessoas que supostamente teriam uma capacitação menor para exercer determinadas atividades que outras não contempladas pelas mesmas políticas.

Devemos observar que o ato de negação pode se apresentar como uma estratégia de defesa, utilizada por alguém que está sendo, de fato, acusado por algum ato racista. E há também a estratégia de negação preventiva, quando há a pressuposição de uma acusação. Isso pode ser feito por meio da autoapresentação positiva ou da preservação de faces, casos em que há a intenção de se construir uma autoimagem positiva, ou ao menos, evitar uma imagem negativa (VAN DIJK, 2012a, p. 158-160).

Dentre os tipos possíveis de negação, van Dijk (2012a) descreve a negação do ato, em que a pessoa pode negar veementemente a fala/ato racista; a negação do controle, em que o indivíduo alega que a prática racista não foi realizada propositalmente; a negação da intenção, em que se alega não ter a intenção de que

a fala/ato soasse como racista; a negação do propósito, em que se nega que a prática racista tivesse como finalidade o acarretamento de consequências negativas. Neste último caso, está implicada também a negação da responsabilidade, uma vez que o indivíduo – ou a instituição – pode argumentar que não tem responsabilidade sobre eventuais consequências nocivas acarretadas por sua fala. Segundo o autor, esse é um argumento bastante utilizado pela mídia, para negar a responsabilidade a respeito dos reflexos que seus conteúdos podem provocar em seu público.

Há também a mitigação do racismo, que se configura na amenização e na atenuação de atitudes racistas, frequentemente caracterizadas pelo uso de eufemismos, como, por exemplo: “eu não o ameacei, apenas fiz uma advertência amigável” (VAN DIJK, 2012 a, p.162). Há, ainda, a transferência, que é a negação do próprio racismo e a transmissão a outrem de sua responsabilidade por este. Van Dijk (2012a, p. 160) cita uma frase comum que caracteriza bem um caso de transferência: “não tenho nada contra eles, mas você sabe que meus clientes não gostam de tratar com empregados negros”.

Destacamos que o autor apresenta essas estratégias como modos de negação direta do racismo, frequentemente precedidas ou antecedidas de expressões que negam veementemente o racismo, como, por exemplo, “Eu não sou racista, mas...”. Entretanto, nos nossos *corpora*, muitas vezes, essas estratégias aparecem de forma sutil, sem uma marca explícita de negação, como nos comentários em que, por várias vezes, a prática racista cometida contra a jornalista Maria Júlia foi referida como “inveja”.

Assim como no caso mencionado, o autor aponta outras estratégias que estão relacionadas, mas não necessariamente de forma explícita, à negação do racismo. São estas: a justificativa, a escusa e a reversão.

A justificativa consiste na explicação ou justificativa do ato racista, ao alegar-se que o ato foi em legítima defesa ou ao afirmar que a pessoa que foi vítima do racismo, por algum motivo, mereceu receber a ação negativa, enfim, a prática racista não é negada, mas é justificada. A escusa é um tipo de justificativa que atribui a causa da prática racista, ao menos parcialmente, a circunstâncias especiais ou a terceiros, que aparentemente fundamentariam essa ação. A escusa está relacionada também à *provocação e culpa da vítima*, que consiste em culpar os grupos minoritários e

seus membros por todas as dificuldades que precisam enfrentar, nos mais diversos âmbitos de sua vida. A reversão se caracteriza como um contra-ataque às vítimas de racismo. Nesse caso, o grupo que sofre a discriminação racista é representado como culpado por sofrer com o racismo, ou mesmo como intolerante, por querer lutar por seus direitos, ou, ainda, acusado de “racismo às avessas” contra os grupos dominantes (VAN DIJK, 2012a, p. 165).

Em situações nas quais as normas sociais contra o racismo são mais rígidas, como é o caso do Brasil, é comum a utilização da mitigação, que pode ocorrer através de eufemismos, por meio de escolhas de expressões que possuam uma significação menos pejorativa que o próprio termo “racismo” como, por exemplo, “preconceito”, “motivação racial” etc. quando o racismo aparece de forma inegável, reservando, assim, a denominação de “racismo” ou “racista” para se referir a outros grupos, que não o grupo a que pertence o autor do discurso. Ou, quando for possível, questionar se de fato houve alguma prática racista, há o uso de recursos que apresentem o racismo envolto em dúvidas, de forma que pareça “[...] tratar-se de uma acusação sem garantias, ou mesmo tola, feita pelas próprias minorias ou por (outros) antirracistas” (VAN DIJK 2012 a, p. 163).

Como vimos, a negação do racismo pode acontecer das mais variadas maneiras e, segundo van Dijk (2012a), essa negação possui funções políticas e socioculturais, como veremos no próximo tópico.

### **3.2.3 A negação do racismo e suas funções políticas e socioculturais**

Conforme apresentamos no tópico anterior, a negação tende a aparecer com maior frequência quanto maior for o grau de proibição e punição a práticas racistas. Conforme van Dijk (2012a), mesmo nas suas manifestações individuais, a negação do racismo está envolta por questões de âmbito social, uma vez que as pessoas desejam estar em conformidade com as normas sociais vigentes. Assim, nas sociedades em que há maior militância contrária ao racismo, a tendência é que a negação apareça de forma mais acentuada, não somente no nível individual, como também por parte dos grupos sociais de forma geral.

Assim – e aqui está um ponto de extrema importância para nosso trabalho – em sociedades onde existem proibições e combate mais rígido ao racismo, as instituições, e a população em geral, tendem a defender a ideia de que as práticas racistas não existem. Para van Dijk (2012a):

[...] já que a discriminação e o racismo estão legal e moralmente proibidos, a maioria dos países ocidentais partilha a crença oficial de que *consequentemente* essas atitudes não existem mais como característica estrutural da sociedade ou do Estado. E se ainda existem, a discriminação e o preconceito são tratados como incidentes ou desvios, algo que deveria ser atribuído a indivíduos e punido no nível individual. Em outras palavras, o racismo institucional ou sistêmico é negado (VAN DIJK, 2012a, p. 166).

O autor enfatiza ainda que as instituições, de modo geral, da mesma forma que os indivíduos, procuram apresentar-se de forma positiva, já que isso afeta diretamente a imagem que o público tem da qualidade ou dos produtos oferecidos. Dessa forma, as grandes empresas podem ter o interesse em empregar membros de grupos minoritários que apresentem grande desempenho profissional ou acadêmico.

Entretanto, quando se fala de políticas afirmativas, como as cotas para negros, por exemplo, existe a propensão ao pensamento negativo, ou mesmo preconceituoso, com relação àqueles que ingressam em instituições de ensino ou de trabalho por essa via.

Também nesses casos, há o costume de se negar que essa postura com relação às políticas afirmativas advenha de um pensamento racista, uma vez que os grupos dominantes costumam argumentar que esse tipo de política funcionaria como meio de favorecimento de um determinado grupo, e que contribuiria com a diminuição da qualidade de determinada instituição.

É preciso entender que a negação institucional do racismo possui funções sociais bem nítidas: se determinada sociedade tem galgado o papel de plena democracia, é óbvio que as práticas racistas destoam desse ideal, assim, torna-se muito mais vantajoso – e menos trabalhoso – tentar camuflar o racismo existente na sociedade do que reconhecer a complexidade do problema e buscar um empenho maior para a sua resolução de forma eficiente.

Dessa maneira, como defende van Dijk (2012a, p. 167), entendendo o racismo como um sistema de dominação racial ou étnica, a sua própria negação pode servir como

instrumento para sua reprodução, já que, quando a dominância e o poder são exercidos de forma aparente, a resistência torna-se mais vigorosa, porém, quando isso acontece de forma sutil, ou mesmo camuflada, o combate é muito mais difícil, e, por vezes, aqueles que investem na luta contra o racismo são vistos como exagerados, intolerantes, e até mesmo agressivos.

O autor destaca ainda que os problemas cotidianos ligados às relações de dominância por parte das elites sobre os grupos dominados – tais como índices elevados de desemprego ou baixo nível educacional –, geralmente não são reconhecidos como problemas ligados ao racismo. Muitas vezes, existe a tendência a encarar o racismo como um problema restrito a práticas como a escravidão, o *apartheid*, na África do Sul, ou a segregação, nos Estados Unidos da América (VAN DIJK, 2012a, p. 163). Sendo assim, o racismo só entra em discussão na mídia ou entre as lideranças políticas nos casos em que não há como ignorar a repercussão do assunto.

Van Dijk (2012a) argumenta que a negação do racismo também possui funções culturais. As sociedades ocidentais geralmente constroem uma autoapresentação que as representa como altamente tolerantes, em contraste com sociedades orientais, apresentadas por diversas instituições ocidentais como mais intolerantes, tais como as sociedades que possuem valores de fundamentalismo religioso, por exemplo. Assim, a negação do racismo também atua na manutenção desse *status* de sociedade tolerante e superior que o ocidente frequentemente constrói sobre si.

Como em nosso trabalho temos compreendido as instituições midiáticas como um meio de grande potencial para a transmissão e legitimação de ideologias, traremos, a seguir, algumas considerações concernentes ao conceito de ideologia sob a perspectiva da abordagem sociocognitiva.

### 3.4 IDEOLOGIA E DISCURSO

Um conceito de extrema importância para o nosso trabalho é a noção de ideologia. Van Dijk (2012c) define ideologia como “[...] a base das representações sociais



*compartilhadas por um grupo social*" (VAN DIJK, 2012c, p. 17). As pessoas, por meio das ideologias, podem organizar o turbilhão de crenças sociais a respeito das mais variadas coisas, e decidir como proceder em determinadas situações, segundo determinadas crenças. Conforme van Dijk (2006, p. 21), as ideologias representam a base das crenças de um grupo social, fundamentando a visão que este grupo tem do mundo, uma vez que elas podem influenciar naquilo que deverá ser aceito como verdadeiro ou como falso.

Segundo o autor, o uso cotidiano da palavra ideologia, conforme o senso comum – influenciado, principalmente, pelos escritos de Marx e Engels<sup>18</sup> –, remonta a um valor negativo, como um tipo de força que opera sobre os indivíduos pertencentes às classes dominadas. Entretanto, as ideologias não são apenas encontradas entre os grupos dominantes. Geralmente, nos grupos dominados, podem ser encontradas ideologias de resistência e oposição àquelas identificadas nos grupos dominantes.

No quadro abaixo, destacamos algumas características das ideologias apontadas pelo autor e que são essenciais para o entendimento do conceito de ideologia aqui abordado:

Quadro 2 - Características gerais da ideologia

Formam a base axiomática das representações sociais de um grupo.
São tipos especiais de sistemas de crenças sociais e são compartilhadas socialmente e cognitivamente por membros de grupos sociais específicos.
São essencialmente sociais, embora ocorram seus usos "pessoais" ou "individuais".
São relativamente estáveis. Muitas são adquiridas depois de muitos anos e permanecem ativas durante a vida dos membros do grupo.
São reproduzidas socialmente através das práticas sociais e dos discursos de um grupo.

Fonte: Própria autora, com base em van Dijk (2012c).

Como disposto no quadro, para o autor, as ideologias gerenciam as representações e as práticas dos membros dos grupos sociais. O autor defende que as ideologias possuem aspectos relativamente estáveis, relacionados às representações mentais que estão, de certa forma, estabilizadas, são socialmente compartilhadas, e possuem também aspectos mais flexíveis e dinâmicos. Estes são responsáveis pelos

<sup>18</sup> Para mais detalhes, ver Marx e Engels (1975).

modelos mentais subjetivos, que são baseados em ideologias e que controlam o discurso e demais práticas sociais dos membros de determinados grupos em determinadas situações (VAN DIJK, 2012c, p. 22).

Assim, uma ideologia não pode corresponder somente a um indivíduo e sim a determinado grupo em que este se insere. Entretanto, em sua individualidade, o ator social fará uso particularizado dessa ideologia, baseado em seus modelos subjetivos, podendo participar de várias ideologias simultaneamente (por exemplo, ser racista e machista, ou mesmo ser feminista e capitalista) e apresentar um grau maior ou menor de adesão a determinada ideologia.

Segundo van Dijk, as ideologias normalmente apresentam uma estrutura marcada pela polarização, demonstrando assim conflitos existentes entre grupos e a categorização inter e intragrupal. Essa característica aparece, nos discursos, marcada pela autoapresentação positiva grupal e a apresentação negativa do outro grupo, assim como já discutimos em tópico anterior.

Dessa maneira, as ideologias, além de serem marcadas, em grande parte das vezes, por uma autoavaliação positiva, normalmente são desenvolvidas e utilizadas com relação a outros grupos, que representam outras ideologias (van Dijk 2015b, p. 54). Sendo assim, as ideologias atendem aos interesses dos grupos sociais, entre os quais, podemos citar a dominação sobre outros grupos, como é o caso da ideologia racista ou da resistência de grupos de minorias aos grupos dominantes, como ocorre nas manifestações antirracistas. Nesses casos, os indivíduos precisam conhecer as representações que fazem parte do esquema ideológico do próprio grupo e também construir representações relevantes a respeito dos grupos aos quais se opõem.

Segundo o autor, as ideologias operam em nível global das estruturas sociais, como um sistema de crenças que comanda as situações de desigualdade, conflito etc., e em nível local, que são exatamente as práticas sociais que resultam dessas crenças, assim como já descrevemos no capítulo de contextualização a respeito do racismo, que representa uma ideologia dos grupos historicamente tidos como dominantes.

De acordo com van Dijk (2006), as ideologias estão extremamente ligadas à tríade disposta em sua teoria – cognição, sociedade e discurso –, uma vez que se tratam

de sistemas de ideias não somente individuais, mas que estão em nível social e que são amplamente legitimadas e reproduzidas pelo discurso. O autor enfatiza a relação entre ideologia e discurso. Segundo ele, ainda que as ideologias possam ser manifestadas através de diversas práticas sociais, é por meio do discurso que estas são fundamentadas e reproduzidas. Assim, para o estudo das ideologias, é fundamental o estudo de suas manifestações discursivas, uma vez que é por meio do discurso que os membros dos grupos sociais aprendem e transmitem as ideologias (VAN DIJK, 2006, p. 19). Por isso mesmo, entendemos que é necessário o estudo do discurso manifestado em nossos *corpor*, para discutirmos como a ideologia racista pode ser reproduzida por meio do discurso.

Como apresentamos anteriormente, a estrutura das ideologias é marcada pela polarização, e esta se reflete no discurso ideológico, o que propicia que esse discurso funcione como “[...] expressão e reprodução persuasiva das atitudes e ideologias do grupo [...]” (VAN DIJK, 2015b, p. 56). Para o autor, a polarização presente no discurso ideológico caracteriza-se por reforçar as propriedades positivas do próprio grupo (endogrupo e as negativas do exogrupo). O autor defende ainda que a polarização discursiva pode influenciar todas as estruturas variáveis do discurso e de seu contexto comunicativo, como, por exemplo, quem possui o direito à fala em um discurso ou debate, as metáforas e operações retóricas utilizadas nos discursos, as estruturas narrativas presentes nos discursos, sintaxe oracional etc. Van Dijk (2015b) argumenta que o discurso ideológico polarizado:

[...] está persuasivamente projetado para ajudar a formar ou confirmar modelos ideológicos similares entre os destinatários do discurso e da comunicação. É dessa maneira que as ideologias são lentamente aprendidas e reproduzidas por muitos tipos de discurso público do endogrupo (de notícias na mídia ou compêndios escolares a conversas do dia a dia). E uma vez que tais modelos ideológicos de eventos específicos estejam criados pelos destinatários, a comunicação repetida pode conduzir à formação de atitudes ideológicas socialmente compartilhadas e finalmente a ideologias subjacentes e gerais (VAN DIJK, 2015b, p. 57).

Entendemos então que o discurso que apresenta estruturas que reproduzem práticas tipicamente racistas, como, por exemplo, a negação das desigualdades sofridas pelos negros no país, ou a mitigação dos casos de racismo, está, ao mesmo tempo, sendo sustentado pela ideologia racista presente em muitos grupos sociais brasileiros e mantendo essa mesma ideologia. Desse modo, compreendemos que o

estudo das características do discurso racista, no Brasil, é de importância crucial para o entendimento do funcionamento das ideologias racistas no nosso país.

Tendo feito todas essas considerações teóricas a respeito do racismo e do discurso, no capítulo posterior apresentaremos os nossos *corpora* de estudo e detalharemos a metodologia que será utilizada nas análises.

## CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO DOS *CORPORA* E METODOLOGIA

Neste capítulo, procederemos com a descrição dos *corpora* de estudo e dos procedimentos utilizados na sua seleção. Em seguida, detalharemos a metodologia que será utilizada nas análises.

### 4.1 OS *CORPORA*

Os nossos *corpora* de estudo são compostos por uma notícia, veiculada no *site* de notícias G1, portal de notícias do grupo Globo, das organizações Marinho, no dia 03 de julho de 2015, e os primeiros 100 comentários, escritos por leitores do *site*, a respeito da notícia. Além disso, há uma postagem feita pelo humorista Maurício Meirelles, em sua página oficial na rede social *Facebook*, e também os 100 primeiros comentários a respeito da postagem.

O primeiro evento, que originou a notícia, foi o seguinte: a jornalista Maria Julia Coutinho, que é apresentadora do quadro meteorológico do telejornal da Rede Globo de televisão “Jornal Nacional”, teve uma foto sua, diante do painel meteorológico, postada na rede social *Facebook*, pela equipe do jornal, na noite do dia 02 de julho, junto com um *link* que encaminhava o leitor à previsão do tempo para o dia seguinte.

No espaço para os comentários sobre a postagem, vários internautas fizeram diversos comentários de cunho racista sobre a jornalista, como podemos visualizar parcialmente na figura que seguirá o texto.

Em resposta aos comentários racistas, muitos internautas postaram mensagens de apoio a Maria Julia. Entre estes estavam muitos leitores, celebridades, e até mesmo a própria equipe do Jornal Nacional. A notícia que será analisada traz a fala do jornalista William Bonner a respeito da repercussão do evento e traz ainda um diálogo entre Bonner e Maria Júlia.

Abaixo, apresentamos a captura de tela disposta no *site* jornalístico “UOL”, que nos permite ver a foto postada no *Facebook* e alguns dos comentários de teor racista:

Ilustração 4 - Captura de tela dos comentários na foto postada pelo Jornal Nacional.



Fonte: [http://www.brasilpost.com.br/2015/07/04/racismo-maria-julia-couti\\_n\\_7726990.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/07/04/racismo-maria-julia-couti_n_7726990.html)

Para a seleção da notícia, contamos com a prestimosa contribuição dos profissionais do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC – UFES) que, através da ferramenta *Flashback*<sup>19</sup>, de autoria do laboratório, extraíram os mil *links* mais compartilhados no *Twitter*, entre os dias 02 e 04 de julho, que estavam ligados à *hashtag*<sup>20</sup> *#somostodosmaju* e nos cederam o documento com os citados *links*.

De posse do documento em que constavam os compartilhamentos dos internautas, passamos à conferência dos conteúdos relacionados aos *links*. Em seguida, constatamos que uma parte considerável dos compartilhamentos dizia respeito a comentários de autoria dos próprios autores das postagens. Outra parcela, igualmente considerável, estava relacionada a notícias de *sites* jornalísticos, e uma quantidade ínfima direcionava o leitor para matérias que tratavam do racismo, mas não estavam relacionadas ao evento ocorrido com a jornalista Maria Julia. Ao acessarmos os *links* que estavam relacionados a notícias jornalísticas, pudemos chegar à quantidade aproximada de 60 notícias, que foram compartilhadas, em sua maioria, por mais de um usuário.

<sup>19</sup> A ferramenta *Flashback* é utilizada pelo LABIC para extração de dados da rede social *Twitter* e pode pesquisar publicações por um período de até 7 dias, com o uso de palavras-chave para a busca.

<sup>20</sup> *Hashtag* é uma expressão utilizada em redes sociais, na internet, para caracterizar uma palavra-chave que segue o símbolo #. Essas expressões são utilizadas para categorização de conteúdos que são publicados nessas redes e interação entre os usuários que se interessam pelos mesmos temas. A *hashtag* *#somostodosmaju* foi utilizada pelos usuários do *Twitter* para postar conteúdos relacionados ao episódio citado nesta pesquisa.

Dentre as 60 notícias, selecionamos aquela que contava com o maior número de comentários, a notícia divulgada pelo *site* de notícias G1, na noite de 03 de julho de 2015, com a manchete: “Comentários racistas contra Maria Júlia Coutinho serão investigados”. Essa notícia obteve 1004 comentários, dentre os quais selecionamos os 100 primeiros.

A seleção da postagem do *Facebook* foi feita diretamente no perfil do humorista Maurício Meirelles na rede social. Maurício Meirelles é um humorista carioca que já atuou em alguns programas da TV aberta e em peças humorísticas de teatro. Sua postagem no *Facebook* aborda o evento ocorrido no dia 07 de fevereiro de 2016, domingo de carnaval: O produtor de teatro Fernando Bustamante participou de um desfile em um bloco de carnaval, com sua esposa e seu filho adotivo, de dois anos de idade, em Belo Horizonte, onde moram. Os pais estavam fantasiados de Aladim e Jasmine e a criança estava fantasiada de Abu, que é o macaco de estimação do personagem Aladim no filme infantil de mesmo nome.

Fernando Bustamante postou a foto em sua página do *Facebook* e o fato de o menino ser negro levou várias pessoas a postarem comentários criticando a atitude do pai, pela associação entre macacos e pessoas negras, comumente feita por racistas. Por outro lado, muitas pessoas comentaram a favor do pai, discordando que sua atitude teria sido racista. Ao perceber a polêmica gerada por sua foto, o pai pediu desculpas e disse que não foi sua intenção fazer nenhuma associação racista com a fantasia.

O evento narrado acima nos leva à postagem do humorista Maurício Meirelles que, na tarde de 09 de fevereiro de 2016, disponibilizou em seu perfil no *Facebook*:

Ilustração 5 - Captura de tela dos comentários da postagem do humorista Maurício Meirelles.



Fonte:

<https://www.facebook.com/Mauricio.Meirelles.Oficial/photos/a.219231311434700.61635.193505894007242/1098358180188671/?type=3&theater>

O humorista postou a imagem acima com a legenda “polemizem...” e logo abaixo fez o comentário que se vê ao lado da imagem, e que iremos transcrever no próximo capítulo. A repercussão da postagem foi imediata. No dia 11 de fevereiro, à tarde, a postagem contava com mais de 2.800 comentários, dos quais selecionamos os 100 primeiros.

Observamos que a seleção dos 100 primeiros comentários de cada *corpus* foi efetuada excluindo-se os comentários que não continham texto verbal, bem como foram excluídas imagens e *emoticons*, uma vez que o nosso interesse, nesta pesquisa, é analisar apenas o discurso manifestado em texto verbal. Esclarecemos ainda que a escolha pela quantidade de 100 comentários se deu com base no fato de que os comentários, no geral, apresentavam temáticas e estruturas que se repetiam, sendo assim, entendemos que a amostra de 100 comentários seria suficiente para o nosso estudo. Além disso, o nosso interesse em investigar os elementos linguísticos utilizados para a construção da negação do racismo nos



levou à escolha pela análise qualitativa dos comentários, o que não possibilitaria um número muito elevado de comentários a serem analisados.

A nossa escolha dos *corpora* surgiu do interesse em analisarmos o discurso em duas situações: uma em que o ator social que foi afetado diretamente pela prática racista é uma figura pública, como é o caso de Maria Júlia e outra em que o ator social afetado fosse uma pessoa dita “anônima”, ou seja, que não é uma figura pública.

Ambas as situações tiveram início na rede social *Facebook* e foram mediadas por um discurso público que gerou os comentários que coletamos. Entretanto, o contexto a que cada evento está relacionado conta com duas diferenças cruciais: o primeiro evento conta com uma figura pública como vítima de uma prática racista, e essa prática, por sua vez, tem características explícitas de racismo. No segundo evento, o ator social afetado não é uma figura pública e a atitude que levou à polêmica (o pai fantasiar a criança de macaco) é muito complexa e gera muitas divergências de opiniões a respeito de ser essa prática racista ou não.

No próximo tópico, detalharemos a metodologia utilizada para as análises.

## 4.2 METODOLOGIA

Neste trabalho, nos propomos a analisar como se deu a construção da negação do racismo no discurso dos *corpora* em questão, investigando o uso de estratégias linguísticas que favoreçam a negação do racismo em cada um dos eventos. Para isso, procederemos com a análise qualitativa da notícia e da postagem do humorista e faremos, primeiramente, uma análise quantitativa dos comentários, classificando-os de acordo com as características relevantes, para, em seguida, nos aprofundarmos nas estratégias utilizadas. Além disso, iremos comparar as estratégias e estruturas encontradas em ambos os *corpora*.

Para tal, iremos, no próximo capítulo, primeiramente analisar a notícia publicada no *site* G1, verificando quais estruturas linguísticas estão presentes na notícia que podem ser relacionadas à negação do racismo.

Em seguida, apresentaremos um panorama dos comentários a serem analisados, distribuindo-os conforme as temáticas que se destacaram em seus discursos. Logo após, analisaremos, de acordo com essa primeira divisão, as estratégias discursivas que favorecem a negação do racismo, tomando como base as estruturas linguísticas, assim como no caso da notícia, e buscando relacionar essas estratégias às encontradas na notícia.

O processo será o mesmo na análise da postagem e de seus respectivos comentários. Analisaremos, primeiramente, a postagem do humorista e, em seguida, os comentários, investigando a relação entre as estruturas e estratégias encontradas nos textos.

Como estratégias linguísticas, constarão em nossas análises, as escolhas lexicais, o uso de figuras retóricas (metáforas, comparações, ironia etc.), predicação, marcadores discursivos, entre outros, que participem na construção das estruturas discursivas de negação do racismo<sup>21</sup>.

Para finalizar, comentaremos as estruturas encontradas nos discursos relacionados às duas situações comunicativas distintas, para compreender as diferenças e as semelhanças encontradas.

---

<sup>21</sup>Ao final do capítulo 5, apresentaremos um quadro sintetizando as estratégias linguísticas e estruturas discursivas encontradas em nossos *corpora*.

## **CAPÍTULO 5 – UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NEGAÇÃO DISCURSIVA DO RACISMO**

Neste capítulo, procederemos com as análises dos nossos *corpora* de estudo. Iniciaremos com a análise da notícia sobre o evento A: o caso de racismo contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, para, logo após, analisarmos os comentários sobre a notícia. Em seguida, analisaremos os textos relacionados ao evento B: a postagem do Humorista Maurício Meireles, e depois os comentários em resposta à sua postagem. Então, procederemos com a comparação entre os dois *corpora*.

### **5.1 ANÁLISE DO EVENTO A – NOTÍCIA SOBRE RACISMO CONTRA MARIA JÚLIA**

Como explicamos anteriormente, a notícia escolhida para análise foi a que, dentre as 60 notícias coletadas pelo LABIC (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura – UFES), que foram a nós disponibilizadas, apresentou o maior número de comentários (1005 comentários).

Abaixo, podemos ler a notícia na íntegra:

#### **Comentários racistas contra Maria Júlia Coutinho serão investigados**

**Milhares de internautas manifestaram indignação e repúdio aos criminosos.**

**Globo espera que eles sejam punidos e estuda medidas judiciais cabíveis.**

A Maria Júlia recebeu, nesta sexta (3), uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil.

O dia 3 de julho é o dia nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas, de maneira coordenada, contra ela, na página do Jornal Nacional no Facebook.

Só que o que aconteceu depois, de uma forma absolutamente espontânea e avassaladora, foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet, a expressão "Somos Todos Maju" ganhou todas as redes sociais.

E isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o Ministério Público pediu à Promotoria de Investigação Penal que acompanhe o caso, com rigor, na Delegacia de Repressão a Crimes de Informática. E, em São Paulo, o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos instaurou inquérito para apurar os crimes de racismo e injúria qualificada.

A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos. E, além disso, a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis.

**Bonner:** Maria Júlia, me deixa pedir um favor pra você. Divide com o público do Jornal Nacional aquela mensagem linda que você mandou pra gente por e-mail hoje à tarde, porque estava todo mundo preocupado com você. Você mandou uma mensagem maravilhosa. Divide aqui com todo mundo.

**Maju:** Estava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, que eu acho que é isso que é o mais importante. Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes, que sempre me orientaram. Eu sei dos meus direitos. Acho importante, claro, essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas. Eu acredito que isso é muito importante. E agora eu quero manifestar a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso. Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens. Acho que isso que é o mais importante. E a militância que eu faço, gente, é com o meu trabalho, é fazendo o meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho, com muita dedicação, com muita competência, que eu acho que é o mais importante. E, pra finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.

**Bonner:** É isso. A Majuzinha passa, como você gosta de dizer. Os cães ladram.

**Maju:** Os preconceituosos ladram, mas a Majuzinha passa.

**Bonner:** Eu e a Renata falamos em nome de todos os colegas da Globo. É claro

que todos aqui dentro repudiaram essas agressões absurdas. Somos todos Maju, né Renata?

**Renata:** Somos todos Maju. Hoje e sempre.

**Maju:** Obrigada, gente!

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/07/comentarios-racistas-contra-maria-julia-coutinho-serao-investigados.html>

Realizaremos a análise da notícia em duas partes: a primeira parte, que traz o texto produzido em discurso indireto e a segunda, onde se encontra o diálogo entre William Bonner e Maria Júlia.

### 5.1.1 Notícia, parte I: polarização entre a sociedade e os criminosos

A notícia, na verdade, é a transcrição da fala de Willian Bonner e de Maria Júlia na edição do Jornal Nacional da noite de 03 de julho, o texto inicia com a fala de Bonner e termina com um diálogo entre os dois jornalistas. Entretanto, nesta versão escrita da notícia, não há referência explícita à autoria do texto e não há a informação de que esse texto foi narrado por Bonner no Jornal televisionado.

Já de início, podemos notar que a temática desse texto aborda, de maneira global, o fato de que os comentários de teor racista contra Maria Júlia, no *Facebook*, causaram repúdio em milhares de internautas, que, por sua vez, manifestaram seu apoio à apresentadora da previsão do tempo e o fato de que os comentários de teor racista serão investigados pelas autoridades. De maneira geral, o foco da notícia se volta para a manifestação de apoio a Maria Júlia e para a força que a jornalista demonstrou perante o acontecimento, ações que parecem, até mesmo pela fala da jornalista, merecer mais destaque que os próprios comentários de cunho racista. Vejamos abaixo uma análise mais detalhada do texto.

Na manchete e no *lead* podemos encontrar marcas de apresentação positiva grupal. No trecho em que a qualificação de “racista” é conferida aos comentários feitos no perfil do Jornal Nacional, o foco é desviado dos atores sociais que cometeram a ação para o próprio ato, atenuando a ação negativa cometida pelos internautas. Assim, os próprios comentários parecem ser personificados, uma vez que estes é que serão investigados, em vez de seus autores.

No *lead*, as marcas da apresentação positiva tornam-se mais fortes. Ao informar que milhares de internautas demonstraram repúdio aos comentários de teor racista, deixa-se subentendido que o ataque foi uma ação praticada por uma minoria e que esta foi prontamente rechaçada pela sociedade. Ponto interessante é que, na manchete, os holofotes voltam-se para os comentários feitos no perfil do jornal, na rede social, que são qualificados como “racistas”, enquanto no *lead*, os internautas se revoltam não contra os comentários, mas contra os seus autores, que são aqui qualificados como “criminosos”.

Essa ênfase dada pela revolta dos internautas contra os autores dos comentários e, ainda, essa escolha lexical feita pelo autor do texto, ao taxá-los como “criminosos” reforça a marca de uma apresentação positiva grupal, uma vez que fica claro, na notícia, que os atores sociais responsáveis pelos comentários racistas são qualificados prontamente como criminosos, ou seja, pessoas que não seguem as leis e as normas de convivência em sociedade. Seguindo-se a isso o fato de que esses “criminosos” foram prontamente recriminados pela sociedade<sup>22</sup>, que manifestou seu repúdio por essas pessoas no mesmo ambiente em que elas praticaram suas ações, a saber, na página do Jornal Nacional no *Facebook*.

No corpo do texto, as marcas de apresentação positiva grupal continuam visíveis nas estratégias linguísticas utilizadas, principalmente nas escolhas lexicais.

No primeiro parágrafo, onde, geralmente, encontra-se a principal informação da notícia, podemos notar que o evento noticiado não é, na verdade, o evento que gerou toda a movimentação em torno da jornalista – os comentários de teor racista – e sim a resposta dos internautas que saíram em apoio a Maria Júlia. Neste caso, a reação dos internautas em favor da jornalista é denominada de “demonstração de carinho do tamanho do Brasil”, colocando em foco não a prática de racismo de que Maria Júlia foi vítima, e sim as reações positivas dos internautas em seu favor. Assim, podemos notar que a semântica global da notícia está muito mais relacionada às respostas que os leitores da página endereçaram a Maria Júlia, em

---

<sup>22</sup> Nesta parte da análise apresentamos as marcas de polarização grupal encontradas na notícia, que traz uma ideia de oposição entre a sociedade brasileira, no geral, que não seria racista, e o grupo específico de pessoas que fizeram o ataque à jornalista, que seriam os “racistas” e os “criminosos”. Entendemos que a parcela da população que repudiou o ataque à jornalista na *Internet* não pode ser interpretada como “toda a população brasileira”, mas sim representa a parcela da população que tem acesso à Internet e que acessou a página da rede social na ocasião da ocorrência do evento. Entretanto, entendemos que a estrutura da notícia pode levar ao entendimento, por parte do leitor, de que os ataques de teor racista a Maria Júlia seriam uma exceção à regra, sendo assim, que a sociedade brasileira, em geral, não pratica atos racistas.

forma de apoio à jornalista e repúdio à prática racista. Dessa maneira, o foco da notícia desvia-se do evento gerador da polêmica – o ato de cunho racista contra a jornalista – para a resposta afetiva dada pela “sociedade”, que se posicionou contra o racismo.

Ao nomear essa reação como “demonstração de carinho do tamanho do Brasil” e, em seguida, informar que “uns 50 criminosos publicaram comentários racistas, de maneira coordenada, contra ela” pode-se estabelecer uma estratégia retórica, implícita, de comparação entre o tamanho da manifestação de carinho, que foi muito grande, já que foi do tamanho do Brasil, e a manifestação racista, que contou apenas com “uns 50 criminosos”. Desse modo, é estabelecida uma comparação entre as duas manifestações, apresentando a manifestação racista como muito menor que a manifestação do restante da sociedade. Essa comparação entre a proporção dos comentários de teor racista e os comentários que surgiram em resposta estabelece uma argumentação com valor de antítese, por apresentar uma discrepância absoluta entre o tamanho de uma e outra, evidenciando, assim, mais uma vez, as marcas de polarização grupal entre a “sociedade” e o grupo dos “racistas” e “criminosos”.

Podemos, também, comparar a forma como as manifestações dos internautas foram apresentadas. Enquanto a ação dos autores dos comentários de cunho racista é retratada como uma manifestação que foi feita de “maneira coordenada”, a resposta dos internautas em favor de Maria Julia ocorreu “de uma forma absolutamente espontânea e avassaladora”. A forma coordenada como foram escritos os comentários racistas sugere a existência de um grupo que se organizou para a realização da prática, já a forma espontânea como as respostas em favor da jornalista surgiram, sugere que foi uma reação natural da sociedade, mais uma vez fortalecendo o argumento de que a sociedade, em sua essência, não é racista, e sim apenas alguns indivíduos ou grupos organizados é que realizam as práticas racistas.

O uso metafórico da expressão “avassaladora” reforça a grandiosidade da manifestação dos internautas em favor de Maria Júlia. O verbo “avassalar”, segundo Houaiss (2009), significa:

**Avassalar:** 1 tornar vassalo 2 causar devastação a; arrasar 3 *figter* domínio sobre; subjugar.

Observando o sentido figurativo da palavra, pode-se inferir, na leitura da notícia, que o volume expressivo de comentários em defesa da jornalista teve o poder de suprimir e superar os comentários anteriores, que externavam posicionamentos racistas.

Continuando, é dada a informação de que “milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos”. Neste trecho, mais uma vez pode-se ver a oposição entre os internautas que saíram em favor da jornalista (milhares e milhares) e os autores dos primeiros comentários, com teor racista (os criminosos). Aqueles representando uma parcela expressiva da sociedade, devido ao número elevado, e estes, sendo denominado como um grupo determinado, através do artigo definido “os”, que delimita o grupo, já antes mencionado, o qual foi denominado de “os criminosos”.

Após as informações a respeito das manifestações dos internautas, no quarto parágrafo há a informação de que toda a repercussão causada pelo evento provocou a reação das autoridades. Pelo uso do pronome demonstrativo “isso”, toda a repercussão relatada no *lead* e no início do texto é retomada e é apresentada como evento que chamou a atenção das autoridades. Ao indicar a manifestação dos internautas em favor de Maria Júlia como fator crucial no interesse das autoridades pelo assunto, há, novamente, uma atribuição de valor positivo à atitude desses internautas, que equivale a dizer que, talvez, sem essa manifestação, os comentários feitos contra a jornalista não seriam notados pelas autoridades.

No quinto parágrafo, é apresentado o discurso institucional da Globo, por meio de discurso indireto, informando o posicionamento da instituição em favor das investigações a respeito do evento. Além disso, é informado que a própria Rede Globo estava se mobilizando para entrar com alguma ação judicial possível. Novamente, nesse parágrafo, pode-se observar a autoapresentação positiva da instituição que divulga a notícia, uma vez que esta é apresentada como uma organização que se posiciona contra o racismo.



Assim, podemos sintetizar algumas estratégias de negação do racismo encontradas nessa primeira parte da notícia: Semântica global que exclui questões relacionadas ao racismo e aborda as manifestações de carinho do público como tema principal da notícia; escolha lexical de valor negativo para se referir aos autores da prática racista – que foram rotulados como “racistas” e “criminosos” – e escolha de valor positivo para se referir aos internautas que repudiaram o ato racista; estratégia retórica de comparação entre as manifestações de cunho racista contra Maria Julia e as manifestações de apoio à jornalista; uso de metáforas para demonstrar a força das manifestações que repudiaram a prática racista; autoapresentação positiva da instituição midiática, entre outras. Observamos que todas essas estratégias contribuíram com a constituição da polarização grupal entre o grupo dos “racistas” e da população em geral, colaborando, dessa maneira com a negação do racismo sistêmico no contexto brasileiro.

Nesta primeira parte do texto, a estrutura se assemelha mais a uma estrutura de notícia, com a narração dos eventos. Em seguida, são inseridas as falas, em discurso direto, dos jornalistas William Bonner e Maria Julia. No próximo tópico, analisaremos as falas dos dois jornalistas.

### **5.1.2 Notícia, parte II: diálogo entre Bonner e Maria Júlia: polarização grupal e alienação das discussões sobre o racismo**

Bonner se dirige diretamente a Maju, solicitando que ela compartilhe com o público a mensagem que havia enviado aos colegas na tarde daquele dia. A mensagem é nomeada pelo apresentador do Jornal Nacional como “linda” e “maravilhosa”. Novamente, a ênfase é dada à resposta positiva em face dos comentários contra a jornalista, uma vez que esses comentários nem chegam a ser mencionados na fala de Bonner, direcionada a Maria Júlia.

A jornalista, neste momento, faz um relato pessoal, apresentando, como ator social que é, não somente o eu-mesmo relativo à sua função profissional. Demonstra

também o eu-mesmo que representa a pessoa negra, que tem que lidar com o preconceito no seu dia a dia. Ela, à semelhança de William Bonner, opta por enfatizar as demonstrações de carinho que recebeu em resposta aos primeiros comentários. Podemos notar isso já no início de sua fala, quando usa as expressões “estava todo mundo preocupado” e “muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores”. A jornalista deixa claro que havia um sem-número de pessoas demonstrando consternação pelo evento ocorrido e preocupação com a repercussão do caso.

Logo após, Maria Júlia demonstra seu posicionamento: de não esmorecer frente ao ocorrido. Ela utiliza os adjetivos “muito indignada” e “triste” para se referir a si mesma, entretanto, esclarece que não deve esmorecer nem perder o ânimo. Em seguida, a jornalista informa que nasceu em uma família de “pais militantes”, que acha “importante essas medidas legais serem tomadas”, para evitar “novos ataques a mim e a outras pessoas”. Vê-se claramente que o léxico utilizado por Maria Júlia contém palavras com valores semânticos ligados a embate e conflito (indignação, militância, medidas legais, evitar novos ataques), entretanto, a jornalista ressignifica a palavra “militância”, argumentando que a militância dela é fazer o trabalho bem feito, “com muito carinho, com muita dedicação, com muita competência”, palavras que, ao contrário das anteriores, não possuem um valor semântico relacionado a embate ou conflito.

Para finalizar, Maria Júlia adapta um ditado popular ao declarar: “os preconceituosos ladram, mas a caravana passa” (adaptado do ditado “os cães ladram e a caravana passa), expressão que pode ser traduzida, aproximadamente, como “não devemos dar ouvidos aos que falam contra nós”, ao que Bonner responde: “É isso. A Majuzinha passa, como você gosta de dizer. Os cães ladram”. E Maria Júlia replica: “Os preconceituosos ladram, mas a Majuzinha passa”. Esse discurso, advindo de um dito popular, parece ser legitimado pelo valor de verdade característico dos adágios. Desse modo, nos parece que esses atores sociais defendem a postura de que o melhor para combater o racismo é ignorar a prática racista, para que ela não seja valorizada. O fato de os dois jornalistas enfatizarem as demonstrações de carinho em vez da prática racista e da própria Maria Júlia se referir aos autores dos comentários como “minorias” transparece uma estratégia de polarização da sociedade entre a maioria, que não seria

capaz de cometer práticas racistas, uma vez que demonstrou grande indignação com o evento ocorrido, e a minoria, que comete crimes de racismo.

Ressaltamos, todavia, que os jornalistas falam de um lugar institucional, que é a emissora Globo, instituição midiática tradicional, e que, desse modo, não podem descartar, em suas falas, os valores defendidos pela instituição, conforme argumenta van Dijk (2012a, p. 147) a respeito do contexto como fator determinante para o discurso dos jornalistas. Dessa forma, considerando o contexto em que a notícia se apresenta (um dos portais de notícia da Rede Globo), podemos compreender que ela está perpassada por marcas de autoria institucional, uma vez que não podemos desconsiderar o controle discursivo exercido pela instituição midiática.

Como vimos nesta análise, tanto a primeira parte da notícia como o diálogo contêm muitas marcas de polarização grupal, com uma ênfase muito grande nas ações positivas dos internautas que se posicionaram em defesa de Maria Júlia e um apagamento temático da prática racista que provocou essas reações. Essas ocorrências constituem estratégias de negação do racismo como um problema complexo e recorrente, em nossa sociedade, uma vez que apresentam a ocorrência do racismo como um problema localizado.

No próximo tópico, analisaremos os comentários feitos por internautas, sobre as notícias.

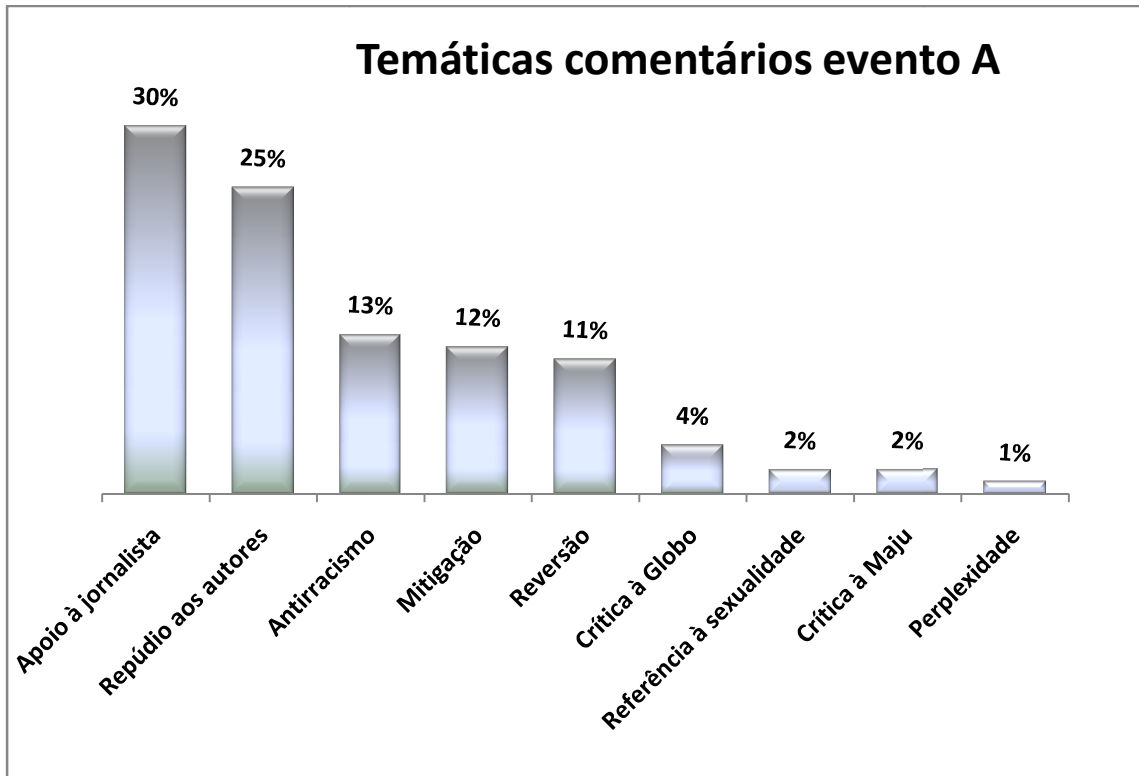
### **5.1.3 Análise dos comentários dos internautas sobre a notícia**

Neste tópico, realizaremos as análises dos comentários relacionados à notícia sobre o evento A. Neste primeiro momento, apresentaremos um gráfico com o quantitativo dos comentários segundo as características que mais nos chamaram a atenção, para, em seguida, analisarmos, em separado, os conjuntos de comentários, conforme o agrupamento<sup>23</sup>.

Gráfico 1 - Divisão de temáticas dos comentários do evento A

---

<sup>23</sup>Esclarecemos que alguns comentários serão analisados de uma forma mais aprofundada que outros, uma vez que muitos deles apresentam estrutura e conteúdo muito semelhantes, e outros tratam de temas que consideramos pouco relevantes para nossa pesquisa.



Fonte: Própria autora.

Observando o gráfico, podemos notar que a temática de grande parte dos comentários coincide com os temas que se sobressaíram na construção da notícia: o repúdio aos autores dos comentários, assim como o apoio dado à jornalista, como resposta às agressões. Essa primeira divisão dos comentários segundo as temáticas nos permite refletir a respeito da influência que a notícia veiculada pelo *site* exerce sobre o discurso dos internautas, uma vez que grande parte dos comentários parece reproduzir o discurso presente na notícia.

Iniciando pela temática que possui a maior representatividade no gráfico acima, temos os comentários que demonstram apoio a Maria Júlia, que contam com 30, e que foi um assunto com bastante destaque também no texto jornalístico. O tema seguinte, o repúdio aos autores dos comentários de teor racista<sup>24</sup>, que teve um total de 25, também está presente como assunto de destaque na notícia. Por outro lado, os comentários que abordam o tema do racismo com uma maior complexidade, como foi o caso dos que classificamos como antirracistas, representam um número

<sup>24</sup>Embora o repúdio à prática racista e o apoio à jornalista, algumas vezes, estejam presentes em comentários divididos pelas temáticas 1 e 3, nós estabelecemos esta qualificação para uma melhor organização das análises, conforme a relevância que a temática apresenta nos comentários em questão.

bem menor: apenas 13, mais uma vez se assemelhando à estrutura da notícia, que tangencia o tema e o aborda de forma superficial. Alguns outros comentários apresentaram temas variados, como, por exemplo, críticas à Rede Globo, por, segundo os comentaristas, não abordar outros eventos envolvendo preconceito; críticas à Maria Júlia, por outros motivos não relacionados à etnia; surpresa pela ocorrência do racismo, entre outros.

Destacamos que os participantes de maior relevância são os grupos dos internautas que postaram os comentários de teor racista – que são, de forma geral, rechaçados –, o grupo dos internautas contrários a essa prática – que se manifestam na figura do eu-mesmo, na autoria dos comentários – e a jornalista Maria Júlia – que, na maioria dos comentários, é destinatária de mensagens de apoio e incentivo.

Por sua vez, o evento que aparece com mais relevância nos comentários, é o fato que gerou toda a movimentação a respeito do tema, que foi justamente a postagem dos comentários discriminatórios. Embora haja menção a outros eventos, esse foi o episódio que mais marcou a argumentação dos leitores que postaram suas opiniões na página do G1.

Nos próximos tópicos, analisaremos mais detalhadamente a forma como os participantes e eventos foram representados, gerando várias estratégias de negação do racismo, que especificaremos nos próximos tópicos. Analisaremos os comentários conforme as divisões apresentadas no gráfico<sup>25</sup>. Iniciaremos as análises com aqueles que expressam repúdio aos autores dos comentários racistas, pelo fato de que estes apresentam estrutura linguística e discursiva muito parecida. Em seguida, analisaremos aqueles que apresentam as manifestações de apoio à jornalista. Logo após, procederemos com as análises dos comentários que possuem marcas de mitigação do racismo. Depois, seguiremos com as análises daqueles que apresentam marcas de reversão do racismo. Seguidamente, comentaremos, de forma sucinta, sobre aqueles comentários que tratam de temáticas diversas, como mencionamos acima e, por fim, apresentaremos os que abordaram o tema do

---

<sup>25</sup> Nos próximos tópicos, iremos dispor a transcrição dos comentários, com a mesma grafia com que foram escritos. Esclarecemos que aqueles que possuem as temáticas mais relevantes para nossa pesquisa, como, por exemplo, a polarização e a mitigação, serão dispostos em sua totalidade, e os comentários com as temáticas menos relevantes, ou muito repetitivos serão representados por exemplos.

racismo demonstrando uma (maior ou menor) profundidade, que, para simplificar a nossa metodologia, classificamos como antirracistas.

Dessa forma, a seguir, teremos os comentários que manifestam repúdio à prática racista efetuada pelos internautas, no *Facebook*.

#### 5.1.3.1 Apresentação positiva grupal e polarização nos comentários sobre o caso Maria Júlia

Como dissemos anteriormente, 25 comentários trouxeram como característica mais marcante o repúdio aos internautas que postaram comentários racistas contra Maria Júlia.

Nesses comentários, podemos notar a forte presença da polarização grupal, mediante o uso da autoapresentação positiva do endogrupo (neste caso, a sociedade brasileira como um todo) e a outro-apresentação negativa do grupo formado pelos racistas (os outros). De forma muito semelhante à notícia, esses comentários possuem uma construção que apresenta o argumento da individualização do racismo, por meio da distinção entre a sociedade no geral e uma parcela distinta da população que possui o preconceito racial. Este grupo é denominado, muitas vezes, nos comentários, como “os racistas”, “esses racistas”, “criminosos” etc. Vejamos o quadro 3<sup>26</sup>:

---

<sup>26</sup> Por questões de organização, dispusemos os comentários que contêm características linguísticas e/ou discursivas semelhantes agrupados em quadros.

Quadro 3 - Comentários evento A – Repúdio aos autores da prática racista

<p>Comentário A1:</p> <p>Maju, você é linda, maravilhosa, talentosa! Sou fã da sua competência e do seu trabalho. Não se abale com os comentários de <b>criminosos</b><sup>27</sup> que não tem amor no coração. Você é superior a eles. Te apoio! Abraços!</p>
<p>Comentário A2:</p> <p>Maju, você antes de ser linda,o que não seria nenhum problema se não fosse,afinal todos se preocupam muito com beleza e não profissionalismo.Você é uma excelente profissional,que faz com que a previsão do tempo seja ainda mais interessante.Parabéns pelo seu trabalho e siga em frente,pq esse tipo de comentário maldoso sempre existirá infelizmente.Mas cabe a você sendo superior com certeza a <b>esses pobres de espirito</b> superar</p>
<p>Comentário A3:</p> <p>MAJÚ, VOCÊ TEM O QUE <b>ESTES PRECONCEITUOSOS</b> NÃO TEM. EXCELENTE PROFISSIONAL, INTELIGENTE, UMA MULHER BONITA, MUITO ELEGANTE, PORTANTO A COR DAS PESSOAS NÃO IMPORTA, SOMOS TODOS IGUAIS.</p>
<p>Comentário A4:</p> <p>Majuamo o seu trabalho na previsão do tempo, só devemos orar por <b>essas pessoas que não tem noções</b> das coisas que falam; mais confia no senhor que a justiça será feita. XXXXXXXXXXXXXXXX.</p>
<p>Comentário A5:</p> <p>preconceito é (coisa) de <b>gente que não tem o que fazer</b> sou Maju hoje e sempre!!!!</p>
<p>Comentário A6:</p> <p><b>Acéfalomaniacos!</b> Reclusão para quaisquer descumpridores da nossa Carta Magna!</p>
<p>Comentário A7:</p> <p><b>Racistas idiotas</b>, acho totalmente sem nexo esse tipo de preconceito, só não entendo porque o maior número de imigrantes que vem pro Brasil vem do continente Africano e Haiti e ninguém liga, e com uma brasileira nata que só faz o serviço dela sem ofender ninguém inventam um "ataque" ofendendo ela, eu quero mais é que os autores sejam punidos pra aprenderem lição de moral.</p>
<p>Comentário A8:</p>

<sup>27</sup> Destacamos em negrito, na disposição destes comentários, as palavras utilizadas para se referir aos autores dos comentários de teor racista, para facilitar a visualização.

<p>Somos todos iguais. Racismo é passado. Isso que aconteceu é fruto da <b>imensa minoria</b> ou tem orientação política.</p>
<p>Comentário A9:</p> <p>Maju, não esquentar com esses <b>bestas humanas</b>, vc é gente, vc é uma profissional maravilhosa, competente e muito inteligente, por isso Somos mais Majubjos.</p>
<p>Comentário A10:</p> <p>Entre a MAJU e esses <b>baderneiros</b> sou MAJU infinitamente. Que esses <b>seres medíocres</b> sejam investigados e punindo, NEGRO É E SEMPRE SERÁ NOSSOS IRMÃOS.</p>
<p>Comentário A11:</p> <p>Absurdo! Pessoas preconceituosas são <b>dignas de pena!</b> Maju é linda!E deixa mts mulheres morrendo de inveja,pois é independente e tem uma carreira de sucesso!!!!</p>
<p>Comentário A12:</p> <p>Tem muitos "branquelos" que não chegam aos seus pés. Racismo é coisa <b>pragente ignorante</b>.</p>
<p>Comentário A13:</p> <p>maju estou com vc..... são <b>pessoas de alma e caráter feio</b> isso é porque eles não conseguem aparecer maju sempre maju adoramos vc bonita competente e de alma linda um grande bjsssssss</p>
<p>Comentário A14:</p> <p>Quem sai com esses comentários racistas <b>devem ser doentes</b>. Maju continua a brilhar estamos com vc!!!!!!!!!!!!</p>
<p>Comentário A15:</p> <p>É vergonhoso saber que convivemos com <b>esses covardes</b>, que se escondem por trás do "anonimato" para atacar uma profissional espetacular, e um ser humano lindo. é preciso investigar à fundo e descobrir quem são <b>esses calhordas</b>. Estamos contigo Majualways.</p>
<p>Comentário A16:</p> <p>É um absurdo que nos dias de hoje <b>uma minoria medíocre</b> se utiliza das redes sociais de forma covarde para fazer comentários racistas.A melhor resposta que a Maria Julia pode dar é continuar sendo essa profissional competente que ela é."Somos todos Maju"</p>
<p>Comentário A17:</p> <p>A Maria Júlia é profissional competente. Se não bastasse tem carisma é uma mulher linda. Preconceito com ela, seja de qual natureza for, somente partindo de <b>retardados</b>.</p>



<p>Comentário A18:</p> <p>A Maju é linda - física e espiritualmente! Agora, preto é o cérebro <b>desses criminosos</b>. Negra é cor linda dessa moça, que de tão linda, ofusca a mente desses <b>pobres ignorantes</b>. Eu também SOUMAJU! Aqui em casa SOMOSTODOS MAJU!</p>
<p>Comentário A19:</p> <p>comparar cães com <b>esses preconceituosos</b> é errado. os cães são dignos. já esses preconceituosos... maju,você é um encanto !!</p>
<p>Comentário A20:</p> <p>Esse pessoal preconceituoso não passa de um <b>lixo miserável</b>, pois todos nós somos humanos. ISSO É A PURA INVEJA PORQUE ESSA MOÇA TÁ NUMA POSIÇÃO PRIVILEGIADA, PARABÉNS MAJU.</p>
<p>Comentário A21:</p> <p>Maju,isso é um absurdo deveriam ter vergonha de tamanha falta de respeito com o próximo,vc e linda e faz de nossas noites com sua presença em nossos lares noites muito alegres, <b>pessoas sem cultura,desprovidos de inteligência</b> o Brasil está cada dia pior,e por isso que não vai pra frente esse país ,continue brilhando,sucesso....</p>
<p>Comentário A22:</p> <p><b>Os Coxinhas</b> já estão passando dos limites. Perderam a vergonha.</p>
<p>Comentário A23:</p> <p>Maju não fique triste com <b>essas pessoas preconceituosas</b>logologovc vai estar na bancada do Jornal Nacional junto com William Bonner.bjo</p>
<p>Comentário A24</p> <p>Todos <b>covardes</b>, foi só ser divulgado a matéria, saíram todos das paginas sociais, porque agora não dão as caras, não eram valentes para ofender? <b>COVARDES</b>. Espero que sejam todos identificados e mostrados também ao povo, até porque essas pessoas,quero dizer, esses indivíduos devem ter algum "amigo" negro. Só tenho dó desse "amigo".</p>
<p>Comentário A 25</p> <p>Eu ainda prefiro acreditar que estes <b>seres desprezíveis</b> fazem isso apenas para chamar a atenção, por que sabem que vão dar ibope. Não é possível que a raça humana só esteja regredindo a esses pontos. :/</p>

Fonte: Própria autora.

Dos comentários acima, podemos listar a ocorrência das seguintes expressões, que foram utilizadas para a referência aos autores dos comentários de conteúdo racista contra a jornalista, ou mesmo pessoas que possuem preconceitos, no geral:

Quadro 4 - Escolha lexical nos comentários em repúdio aos autores

<b>Escolha lexical e respectivo número do comentário</b>	<b>Significado<sup>28</sup></b>
Criminosos (A1, A18)	<b>Criminoso:</b> contrário às leis morais ou sociais (HOUAISS, 2009).
Pobres de espírito (A2)	<b>Pobre de espírito:</b> simplório, ingênuo, tolo (PRIBERAM).
Estes preconceituosos (A3, A19)	<b>Preconceituoso:</b> que revela preconceito, parcial (HOUAISS, 2009).
Pessoas que não tem noções das coisas que falam (A4)	Dispensa definição de dicionário. Expressão se refere a pessoas que falam sem conhecimento sobre determinado assunto ou sem refletir sobre o que se diz.
Gente que não tem o que fazer (A5)	Dispensa definição de dicionário. Expressão é referente a pessoas que não possuem ocupação ou que possuem muito tempo livre.
Acéfalomaniacos (A6)	<b>Acéfalo:</b> (figurativo) sem inteligência (HOUAISS, 2009). <b>Maníaco:</b> Que, ou o que tem mania ou manias [...] 4 excêntrico, esquisito (MICHAELIS).
Idiotas (A7)	<b>Idiota:</b> que(m) não tem inteligência ou bom senso; tolo, estúpido (HOUAISS, 2009).
Imensa minoria (A8)	<b>Imenso:</b> impossível de medir ou contar (HOUAISS, 2009). <b>Minoria:</b> inferioridade numérica (neste caso, imensa minoria se refere a uma parcela mínima da população) (HOUAISS, 2009).
Bestas humanas (A9)	<b>Besta:</b> 1 quadrúpede 2 animal de carga 3 burro 4 pessoa grosseira (neste caso, a expressão confere características bestiais a seres humanos) (HOUAISS, 2009).
Esses baderneiros (A10)	<b>Baderna:</b> situação em que há desordem (HOUAISS, 2009).
Seres medíocres (A10)	<b>Medíocre:</b> 1 (o) que é de qualidade média 2 (o) que tem pouco mérito (HOUAISS, 2009).

<sup>28</sup>Neste trabalho, utilizamos as palavras significado e sentido – a despeito das problematizações que possam envolver essas palavras nos estudos dos mais diversos campos de estudo da Linguística, e de outras áreas de pesquisa científica – para nos referirmos aos possíveis usos das palavras, segundo dicionários ou usos correntes, de conhecimento geral.

Dignas de pena (A11)	Está sendo exposta a uma situação ruim (DICIONÁRIO INFORMAL).
Gente ignorante (A12)	<b>Ignorante:</b> 2 que(m) não tem instrução 3 mal-educado, grosseiro(HOUAISS, 2009).
Pessoas de alma e caráter feio (A13)	<b>Alma:</b> 1 parte imortal do homem; espírito 2 natureza moral e emocional de uma pessoa [...] 4 caráter de uma pessoa ou grupo [...] condição essencial.  <b>Caráter:</b> [...]2 traço distintivo de pessoa, coisa ou grupo [...] 4 personalidade, temperamento, índole.  <b>Feio:</b> Sem beleza, disforme 2 que inspira desprezo, nojo, vergonha; desonesto 6 indivíduo sem beleza 7 comportamento desabonador 8 de maneira vergonhosa (HOUAISS, 2009).
Devem ser doentes (A14)	<b>Doente:</b> que(m) padece de algum mal físico e/ou moral (HOUAISS, 2009).
Covardes (A15; A24)	<b>Covarde:</b> 1 que(m) é medroso, sem coragem 2 que(m) é desleal, perverso (HOUAISS, 2009).
Calhordas (A15)	<b>Calhorda:</b> que(m) é desprezível, sem valor (HOUAISS, 2009).
Minoria medíocre (A16)	<b>Minoria:</b> inferioridade numérica (HOUAISS, 2009). <b>Medíocre:</b> 1 (o) que é de qualidade média 2 (o) que tem pouco mérito (HOUAISS, 2009).
Retardados (A17)	<b>Retardado:</b> (indivíduo) cujo desenvolvimento mental está aquém da média normal para sua idade (HOUAISS, 2009).
Lixo miserável (A20)	<b>Lixo:</b> 1 objeto sem valor ou utilidade, ou resto de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora 3 sujeira, imundície 4 coisa ou pessoa sem valor, utilidade, importância.  <b>Miserável:</b> 1 que(m) é digno de piedade 4 desprezível, patife (HOUAISS, 2009).
Pessoas sem cultura, desprovidos de inteligência (A21)	Dispensa definição do dicionário, expressão que se refere a pessoas com baixo nível de escolarização e/ou pouco conhecimento a respeito do mundo, em geral.
Coxinhas (A22)	<b>Coxinha:</b> É um termo pejorativo usado na gíria e que serve para descrever uma pessoa " <b>certinha</b> ", " <b>arrumadinha</b> " [...] (Significados.com.br).
Seres desprezíveis (A25)	<b>Desprezível:</b> 1que pode ser desprezado 2 merecedor de

	desprezo, vil, vergonhoso.
--	----------------------------

Fonte: Própria autora.

Podemos notar que todas as expressões acima citadas possuem uma carga semântica pejorativa muito forte, atribuindo aos autores dos comentários de teor racista características de desvio da norma da sociedade. Abaixo, sintetizamos os padrões das representações presentes nas expressões mencionadas:

- i) Transgressores das leis ou das normas de boa convivência social/pessoas que estão à margem da sociedade: “criminosos”, “preconceituosos”, “gente que não tem o que fazer”; “baderneiros”; “pessoas de alma e caráter feio”; “covardes”, “calhordas”; “lixo miserável”; “seres desprezíveis”.
- ii) Pessoas com atrasos de desenvolvimento intelectual e/ou moral: “pobres de espírito”; “pessoas que não tem noções das coisas que falam”; “acéfalomaníacos”; “seres medíocres”; “minoría **medíocre**”; “gente ignorante”; “retardados”; “idiotas”; “pessoas sem cultura, desprovidos de inteligência”.
- iii) Pessoas a quem são atribuídas doenças ou anomalias: “devem serdoentes”; “bestas humanas”.
- iv) Indivíduos que representam pequena parcela da sociedade: “**estes** preconceituosos”; “imensa minoría”; “**minoría** medíocre”.
- v) Pessoas que, por terem um comportamento tão negativo, devem suscitar o sentimento de pena: “dignas de pena”.

Há ainda uma classificação que chama atenção por nomear esses atores sociais segundo um possível posicionamento político:

- vi) Pessoas com posicionamento sociopolítico de direita, que, normalmente são contrárias a políticas em prol de minorias.

Assim, por meio da escolha desse vasto léxico de carga semântica altamente pejorativa, pode-se notar claramente como os discursos presentes nos comentários listados delimitam uma divisão entre os indivíduos que estão dentro do padrão da sociedade e os outros (racistas), que não se inscrevem dentro da normalidade, corroborando, assim, com o que diz van Dijk (2012a) a respeito da propensão que há

em sociedades onde existem normas rígidas com relação ao racismo, de se tratar os casos de racismo como práticas individualizadas e de construir, dessa forma, uma autoapresentação positiva grupal, ao defender o argumento de que apenas uma parcela da população – vista como desvio do padrão – apresenta práticas racistas.

Além da escolha lexical de carga semântica pejorativa, nos comentários listados acima, podemos salienta o uso das expressões “bestas humanas” e “alma e caráter feio”, como um forte elemento de natureza metafórica que reforça, com a utilização do sentido figurativo da palavra “besta”, a intenção de emprestar um caráter animalesco e bestial às pessoas que postaram os comentários racistas. Bem como a palavra “feio”, para conferir a esses atores sociais uma identidade negativa, relacionando à sua essência (alma e caráter) propriedades naturalmente negativas. Dessa maneira, o uso dessas expressões pode levar o leitor a construir uma representação extremamente negativa a respeito desses atores sociais.

Ademais, há o uso repetido dos pronomes estes/esses, nos seguintes comentários:

A2: esses pobres de espírito

A3: estes preconceituosos

A9: esses bestas humanas

A10: esses baderneiros

A15: esses covardes

A19: esses preconceituosos

A utilização desses pronomes nesta construção linguística também implica uma conotação pejorativa. Segundo Neves (2000, p. 505-506), o uso do pronome demonstrativo junto de adjetivos qualificadores disfóricos (adjetivos que qualificam negativamente o substantivo), como, por exemplo, em “esses preconceituosos”; “esses covardes”, constroem uma referência desairosa a uma pessoa, o que equivale a dizer que essa construção é utilizada para atribuir a um ator social características de caráter deselegante, inconveniente ou mesmo indecente.

Por conseguinte, entendemos que até mesmo nesse elemento sutil, os autores dos comentários analisados construíram o discurso de uma forma que favorece a representação negativa dos autores dos primeiros comentários, mais uma vez reforçando o argumento da outro-apresentação negativa, estratégia constituinte da polarização grupal, já que, mais uma vez, os autores dos comentários foram aqui representados como um grupo bem determinado em suas características negativas.

Desse modo, ao construir uma representação dos autores dos comentários racistas como indivíduos exclusivamente maus, que apresentam um desvio da norma, com relação ao restante da sociedade, o discurso presente nesses comentários nega a existência do racismo que se apresenta sob a forma sistêmica, e defende que suas manifestações acontecem de forma pontual, desviando-se do padrão, construindo, assim, uma apresentação positiva do grupo que é composto pela sociedade no geral<sup>29</sup>, bem como uma apresentação negativa do grupo que pratica ações racistas, estabelecendo, dessa forma, uma polarização grupal entre a sociedade (não racista) e o grupo dos racistas, e estabelecendo a negação do racismo como um problema complexo, que permeia toda a sociedade.

Sintetizando, nesse primeiro grupo de comentários, pudemos encontrar diversas construções linguísticas que favorecem a polarização grupal, por meio da representação negativa do “grupo dos racistas”. Destacamos aqui as escolhas lexicais de valor pejorativo, as metáforas, que também conferiam valoração negativa aos referentes e o uso do demonstrativo junto aos qualificadores disfóricos.

Além da polarização, encontramos também muitos comentários que manifestam apoio à jornalista, sem mencionar os fatos relacionados ao racismo. No próximo tópico, analisaremos esses comentários.

---

<sup>29</sup>Ressaltamos, mais uma vez, que as pessoas que escreveram os comentários sobre a notícia, no *site* do G1 não representam a sociedade brasileira como um todo e sim um público específico representado pelos leitores do portal de notícias ou de pessoas que, embora possam não ter o hábito de ler o portal, de alguma maneira tiveram acesso a essa notícia e isso as levou a se direcionarem ao *site*, para ler o conteúdo na íntegra. Todavia, o discurso presente nos comentários desse público defende, muitas vezes, que as práticas racistas são cometidas por uma “minoría”, que desvia do padrão do restante da sociedade. Assim, podemos compreender que, por esse argumento, a sociedade como um todo, no Brasil, não exerceria práticas racistas, mas esses atos seriam praticados por um grupo específico, denominado pelos autores dos comentários do G1 como “racistas”, “criminosos” “doentes” etc.

### 5.1.3.2 Comentários em apoio à Maria Júlia: Representação da jornalista como “linda”

Nas nossas observações preliminares, pudemos perceber que um grande número de comentários é composto por mensagens de apoio à jornalista. Notamos, também, que a maior parte dessas mensagens traz elogios à beleza e à atuação profissional de Maria Júlia, sem, contudo, mencionar o racismo. Vejamos esses comentários no quadro a seguir:

Quadro 5 - Comentários com elogios à Maria Júlia

Comentário A26
Maju você está cada vez mais linda!!!!
Comentário A27
Muito Linda e inteligente, Somos Todos Maju hoje e sempre.
Comentário A28
Maju. Vceh linda. Competente. Oratoria e dicção perfeitas. Parabens, pois com vc nosso jornalismo ficou muito mais colorido. Grande bjo
Comentário A29
Você é linda somos todos maju
Comentário A30
Concertesa SOMOS TODOS MAJU estamos com você maju linda.
Comentário A31
oláMaju;
Comentário A32
Estamos com você Maju
Comentário A32
GRANDE PROFISSIONAL E MUITO SIMPÁTICA ACIMA DE TUDO NOTA 1000 PRA VOCE. PARABENS MAJU.
Comentário A34
Maju, além de excelente profissional, todas as noites você entra em nossos lares com

simpatia, elegância e uma beleza incontestável. Nós sempre seremos Maju.

Comentário A35

,Eu sou MAJU,você é MAJU,nos somos MAJU...Porque somos MAJU?Porque ela é demais,

Comentário A36

Representa Majú, salvesalve!!!

Comentário A37

Maju,linda e competente

Comentário A38

somos todos maju parabéns linda e continue com seu sucesso . com esse sorriso lindo de sempre

Comentário A39

Maju, aceite um forte e fraterno abraço, postei um video para vc no meu canal do Youtube, gostaria que assistisse.

Comentário A40

M A R A V I L H O S A MAJU SEMPRE

Comentário A41

Acompanho está menina desde o "Bom dia Brasil", sempre gostei da maneira linda que apresentava a previsão do tempo. Linda!

Comentário A42

Ela é uma Mulata linda e talentosa, confesso que assisto pouco TV. por falta de tempo as vezes com a correria só ouço as vozes dos locutores e as programações mas quando, derrepente naquela agitação toda uma voz diferente, um jeito diferente de comunicar mais estrovertido me chama a atenção e todas as vezes que ela esta falando, só percebo que estou parada na frente da Tv , quando ela termina sua apresentação...kkk Gosto dessa garota!!!!!! Sou mais Maju.

Comentário A43Linda.

Voce representa a exuberante beleza da mulher Brasileira

Comentário A44

Nossa Família te ama Maju !



Comentário A45
adoro ver você Maju .Você faz seu trabalho com carinho para todos nós telespectadores amos muito você alem de ser muito linda beijossssss
Comentário A46
Linda. Deus te abençoe.
Comentário A47
Samos todos Maju maravilhosa

Fonte: Própria autora.

No quadro acima, temos 22 comentários que prestam elogios e demonstram carinho e apoio à jornalista, por conta dos comentários realizados contra ela. Apesar de serem respostas a uma prática racista, os temas abordados não estão relacionados a questões que envolvem o racismo.

Desses 22 comentários, o adjetivo qualificador eufórico “linda” aparece em 13. Além desse adjetivo, há também outros qualificadores positivos, como: inteligente, competente, simpática, excelente (profissional), talentosa, maravilhosa etc.

Essa representação da jornalista, ao enfatizar suas características positivas, principalmente a beleza, pode significar uma tentativa de desconstrução do racismo com base em argumentos que salientam as qualidades positivas da jornalista. Entretanto, por não haver nenhuma menção ao racismo, ou a elementos ligados à raça – ou cor de pele –esses argumentos acabam sendo muito superficiais, pois não contém uma reflexão maior a respeito do que levou os internautas a praticarem esse ato de racismo. Além disso, o fato de responder aos comentários racistas com elogios à beleza ou à atuação profissional da jornalista parece significar que, por ter ela esses atributos, não deveria sofrer racismo, uma relação equivocada, já que a prática do racismo existe independentemente da beleza física ou do desempenho profissional.

A temática contida nesses comentários reflete a estrutura da notícia comentada, que aborda muito mais o apoio dos internautas, e também dos próprios colegas, à Maria Júlia, e praticamente não trata sobre as temáticas que envolvem o racismo. Considerando que esses comentários representam mais de um quarto do total dos

primeiros 100, podemos entender que uma parte significativa dos internautas que comentaram a notícia assimilou o discurso presente nela, dando um lugar de destaque à beleza e a simpatia da jornalista e não construindo uma reflexão aprofundada a respeito do racismo, e reproduzindo a própria ressignificação da militância feita pela jornalista, de trabalhar com dedicação, carinho e competência como forma de combate ao racismo.

Além disso, o elogio à beleza física da jornalista em uma quantidade expressiva dos comentários nos remete a um costume bem conhecido no imaginário social brasileiro, de relacionar a mulher negra, necessariamente, a atributos físicos e à sensualidade, conforme mencionamos no segundo capítulo deste trabalho, seja pela estereotipização da “mulata” pela mídia, ou mesmo pelo histórico de abuso sofrido pelas mulheres negras desde o período colonial. Mesmo que os atores sociais, ao escreverem esses comentários, não tenham feito a associação intencionalmente, nem tenham relacionado esse discurso a valores negativos, essa reafirmação de estereótipos não contribui em nada com a desconstrução do discurso racista.

Assim, destacamos, nesse bloco de comentários, que a semântica local das expressões utilizadas para se referir à Maria Júlia muito se assemelhou à temática global da notícia, ao retirar completamente o foco das questões ligadas ao racismo e abordar, simploriamente, os atributos positivos da jornalista.

Além dos comentários listados acima, tivemos a ocorrência de 6 comentários que, da mesma forma que os anteriores, contêm muitos elogios, demonstrações de carinho e apoio à Maria Júlia, e, além disso, manifestam um discurso que aponta para a superioridade da jornalista ou defendem que ela deveria ignorar a ação dos internautas que a atacaram.

Vejamos estes comentários no próximo quadro:

Quadro 6 - Comentários que abordam a superioridade de Maria Júlia

Comentário A48:

Maju, você é talentosa, inteligente, educada e linda. Sou branco, tenho 60 e se tivesse a sua idade a pediria em casamento. **Siga seu caminho sem olhar para trás. Poeira neles menina!**

<p>Comentário A49:</p> <p>Aprendi a acordar cedo só para te vê maju acabei acostumando a ver jornal as 5 da manhã e agora até assisto jornal nacional por sua causa obrigado vc fez bem pra minha vida <b>quanto ao resto a própria palavras já diz e resto</b>, seu jeitinho encantou o Brasil todo vc e especial...</p>
<p>Comentário A50:</p> <p>Somos todos Maju!!!! Você é linda...e <b>nada apagará esse brilho que é só seu</b>..bjos e muiiito sucesso</p>
<p>Comentário A51:</p> <p>Maju sua linda...<b> você é mais você e está certíssima: Dê importância às pessoas realmente importantes pra você</b>. Faça o que faz com esse amor e essa dedicação e pense somente no seu futuro e nas suas conquistas e família. Parabéns guerreira!</p>
<p>Comentário A52:</p> <p>Adoro ver a MAJU entrar em cena,<b>o importante é o que ela é</b>, pessoa já iluminada por DEUS.</p>
<p>Comentário A53:</p> <p>MAJU, <b> você é LINDAAAAAAAAAAAA de mais para se abalar com isso</b>, sempre acordei cedo pra te ver no Hora 1, só que agora tento chegar em casa mais cedo pra te ver no JN, tá difícil, volta pro jornal da manhã, por favor, sou seu fã, beijos e parabéns enfrenta tudo e todos de cabeça erguida.</p>

Fonte: Própria autora.

No quadro acima, podemos observar que todos os comentários prestam homenagens à Maria Júlia, construindo uma representação positiva dela, assim como os comentários do quadro anterior. No quadro 6, aparecem expressões como: “linda”, “talentosa”, “educada”, “inteligente”, “iluminada por Deus”, “guerreira” etc.

Além disso, esses comentários incentivam a jornalista a não dar atenção aos comentários preconceituosos, por meio das expressões metafóricas: “siga seu caminho sem olhar para trás. Poeira neles” (A48), “quanto ao resto a própria palavras já diz e resto” (A49) e “nada apagará esse brilho que é só seu” (A50). Essas expressões transparecem a ideia de que os comentários racistas são insignificantes em comparação à jornalista e que, por isso, não devem incomodá-la.

Temos ainda o comentário A51, que apresenta: “você é mais você e está certíssima: Dê importância às pessoas realmente importantes pra você”, referindo-se à própria fala da jornalista, contida no corpo da notícia, em que esta afirma que segue fazendo seu trabalho, como forma de militância. E, por fim, o comentário A53, onde há a expressão “você é LINDAAAAAAAAAAAA de mais para se abalar com isso”. O autor desse comentário, claramente, apresenta a beleza como um elemento que supera o racismo e defende que, o fato de a jornalista ser uma mulher bela deveria ser um motivo para que esta não se preocupasse com o racismo sofrido por ela.

Todos os comentários dispostos no quadro 6 demonstram carinho por Maria Júlia, entretanto, todos eles contêm ideias equivocadas a respeito da relação entre beleza/sucesso profissional e o racismo. Todos eles apresentam a ideia de que a jornalista deveria se ater ao fato de ser uma mulher bonita e bem-sucedida e não se incomodar com as agressões racistas.

Dessa maneira, os comentários deste último quadro apresentam uma temática muito parecida com o anterior, com o diferencial de apresentarem o argumento do “você deve ignorar”. Entendemos que esses comentários refletem a própria postura da jornalista (demonstrada em sua fala na notícia), no sentido de que esta, aparentemente, não demonstra muita motivação em apresentar uma postura de combate ao discurso racista.

Continuando nessa temática, ocorreram mais dois comentários que manifestavam apoio e incentivo à Maria Júlia. Um deles, de forma similar aos comentários do quadro 6, apresenta as qualidades da jornalista como fator que deveria “evitar” o racismo. Ei-lo:

Comentário A54: Eu não entendo porque de tanto racismo essa moça é linda, inteligente e carismática se esta nesse jornal é porque merece por seus méritos a cor da pele não tem nenhuma influência com tudo isso que ela conquistou ela é uma mulher magnífica e faz bem seu trabalho espero que essas pessoas sejam punidas Maria Julia te amo princesa seja firme e forte estou com você.

Vemos que aqui, novamente, a jornalista é qualificada positivamente, como “linda, inteligente e carismática”, “princesa” e bem-sucedida. O autor do comentário ainda

argumenta que não entende a causa do racismo uma vez que a moça apresenta tantos atributos positivos. Em seguida, é utilizada a seguinte expressão: “a cor da pele (pele) não tem nenhuma influência com tudo isto que ela conquistou”. Esse argumento ignora o fato de que a cor da pele não pode ser desvinculada do indivíduo e, embora esse elemento, de fato, não devesse exercer influência sobre as ações que o indivíduo pratica ou recebe, isso não acontece na realidade. Como temos visto nesta pesquisa, a cor da pele teve, no passado, e tem, ainda hoje, relação direta com a situação socioeconômica dos brasileiros.

Embora o autor do comentário estivesse se referindo à situação favorável em que Maria Júlia se encontra, ao afirmar que a cor da pele não tem influência com o que ocorre em sua vida, esse ator social pratica um discurso que diminui a importância da influência das relações raciais nas questões sociais.

Por fim, tivemos um comentário que, além de demonstrar apoio à jornalista, constrói uma reflexão a respeito da igualdade racial:

Comentário A55: Maju, me declaro negra, tenho orgulho da minha cor, ensino meus filhos igualdade, pois meu marido é italiano, e o mais legal, sou sua fã, tudo que vc usa, fora numerações rs, sei que vai ficar ótimo em mim.

Neste comentário, o discurso já apresenta características mais relacionadas a questões raciais, visto que há a menção ao orgulho da cor da pele negra e o ensino dos filhos sobre igualdade. A autora do comentário ainda reflete sobre o motivo que a faz ensinar os filhos sobre igualdade: seu marido é italiano e, ao que tudo indica, é branco, assim, a diversidade presente na família estimula o diálogo sobre o assunto.

Observamos que este é o único comentário dentre os que analisamos neste tópico que contém a palavra “negra” e este se refere à autora do comentário. Dessa forma, nenhum dos comentários que tem como temática mais proeminente o apoio à Maria Júlia constrói uma representação social dela como uma mulher negra. Ela é sempre representada em seus aspectos relacionados à beleza, simpatia e profissionalismo. No máximo, é referida como “mulata linda”, no comentário A42, expressão que reforça a estereotipização da mulher negra como essencialmente sensual. Assim, vemos que, na representação social dela, ocorre um apagamento da Maria Júlia como uma pessoa negra. Comparamos esse apagamento à assimilação da cultura

branca por parte do negro, como descreve o autor Ribeiro (1995), já que Maria Júlia, enquanto ator social que é, apresenta uma grande valorização sociocultural, o que a faz deixar de ser enxergada como a pessoa negra normalmente é representada em nossa sociedade.

No tópico seguinte, analisaremos os comentários que, também com uma representatividade numérica considerável para nosso *corpus*, apresentaram marcas de mitigação do racismo.

### 5.1.3.3 Mitigação do racismo nos comentários sobre a notícia

Neste tópico trabalharemos os comentários em que encontramos marcas de mitigação do racismo<sup>30</sup>. Em 12 comentários ocorrem várias expressões que substituem o conceito de racismo, constituindo, desse modo, uma estratégia de mitigação do teor racista dos mesmos, como podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 7 - Comentários que substituem o racismo por inveja

Comentário A56:

Oi Maria Julia não leve á serio esses comentarios, são pessoas que tem **inveja** de uma mulher bela inteligente que esta ocupando nosso coração a cada jornal que vocefaz , seja sempre assim sorridente sei o que voce sentiu eu tenho mais de 60 anos e sou discriminado na cara dura por isso,não me dão direito de fazer academia depois das 18.00 participar de maratonas ,trabalho nem pensar e olha que tenho um curriculo daqueles anos de atividade em minha profissão , estou com vocemaju....

Comentário A57:

Maju, você chegou e já deu pra ver que tinha estrela própria. Linda, elegante, competente. Só que no meio do caminho sempre tem as **pedras**, continue assim, "chute" todas elas só com o teu sorriso. A **INVEJA** MATA não é mesmo!!!!bjs.

<sup>30</sup>Van Dijk (2012a) apresenta como mitigação do racismo a prática de se substituir o termo “racismo” por outros que não denotem os mesmos significados pejorativos imbricados no sentido dessa palavra. Para melhor entendimento dessa estratégia, ver van Dijk (2012a, p. 162-163).

Comentário A58:

Vocês já prestaram atenção nesta mulher "Maju"? Há tempos venho observando ela. Linda, competente, profissional, elegante (já prestaram atenção nos looks dessa mulher?). Além de tudo inteligente, uma negra de dar orgulho a qualquer cidadão brasileiro. Uma honra recebê-la todos os dias na telinha da minha casa, minha família te adora e espero que você faça mais sucesso a cada dia, porque você merece. Num país miscigenado são **absurdas** as agressões raciais. Que Deus continue a lhe dar forças, sucesso e alegrias em sua brilhante carreira. Beijo no ombro para os **invejosos**, SOMOS TODOS MAJU!!!

Comentário A59:

Pq o **sucesso incomoda** tanta gente! Majuvc é uma baita de uma profissional, e de lambuja é linda. SOMOS TODOS MAJU

Comentário A60:

Quando eu botei os olhos nessa menina (linda) ainda no bom dia comentei com minha esposa "nasce uma estrela" Uma nova Gloria Maria (linda). Essas agressões são muito mais **inveja** do que racismo. Oramos por vc .

Comentário A61:

Maju Sou uma pessoa observadora, às vezes percebo que quando aparecem duas moças, uma branca não muito bonita e uma negra linda, super bem vestida, toda perfumada e maquiada, a primeira atenção é para a branca e depois talvez, acabam olhando para a outra, mas não é sempre que olham. Maju o que o pessoal tem é **despeito** por não terem alcançado o degrau, o salário e a Emissora que você chegou. Gata você esta arrasando com suas explicações de metereologia, cada dia com um figurino diferente elegante e comportado bola pra frente e para quem tem **dor de cotovelo**, mande um beijinho no ombro.

Comentário A62:

Maju linda profissional, bela mulher com a cor da pele escolhida por Deus, quem acha ao contrário é pq **não é capaz de manter um sorriso em meio as dificuldades muito menos trabalhar na rede globo em horário nobre**. Forçafocoefé....

Comentário 63:

Oi majuvc é linda, Deus te fez assim para que as pessoas olhe para vc e se espelhe na sua vitória, e as pessoas sem capacidade **invejosas** fazem estas coisas absurdas sendo racista. Fica em paz com seu coração .

Comentário A64:

MAJUUUU...VC E MARAVILHOSA,EXCELENTE PROFISSIONAL,TEM MUITOOO CARISMA E TRABALHA ONDE MUITOSSSS GOSTARIAM DE TRABALHAR!!!E ISSO CAUSA

**INVEJAEM** MUITOS E MUITAS **INCOMPETENTES!** E O MAIS TRISTE É SABER QUE SÃO ASSIM...PRECONCEITUOSOS PQ COM CERTEZA EM CASA OS PAIS SÃO ASSIM TBEM!

Comentário A65:

Parabéns Maju, você está incomodando por ser negra bonita competente e trabalhar numa grande empresa e isso incomoda demais os **incompetentes**.

Comentário A66:

Não conheço esta moça, mas se chegou onde chegou foi por total merecimento. O sucesso dela incomodou alguns **frustrados**. A maior punição que os **frustrados** podem ter é continuar vendo o sucesso dela. Todas as palavras disparadas em forma de dardos flamejantes foram amparadas pelos escudos da simplicidade e profissionalismo desta moça. Força Maria Julia!

Comentário A67:

Pura **inveja** da MAJU que é lindaaaaa e talentosa!!!!

Fonte: Própria autora.

Dos comentários acima, destacamos, para análise, as seguintes escolhas lexicais:

Quadro 8 - Escolhas lexicais nos comentários sobre a inveja

Escolha lexical e respectivo número do comentário	Significado
Inveja, invejosos (A56; A57; A58; A60; A63; A64; A 67)	<b>Inveja:</b> 1 desejo de possuir o que é de outrem [...] 2 desgosto com o sucesso alheio (HOUAISS, 2009).
Despeito (A61)	<b>Despeito:</b> desgosto causado por desfeita, humilhação ou ofensa ao amor-próprio; ressentimento (HOUAISS, 2009).
Dor de cotovelo (A61)	Expressão que significa tristeza por perder a pessoa amada (DICIONÁRIO INFORMAL), mas que, neste contexto, pode ser lida como semelhante a despeito.
Incompetentes (A64; A65)	<b>Incompetência:</b> falta de competência, habilidade, aptidão (HOUAISS, 2009).
Frustrados (A66)	<b>Frustrar:</b> 1 (fazer) falhar; anular (-se) 2 não corresponder à expectativa (de); decepcionar (-se) (HOUAISS, 2009).

Fonte: Própria autora.



Observando os significados das palavras citadas na tabela acima, e seu uso nos comentários, pode-se notar que todas elas atribuem um possível sentimento de ressentimento, por parte dos internautas autores dos comentários contra Maria Júlia, por ela – aparentemente – ter galgado maior sucesso na carreira ou por sua beleza física. Dessa maneira, em todos os comentários listados no quadro 8, a prática racista que foi cometida contra a jornalista é retratada não mais com uma conotação racial, mas como “inveja”, ou, ainda, como atitude baseada no desejo de “estar no lugar” da jornalista.

Assim, conforme argumenta van Dijk (2012, p. 162), o uso de expressões que atenuam a carga pejorativa da palavra racismo, se constitui na mitigação deste. No caso do nosso *corpus* de estudo, os autores dos comentários analisados utilizaram expressões como “inveja” e “despeito” para se referir à prática racista, utilizando-se, assim, da mitigação, que resultou na amenização do racismo.

Como podemos ver no quadro 8, 7 comentários fizeram referência à inveja, argumentando que os autores dos comentários racistas tinham, na verdade, inveja de Maria Júlia, além de uma menção a “despeito” e o uso da expressão metafórica “dor de cotovelo”, que geralmente tem seu significado relacionado a perda amorosa, mas que, neste contexto, pode ser compreendido também como inveja ou despeito.

Nos comentários, tanto a beleza da jornalista como seu sucesso profissional são atribuídos como causa para a inveja. No comentário A52, o autor chega a estabelecer diretamente a substituição do racismo por inveja quando escreve: “Essas agressões são muito mais inveja do que racismo”, mitigando claramente o racismo.

Ademais, três comentários representam os autores dos comentários racistas como “incompetentes” e “frustrados”, alegando que esses atores sociais não conseguiram obter o mesmo sucesso que a jornalista, em sua carreira profissional e, por esse motivo, escreveram os comentários contra ela.

Todos esses argumentos, ao amenizar a atitude desses atores sociais, vão construindo uma representação social que mitiga o racismo praticado no evento em questão. Essa mitigação do racismo é extremamente prejudicial à reflexão sobre o evento e esse tipo de argumento retira o foco da complexidade do problema que é o

racismo em nossa sociedade, atribuindo a esse evento, que teve tanta repercussão, uma natureza desvinculada a questões raciais.

Além disso, observamos que é muito recorrente o argumento da valorização do posto ocupado pela jornalista, assim, podemos perceber que, em geral, nos comentários dispostos<sup>31</sup> no *site*, o público considera um *status* social elevado o fato de Maria Júlia atuar no Jornal Nacional.

Nos 100 comentários selecionados, encontramos, também, 11 que apresentam características de reversão do racismo. No próximo tópico, analisaremos esses comentários.

#### 5.1.3.4 Reversão do racismo nos comentários sobre a notícia

Neste tópico iremos analisar os comentários que apresentam marcas de reversão do racismo. Eles formam um total de 11 comentários, que agrupamos em subgrupos, conforme algumas temáticas que foram se repetindo.

Em primeiro lugar, analisaremos os comentários que questionam a veracidade daqueles feitos contra a jornalista. Estes estão dispostos no quadro abaixo.

Quadro 9 - Comentários com contra-ataques no evento A

Comentário A68:

Certa vez o Maluf "armou" uma denuncia de paternidade fora do casamento apenas para "comprovar" que era uma denuncia falsa e assim desacreditar outras denuncias sobre corrupção contra ele. Muitas vezes pessoas tentam se passar por vitimas

Comentário A69:

É armação. A Glória Maria apresenta há 30 anos o telejornalismo da TV e nunca aconteceu algo semelhante a isso com ela. O marido dela é publicitário. Para mim esses ataques estão mais com cara de flash mob do que de ataque racista. Eu repudio toda forma de racismo,

<sup>31</sup>O portal de notícias G1 possui um documento regularizador do conteúdo postado no *site*, que informa a possibilidade de exclusão de comentários com conteúdo racistas, xenofóbicos, difamatórios etc. Assim, não podemos afirmar se todos os comentários escritos pelos leitores do portal estavam disponíveis para leitura no momento que fizemos a coleta do *corpus*.

namorou uma mulher de cabelo crespo e pele escura, no entanto, quando a coisa é assim eu desconfio.

Comentário A70:

Duvido nada se descobrirem que são fakes!!!!!!muito estardalhaço sem qq prova. Parece até que um petista fez isso pra desviar o foco

Comentário A71:

até parece que isto é verdade. As pessoas ofendem as minhas colegas de trabalho, a faxineira, as donas de casa negras,etc..jamais uma globeleza. O que nao se faz para ganhar ibop..né?

Comentário A72:

Eu não sou Maju, sou Douglas. Contra qq modismo idiota. Até pq qual a prova que esse ataque não foi planejado por Mavs ou fakes?

Fonte: Própria autora.

O comentário A68 explana sobre o episódio ocorrido no ano de 1999, em que o engenheiro e político Paulo Maluf foi acusado de paternidade fora do casamento, com uma adolescente de 14 anos de idade, à época da concepção. Maluf comprovou que não era o pai da criança. Segundo o autor do comentário A68, ele teria forjado essa denúncia para tirar o crédito de denúncias de corrupção que recaíam sobre ele. Essas informações são a ancoragem para a afirmação que virá a seguir: “Muitas vezes pessoas tentam se passar por vítimas”.

Mesmo não declarando explicitamente a relação entre o caso do Maluf e o ataque à Maria Júlia, fica subentendido que o autor está se referindo – também – à jornalista, quando faz essa afirmação, qualificando-a, assim, como alguém que está “se passando por vítima”, configurando, dessa forma, um caso típico de contra-ataque, ao acusar a pessoa que sofre o racismo de estar se vitimizando.

O uso da locução adverbial “muitas vezes”, indica, segundo esse ator social, que isso ocorre com frequência elevada. Esse marcador discursivo intensifica o argumento apresentado e pode levar a uma leitura de que não só neste caso, mas em muitas outras ocorrências que tornam públicas as práticas racistas, o que há, na verdade é a vitimização por parte da pessoa atingida.

O comentário seguinte (A69) é mais explícito ao afirmar que o episódio se trata de uma “armação”, expondo, notadamente, a opinião de seu autor, de que os comentários contra a jornalista foram forjados, por meio dessa escolha lexical.

Em seguida, o autor argumenta que a Glória Maria, que é uma das jornalistas mais conhecidas do Brasil, e que também é negra, nunca passou por “algo semelhante”. Com essa afirmação, fica subentendida uma comparação entre as duas jornalistas, além de se permitir a interpretação de que uma demonstração de racismo como a que sofreu a jornalista Maria Júlia ser algo praticamente impossível de acontecer, esse ator social declara como verdade – visto que não há marcas de dúvida – uma alegação sobre a jornalista Glória Maria, que se mostrou infundada, pois esta mesma jornalista concedeu entrevista ao *site* geledes.org.br, divulgada no dia 04 de julho de 2015, em que afirma que sofria ataques semelhantes. A diferença entre as duas jornalistas é que, no tempo em que Glória Maria tinha mais destaque na televisão, não havia redes sociais, o que dificultava um pouco a publicização dos ataques direcionados a ela. Assim, ela recebia muitas cartas e e-mails com teor racista, mas isso não chegava ao conhecimento do grande público.

O autor do comentário ainda sugere que os ataques possam ser um tipo de *Flash Mob*. Vejamos o significado dessa palavra, segundo o *site* *Wikihow*:

***Flash Mob***: Espetáculo organizado por algumas pessoas que trabalham juntas para surpreender e divertir o público por um período curto de tempo com uma performance espontânea. As performances de *flash mob* podem ser danças, músicas, ou tentativas de quebrar algum recorde.

O autor do comentário ainda informa que o esposo de Maria Júlia é publicitário, o que, implicitamente, sugere que ele teria uma participação na organização do *Flash Mob*. No entanto, segundo o *site* *Wikihow*, o *Flash Mob* é um evento para fins de entretenimento, dessa maneira, um evento criminoso, como foi o ataque a Maria Júlia, não poderia se encaixar nessa nomenclatura.

Assim, com base nas reflexões acima, podemos concluir que o autor do comentário divulga suas opiniões fundamentadas em afirmações equivocadas, para declarar que os comentários racistas contra Maria Júlia foram fabricados pela própria vítima. Ao final, o ator social tem a preocupação de construir uma autoapresentação

positiva, ao assegurar que repudia qualquer forma de preconceito. Essa estratégia tem a função de eliminar qualquer acusação de racismo que o autor do comentário possa receber, por conta de suas declarações, funcionando, assim, como uma estratégia de negação preventiva. Porém, logo após essa construção positiva, o autor utiliza o marcador discursivo “no entanto” para reforçar a desconfiança da veracidade dos ataques, baseando-se na forma como ocorreram.

No comentário A70, Mais uma vez aparece a sugestão de que o ataque à jornalista foi falso (*fake*), juntamente com a declaração de que foi dada muita atenção ao evento, sem fundamentos de que este foi real.

Neste comentário, há o diferencial da temática política. É apresentada a possibilidade de que alguém do Partido dos Trabalhadores (PT) possa ter organizado o evento com o intuito de desviar o foco (possivelmente das denúncias de corrupção de que o partido vinha sendo acusado à época).

No comentário A71, o fato de a jornalista ter sofrido a ação dos comentários racistas é taxativamente questionado. O autor do comentário ainda afirma que as pessoas anônimas são as que sofrem com agressões racistas, não “uma globeleza”. Ao utilizar a expressão “globeleza”, o ator social está se referindo à jornalista e comparando-a com as atrizes e dançarinas que encenam vinhetas de carnaval na Globo. Dessa forma, o autor do comentário constrói uma relação entre a função da jornalista e a função da globeleza, construindo assim, mais uma vez, uma representação sensualizada da jornalista Maria Júlia.

Ao final, o autor do comentário do G1 qualifica os comentários racistas como um tipo de estratégia para aumentar a audiência, por meio de uma pergunta retórica: “O que não se faz para ganhar ibop..né?”. Essa pergunta deixa implícita a afirmação: Os comentários foram uma estratégia para ganhar audiência.

No comentário A72, o autor afirma que “não é Maju”, se posicionando contrariamente ao movimento em apoio da jornalista, que teve destaque na rede social *Twitter*(#somostodosmaju). Ao utilizar a expressão “modismo idiota”, esse movimento é qualificado negativamente.

Em seguida, o autor do comentário faz, à semelhança do anterior, uma pergunta retórica: “Até pq qual a prova que esse ataque não foi planejado por Mavs<sup>32</sup> ou fakes?”, sugerindo, também, que a prática racista foi um movimento planejado por usuários falsos da rede *Facebook* ou mesmo por um movimento político.

Os cinco comentários acima questionam se a agressão à jornalista não foi organizada por motivos de natureza diferente do racismo, seja pela própria jornalista, pela instituição midiática e até mesmo por pessoas ligadas a partidos políticos. Em comum, todos os comentários reverterem a acusação contra a própria jornalista, seja por meio da sugestão de que ela própria estaria envolvida com o ataque, seja por alegações de que ela estaria se passando por vítima, ou mesmo, por sugestões que anulam a veracidade da agressão sofrida por Maria Júlia, afirmando, ainda, que houve um exagero da mídia ao dar atenção ao evento.

A seguir analisaremos mais dois comentários que expressam a opinião de que o evento foi supervalorizado:

Quadro 10 - Comentários com críticas à repercussão do evento A

Comentário A73:

Depois dessa ela vai até pra Playboy. Fizeram um baita marketing com essa história. Ela é bonita, nua deve ser muito mais.

Comentário A74:

Muito alarde por nada. So para ter ibope. Esta Maju é bonita, talvez competente, mas muito fraca para aparecer nas câmeras. Não se compara em nada com a grande Gloria Maria. E estes jornalistas da globo que se uniram em favor desta tal de Maju, deveriam se unir por alguma coisa bem mais nobre e importante. Milhares morrem sem assistência. Isto sim é importante, mas é claro, não da ibope.

Fonte: Própria autora.

O autor do comentário A73 argumenta que “fizeram um baita marketing com essa história”. Ao utilizar o verbo na terceira pessoa do plural, é conferida uma indefinição à ação, entretanto, o leitor pode fazer a inferência de que se trata da Rede Globo ou

<sup>32</sup>A sigla MAV se refere à expressão Militância em Ambientes Virtuais. Ação atribuída a internautas que são treinados para postar comentários em *sites* da *Internet*, em favor de uma determinada ideologia. O *site* de notícias Folha Uol atribui a criação desses movimentos ao Partido dos Trabalhadores (PT) mas admite que outros partidos também podem copiar o movimento.

da própria Maria Júlia, que poderiam aproveitar o evento ocorrido para se promoverem.

Essa ideia é reforçada pelas duas frases adjacentes. Na anterior, é especulado que, depois do ocorrido, a jornalista “vai até pra Playboy” e na frase posterior, é reafirmada essa proposição com a exposição da opinião: “Ela é bonita, nua deve ser muito mais”. Essa sugestão de que a jornalista poderia posar na revista Playboy transmite a ideia de que ela viria a tirar proveito da repercussão do evento, uma vez que estão presentes na memória social dos brasileiros inúmeros casos em que situações de grande repercussão, envolvendo mulheres consideradas belas, acabaram resultando na participação de suas protagonistas na referida revista, construindo, além de tudo, uma representação sensualizada da jornalista. Além disso, a própria maneira como a mulher negra é retratada pela mídia ajuda a fortalecer esses modelos mentais que conduzem a uma representação social da mulher negra sensualizada.

No comentário A74, é novamente apresentado o argumento de que a imprensa exagerou na repercussão do caso. A expressão “muito alarde por nada” abertamente minimiza o ataque sofrido pela jornalista ao referir ao evento como “nada”.

Há também a construção de uma representação negativa de Maria Júlia, ao qualificá-la como “fraca para aparecer nas câmeras. O autor do comentário alega também que os jornalistas da Globo teriam se unido em favor da jornalista e, novamente, a qualifica negativamente, ao utilizar o pronome demonstrativo “tal”, na expressão “desta tal de Maju”, que sugere, no uso popular, uma valoração pejorativa do referente.

A predicação negativa da jornalista aponta para o protesto contra a demasiada atenção prestada pelas mídias da rede Globo ao assunto. Para o autor do comentário, essa atenção deveria ser focada em assuntos de maior importância, segundo sua concepção.

Por fim, as expressões “deveriam se unir por alguma coisa bem mais nobre e importante” e “Milhares morrem sem assistência. Isto sim é importante, mas é claro, não dá ibope” reiteram a minimização do ataque sofrido pela jornalista, e diminuem a

importância da discussão sobre o racismo, além de sugerir que a repercussão do evento se deu por conta de razões ligadas à audiência.

Os dois comentários acima apresentam a temática semelhante, pois manifestam o argumento de que os comentários de teor racista estariam recebendo uma cobertura exagerada, e que, dessa forma, trariam benefícios à jornalista e à instituição midiática.

Abaixo, dispomos três comentários que apresentam a reversão do racismo, por meio da defesa de que as cotas para negros é que seriam uma ameaça à sociedade:

Quadro 11 - Comentários com reversão do racismo no evento A

<p>Comentário A75:</p> <p>Vergonha é está em colégio particular a vida toda e depois tirar as vagas do ensino público universitário das mãos de quem sempre esteve em colégio público.</p>
<p>ComentárioA76:</p> <p>Para mim o verdadeiro racismo no Brasil é dar cotas para negros em universidades, isso sim é racismo !!!</p>
<p>Comentário A77:</p> <p>XXXXXXXXXX<sup>33</sup>,vc disse tudo.Belocomentario. (<i>sobreo comentário anterior</i>)</p>

Fonte: Própria autora.

Os comentários acima tratam de uma temática diferente da tratada até aqui, pois não mencionam diretamente a jornalista, mas abordam a temática das cotas raciais.<sup>34</sup>

Esses atores sociais, ao descreverem as cotas raciais como “vergonha” e como o “verdadeiro racismo”, reverterem totalmente o racismo de que os negros têm sido vítimas por séculos para as ações sociais que têm sido empregadas no sentido de minimizar os prejuízos sofridos pelas várias gerações de pessoas negras no Brasil.

<sup>33</sup> Em alguns comentários, nomes de usuários da *internet* foram mencionados. Para não expor o nome dessas pessoas, substituímos o nome pelas letras X.

<sup>34</sup> Entendemos que esses comentários possam ter surgido por conta de alguns comentários feitos contra a jornalista no *Facebook* sugerirem que ela teria utilizado o benefício das cotas raciais para entrar na Globo. Além de que, no cotidiano, é muito comum que essa temática seja trazida às discussões sobre racismo, no geral.



Um último comentário chama a atenção por alegar que os negros também humilham nordestinos e outras pessoas:

Comentário A78: Engraçado vejo negros humilhar nordestino e pessoas em geral e não tem o mesmo tratamento quando a zoação é o contrário.

O autor do comentário A78 argumenta que há negros que também apresentam comportamentos preconceituosos e sugere, por meio da expressão “não tem o mesmo tratamento quando a zoação é o contrário” que o racismo contra os negros causa uma mobilização maior de que os próprios atos racistas dos negros. Esse comentário mais uma vez leva ao argumento de que houve um exagero na repercussão do evento e qualifica também os negros como racistas, resultando mais uma vez numa estratégia de reversão do racismo.

Todos os comentários analisados neste tópico, embora abordem algumas temáticas diversas, apresentam algum tipo de elemento que leva à reversão do racismo.

No próximo tópico apresentaremos, de forma sucinta, os comentários restantes que abordaram temáticas diversas – que, no nosso entendimento, extrapolam as fronteiras do contexto do evento em questão –, para expressar opiniões sobre a jornalista, sobre a rede Globo e, até mesmo, sobre a sexualidade da jornalista.

#### 5.1.3.5 Outras temáticas

Dentre os 100 comentários, encontramos também alguns que abordam temáticas não necessariamente ligadas ao evento noticiado, como, por exemplo, os comentários abaixo, que questionam o enfoque dado pela mídia ao evento:

Quadro 12 - Comentários com temáticas diversas do evento A

Comentário A79:

Que fofo! Agora falar um monte de mentiras sobre o judiciário vcs sabem!

Comentário A80:

Aí Rede Grobo... Vai continuar a transmitir e deixar rolar aquela pouca VERGONHA nas transmissões???? Quando jogam bananas pra algum jogador no estádio, a TV busca saber

quem é, o Clube tenta achar o torcedor que fez isso, etc....Que LINDO... Mas quando um estádio INTEIRO chama alguém de BICH/@... Aaaa tudo bem né... É brincadeira de torcedor!!!! Mas e se achar que a Banana lançada pro campo é só uma BRINCADEIRA ???????

Comentário A81:

Hj nos estádios de futebol gritam BICH// nos tiros de meta. Um absurdo! Já pensou se começassem a gritar MACACOOOOO.... A TV iria tomar alguma providência????

Comentário A82:

Absurdo... Não fazem nada...

Fonte: Própria autora.

Nos comentários acima, os autores criticam a instituição midiática por sua postura com relação a este evento em contraste com outros eventos.

No comentário A79, há uma marca de sarcasmo, ao se utilizar a expressão “Que fofo”. Entendemos que o autor do comentário se refere à postura da Globo, pois utiliza o pronome de terceira pessoa (“vcs”), endereçado, provavelmente, ao *site* que publica a notícia e aos atores sociais que a construíram. Assim, o autor parece defender que a postura com relação ao evento noticiado é, aparentemente, muito correta, entretanto, essa instituição midiática noticia mentiras sobre o poder judiciário.

Nos comentários A80 e A81, há uma crítica ao fato da mídia denunciar os casos de racismo no futebol e ignorar os casos de homofobia. O autor do comentário A80 se dirige diretamente à Globo, de forma jocosa e até mesmo pejorativa, com a expressão “Rede Grobo”, enquanto o comentário seguinte é destinado à “TV” em geral. Ao passo que o comentário A82 concorda com os anteriores ao afirmar “Absurdo... Não fazem nada...”

Entendemos que, nos comentários acima, os autores expressam sua indignação com a Globo – ou mesmo com a mídia em geral – por se posicionarem contra o racismo, mas não apresentarem uma postura esperada pelo autor do comentário em outros eventos polêmicos.

Há, ainda, comentários que se referem à sexualidade da jornalista, sem, contudo, mencionarem o evento ocorrido:

Quadro 13 - Comentários referentes à sexualidade

Comentário A83:  pegava toda hora!
Comentário A84:  Quando ela vai posar pra Playboy ?

Fonte: Própria autora.

Esses comentários, embora não possuam marcas linguísticas que os relacionem ao caso de racismo que ocasionou a notícia, demonstram a erotização da mulher negra, que é herança do período colonial.

Há ainda comentários que utilizam ressalvas para tecer críticas à jornalista:

Quadro 14 - Comentários com críticas à Maria Júlia

Comentário A85:  Contra o racismo sempre. Mas esta Maju é muito fraca para aparece na frente das câmeras. Muito nervosinha. Qualidade da Globo cai dia a dia.
Comentário A86:  Sinceramente, acho que o problema da "Maju" não tem nada a ver com a cor de sua pele. Ela é bonita, elegante e até simpática, mas convenhamos ela erra demais, não respeita pontuação ao fazer seus comentários, inventa palavras, erra concordância verbal, exagera na informalidade...e por aí vai... Não é possível que ninguém percebeu... afinal ela está no telejornal de maior audiência do país.

Fonte: Própria autora.

Van Dijk (2012a, p.142) apresenta as ressalvas como estruturas semânticas que contêm uma parte positiva (sobre Nós), que pode funcionar como uma preservação de faces, e uma parte negativa (sobre Eles). Essas estruturas, segundo o autor, muitas vezes são utilizadas nas conversas de europeus a respeito de grupos minoritários.

No caso dos comentários acima, ambos são construídos de forma a construir uma autoapresentação positiva do autor do comentário e uma outro-apresentação

negativa da jornalista, constituindo, assim, uma polarização entre esses atores sociais e a jornalista.

O autor do comentário A85 primeiro afirma ser contra o racismo (sempre!), depois apresenta a ressalva, que é introduzida pela conjunção coordenativa “mas”, utilizada como um marcador discursivo para demonstrar o contraste entre as duas orações, introduzindo a crítica à postura de Maria Júlia, qualificando-a como “muito fraca” e “nervosinha”. Já no comentário A85, a informação positiva é referente à própria jornalista, caracterizando-a como “bonita, elegante e até simpática”. Logo após, vem a ressalva: “mas convenhamos, ela erra demais, não respeita a pontuação [...]”. O autor deste comentário ainda afirma que o “problema” da jornalista não tem relação com a cor de sua pele.

Podemos ver que, por meio dessas ressalvas, os atores sociais, em primeiro lugar, apresentam-se de forma positiva, construindo uma negação aparente do racismo, o primeiro, ao se declarar contra o racismo, e o segundo, ao afirmar que o “problema” da jornalista não está na cor de sua pele. Mas, em seguida, criticam a jornalista, qualificando-a negativamente, numa espécie de justificativa pelos ataques recebidos por Maria Júlia.

Além desses comentários, ocorreu, também, um comentário que apresentou perplexidade pela existência do racismo:

Comentário A87: Racismo ?isso ainda existe ? Meu Deus !!!!

Esse comentário ignora completamente a existência do racismo. A pergunta retórica é utilizada para expressar espanto pela ocorrência do racismo. Interessante é que o espanto pela prática racista noticiada leva a acreditar que o autor do comentário não presencia a existência do racismo no cotidiano e considera essas práticas como algo que pertence ao passado, como podemos ver pelo uso do advérbio de tempo “ainda”.

Entendemos que esse comentário – ao construir uma representação do racismo como algo do passado, já que, ao ocorrer no presente causa espanto – também se constitui numa estratégia de negação do racismo, já que não o considera como um problema do cotidiano, ignorando as formas sutis de racismo que ocorrem no

cotidiano da sociedade brasileira, nas mais variadas formas de desigualdade e preconceitos.

Assim, encerramos as análises dos comentários que, de alguma forma, apresentaram marcas de negação do racismo, ou mesmo representação negativa da jornalista que foi vítima de racismo.

Até aqui, temos percebidos muitas marcas de polarização grupal entre os “não racistas” e os “racistas”, além disso, podemos notar que a maioria dos comentários apresenta uma estrutura com muito mais marcas de adjetivação do que uma argumentação mais profundamente elaborada. No próximo tópico, porém, apresentaremos os comentários que, de alguma forma, se posicionaram contra o racismo, propondo uma reflexão mais aprofundada a respeito do tema, ou, ao menos, sem apresentarem marcas de negação do mesmo.

#### 5.1.3.6 Comentários com conteúdo antirracistas

No quadro a seguir, selecionamos alguns comentários que apresentaram um posicionamento antirracista:

Quadro 15 - Comentários com temática antirracismo no evento A

Comentário A88:

Repúdio todo preconceito. Também o preconceito feito não somente com a Maju, mas com a Presidenta também. Uma parte do Jornalismo passou para a sociedade brasileira que era normal as manifestações ocorridas, mas não eram, eram de cunho preconceituoso e todos sabiam e não reagiram. Agora os mesmos que gritam em restaurantes e bateram panelas estão se voltando para negros, gordos, ateus, partidários de outras ideologias e pessoas que defendem a liberdade de gênero. Uma postura mais firme do jornalismo e da justiça contra a intolerância é necessário para o Brasil não parecer uma Alemanha nazista

Comentário A89:

Aliás, vejo até um ato misoginico por ser a vitima do sexo feminino. O absolutismo não cabe no mundo moderno, é tempo de desmarginalizar as raças e praticarmos o mutualismo social pelo bem comum e progresso de nossas heranças, é tempo de ensinar aos nossos filhos que

fazemos parte de um único mundo mesmo com tamanha diversidade de raças, línguas e classes sociais, fazemos parte de um mesmo sistema e estamos sujeitos às leis naturais de modo igualitário. A "sociedade" moderna tem perdido seus valores e respeito pelo próximo e até pelas autoridades.

Comentário A90:

E se fosse minha irmã teria toda essa disposição do Ministério Público?

Comentário A91:

direito de julgar alguém simplesmente por sua cor, mim refiro ao ocorrido com a apresentadora da rede globo Maria Júlia Coutinho vítima de racismo nas redes sociais e esta é só a ponta do iceberg, pios, veio a tona por ser uma pessoa famosa mais na prática acontece a todo momento e em vários lugares consecutivos.

Comentário A92:

A INTOLERÂNCIA Pasmado de ver que ainda no século e vinte um pessoas se comportem de maneira tão desprezível, mim refiro ao racismo, são pessoas que se colocam acima do criador (para os criacionistas, DEUS, para os darwinistas, A NATUREZA). "Todos os homens ao nascer tem direitos naturais" JOHN LOCKE. Lendo esta frase, não consigo entender o racismo praticado, em tão grande escala no mundo. A intolerância pregada por LOCKE não foi absorvida pela sociedade ao longo dos séculos, muito pelo contrário, seguiu-se justamente o caminho oposto.

Comentário A93:

Racismo é crime e é um ato de barbárie total...não se mede a inteligência ou capacidade de alguém pela cor da pele. Se os racistas conhecessem a sociologia, saberiam que é raro nos tempos de hoje, pessoas que possam se dizer brancas, pois há muita mistura de raças, então o fato de se ter a pele clara, não quer dizer que você seja branco...e mesmo se for, não é melhor que ninguém! Todos merecem respeito independente da cor da pele, religião e etc.

Comentário A94:

a cor da pele e o que menos importa, e sim a competência!!

Comentário A95:

Somos todos majusempre. Abaixo o preconceito de qualquer tipo. Amo ela.

Comentário A96:

Com certeza, somos todos Maju! Mas ao Jornal Nacional com todo respeito que tenho a esse jornal e aos profissionais que neles atuam, espero acompanhar esse processo não apenas nas redes sociais, mas na bancada do Jornal Nacional. Quando estas pessoas vão entender que somos todos afro-brasileiros! Espero o mais rápido possível uma reportagem sobre preconceito racial, racismo no Brasil. Muito triste!!!

Comentário A97:

O BRASILEIRO É ESSENCIALMENTE E NATURALMENTE RACISTA...PURÍSSIMA VERDADE!

Comentário A98:

RACISMO QUE VERGONHA!! PAÍS HIPÓCRITA!

Comentário A99:

A cara do Brasil: Povo Racista e preconceituoso!!! Não adianta vir me xingar pq não volto aqui pra bater boca com gente desse tipo. Adeus

Comentário A100:

Joaquim Barbosa, Pedro Lessa, Hermenegildo de Barros, Pelé, Dulcinéia Novaes, Glória maria, Zileide Silva, João do Pulo, Daiane dos santos, Maguila, etc. Negros em todos os segmentos sociais e são os que mais nos representam nos esportes, aja visto somos pentacampeões de futebol e a maioria esmagadora dos atletas destas seleções foram e são negros inseridos pioneiramente pelo Vasco da Gama que rompe com o tradicionalismo e descobre nestes um potencial descomunal.

Fonte: Própria autora.

Conforme Guimarães (2009), têm figurado entre os temas da luta antirracista no Brasil a denúncia das desigualdades raciais e a luta contra a destruição e inferiorização do legado africano no país (GUIMARÃES, 2009, p. 43-44). O autor aponta, ainda, para a importância, para aqueles que chamam a si mesmos de “negros”, da “percepção de sua ‘raça’, isto é, a percepção racializada de si e do outro” (GUIMARÃES, 2009, p. 61), por meio da valorização da cultura afro-brasileira, e também pela apropriação das lutas empreendidas contra o racismo, em outros países.

Schuman(2010) também defende que a luta contra o racismo perpassa questões como o reconhecimento das desigualdades entre brancos e negros, que vai ao encontro do posicionamento do movimento negro atual, que visa a construção da identidade racial polarizada, ou seja, rejeitar a ideia de que o Brasil, por conta da grande miscigenação, não apresenta preconceitos e desigualdades que se baseiam nas diferenças entre cores e raças (como construção social).

Assim sendo, entendemos que os comentários acima trazem, essencialmente, questões que representam muitos pontos a respeito dos quais os movimentos

antirracismo têm trabalhado, como, por exemplo, o reconhecimento do racismo como um problema complexo e atual (A98 e A99); a intolerância contra a diversidade (A88 e A93); a marginalização das raças (A89); o racismo sistemático que é camuflado pela mídia e pela sociedade em geral (A90 e A91); a valorização da negritude (A100). Mesmo que alguns comentários generalizem ou naturalizem o problema do racismo, se compararmos aos comentários até aqui apresentados, estes últimos apresentam uma postura mais direta no sentido do reconhecimento do racismo como problema real e complexo no cotidiano brasileiro.

Tendo feito até aqui as análises dos textos relacionados ao evento que envolveu a jornalista Maria Júlia, temos visto que a maior parte dos comentários demonstraram um discurso que fortalece a negação do racismo. No próximo tópico, passaremos às análises do segundo evento, iniciando pela postagem feita pelo humorista Mauricio Meirelles em sua página do *Facebook*.

## 5.2 ANÁLISE DO EVENTO B – POSTAGEM SOBRE A FANTASIA DE ABU

Neste tópico, efetuaremos as análises da postagem de Maurício Meirelles a respeito do evento em que um pai adotivo de uma criança negra fantasiou o filho de Abu<sup>35</sup>, assim como os comentários que surgiram em resposta à postagem. Para iniciarmos nossas análises, examinaremos o comentário do humorista que gerou as repostas aqui citadas:

### 5.2.1 Postagem do humorista Mauricio Meirelles

No dia 07 de fevereiro de 2016, o produtor de teatro Fernando Bustamante levou seu filho adotivo, de dois anos de idade, para desfilar em um bloco de carnaval, na

---

<sup>35</sup>Gostaríamos de esclarecer que, em nossas análises, não temos como objetivo investigar a prática do pai da criança, ou questionar se houve ou não racismo na atitude dele. O nosso interesse é analisar a construção argumentativa da postagem do humorista a respeito do evento, bem como dos comentários feitos com base nessa postagem.



cidade de Belo Horizonte. O pai e a mãe do menino estavam fantasiados de Aladim e Jasmine (par romântico do personagem). O menino estava fantasiado de Abu, o macaco de estimação do personagem infantil Aladim. O pai postou uma foto da família vestida com as fantasias e o fato de o menino ser negro – e estar fantasiado de um personagem que é um macaco – gerou uma grande comoção na página de Fernando Bustamante, no *Facebook*. Muitos internautas acusaram o pai de racismo e o episódio gerou muita repercussão no *Facebook* e, até mesmo, em *sites* de notícias.

Em 09 de fevereiro, o humorista Maurício Meirelles postou uma foto de uma família asiática fantasiada da mesma forma. A legenda (dentro da própria foto) dizia: “sabe por que você não dá chlique com essa família aqui? Porque é você que associa negros a macacos”. Acima da foto, o humorista escreveu: “Polemizem...”. Logo após a postagem, o próprio humorista registrou, no campo destinado aos comentários, sua opinião a respeito do evento social mencionado. Iremos iniciar nossas análises com essa postagem, que está disposta abaixo:

Meu ponto de vista eh: toda minoria merece um movimento social, sim. Se deixarmos tudo na mão da maioria, aí fudeu muito. Apoio a luta de qualquer movimento social. Ao mesmo tempo sou bastante a favor da liberdade de expressão e, como humorista, luto pra que essa linha não seja cada vez mais apertada, onde não podemos brincar nem com a gente mesmo.

Eu, de verdade, acredito que estamos apenas querendo ver o circo pegar fogo, mesmo q sejamos contra ou a favor de qualquer ideologia. Sou a favor do debate e adoraria aprender mais e mais com ele.

De coração acredito que essa situação foi um divisor de águas no que estamos vivendo. Ao mesmo tempo q muitos negros ficaram ofendidos, (com razão, pois a imagem de um macaco representa algo indelicado historicamente) muda-se total o argumento ao descobrir que a intenção era a diversão com o filho negro adotado e não a ofensa.

Por isso compartilhei a foto acima. Ela representa o em cima do muro que vivemos hj.

Diferentemente do texto anterior, que se tratava de uma notícia divulgada em um *site* de notícias, sem registros explícitos de autoria individual (no corpo da notícia), este se trata de uma opinião pessoal do humorista Maurício Meirelles a respeito do evento relatado no início deste tópico.

O humorista, exercendo neste discurso o papel do eu-mesmo que representa uma figura pública, tem conhecimento de que a sua postagem poderá obter um grande número de visualizações, assim como pode também influenciar a opinião de seu público.

Ao expressar essa opinião em uma postagem pública em sua página do *Facebook*, esse ator social, provavelmente, espera que seus leitores, ou tenham conhecimento prévio do fato a que se refere, ou busquem saber o ocorrido após lerem a sua postagem. Assim, ele não “noticia” o evento ocorrido, apenas pede que os leitores discutam sobre o fato, oferecendo, para isso, o apoio da imagem da família asiática e sua própria opinião sobre o assunto.

Maurício Meirelles inicia o texto afirmando sua postura em favor das minorias sociais. Em primeiro lugar, ele constrói uma apresentação positiva de si, com a expressão “Meu ponto de vista eh” e em seguida: “toda minoria merece respeito” e “Apoio a luta de qualquer movimento social”.

Assim, ele afirma que a sua perspectiva sobre os movimentos sociais é esta (o ponto de vista dele é esse, mesmo que ele diga algo à frente que possa ser interpretado de forma diferente, o uso do verbo “ser” estabelece a postura como favorável aos movimentos sociais já na primeira frase do comentário). O uso dos pronomes “toda” e “qualquer” intensifica e reforça essa postura, pois, dessa forma, ele deixa claro o seu apoio não a alguns movimentos sociais, mas a todos eles, sem exceção.

Entretanto, em seguida, o humorista apresenta uma ressalva: “Ao mesmo tempo sou bastante a favor da liberdade de expressão” e afirma que, como humorista, luta para que “essa linha não seja cada vez mais apertada, onde não podemos brincar nem com a gente mesmo”. Ao fazer essa ressalva, o humorista parece sugerir que há uma censura ao humor, que dita com quem se pode – ou não – fazer piada. Pode-se fazer a inferência de que, mesmo que ele seja a favor dos movimentos sociais,

esses movimentos não podem ditar o que pode ser abordado nos textos humorísticos.

No segundo parágrafo, Maurício Meirelles declara acreditar que “estamos apenas querendo ver o circo pegar fogo”. Entendemos que essa fala diz respeito aos comentários feitos sobre questões sociorraciais, seja neste evento ou em outros similares. O humorista utiliza a metáfora “circo pegar fogo”. Nesse contexto, podemos inferir que as pessoas que comentaram a respeito do ocorrido estariam querendo acirrar as animosidades que envolvem as relações raciais conflituosas.

No terceiro parágrafo, Maurício Meirelles apresenta a situação desencadeada pela atitude do pai como um divisor de águas, afirmando que muitos negros ficaram ofendidos ao ver a foto do menino fantasiado de macaco, mas, ao perceber que a intenção do pai era se divertir com o filho no carnaval, essas pessoas, que anteriormente se sentiram ofendidas, mudaram o argumento. Ele ainda afirma, no último parágrafo: “Por isso compartilhei a foto acima. Ela representa o em cima do muro que vivemos hj”.

Lembramos que a foto em questão mostra uma família asiática fantasiada da mesma forma que a família brasileira, e contém os dizeres: “Sabe por que você não dá chique com essa família aqui? Porque é você que associa negros a macacos”. Assim, ao afirmar que a foto representa a situação que “vivemos hj”, o humorista concorda com o discurso contido na imagem, que representa como “chique” as questões abordadas por quem se sentiu ofendido com a situação e ainda reverte o racismo, ao afirmar que essas pessoas (que não concordaram com o fato de o menino ser fantasiado de macaco) é que fazem essa associação negativa do negro ao macaco. Isso, no nosso entendimento, seria equivalente a dizer: vocês que se sentiram ofendidos com essa fantasia, vocês é que são racistas, não nós.

Além disso, o humorista se utiliza do discurso de terceiros para fundamentar sua postura com relação ao evento. Ele utiliza a imagem e a legenda, ao mesmo tempo, como apoio para sua opinião e como atenuante, pois, ao concordar com a legenda da imagem, ele não precisa utilizar suas próprias palavras para demonstrar sua opinião e, assim, ele preserva sua face.

É interessante que, em todo o tempo, o humorista se preocupa em construir uma representação positiva de si: No início, quando afirma ser a favor da luta das minorias, no segundo parágrafo, ao declarar que é a favor do debate, no terceiro parágrafo, ao expressar: “de coração acredito que” antes de explicitar sua opinião a respeito do evento, demonstrando sinceridade. Essa argumentação manifesta a preocupação do ator social de se cercar de uma possível acusação de racismo que sua fala poderia suscitar. Dessa maneira, a autoapresentação positiva que o humorista constrói serve como uma negação preventiva do racismo.

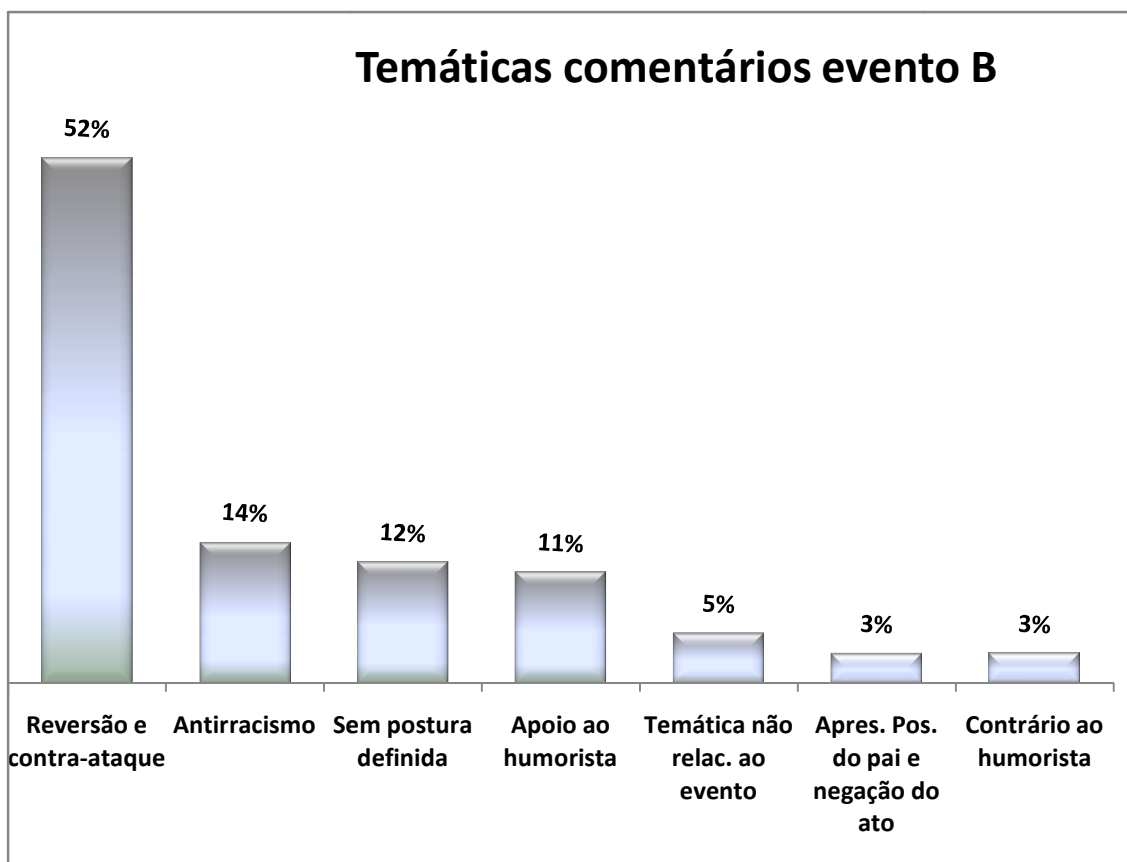
Outro ponto que nos chamou a atenção foi o fato da palavra racismo não aparecer em nenhum momento na fala do humorista. Mesmo no momento em que ele concorda com a postura dos negros que se sentiram ofendidos, ele utiliza a expressão “indelicado historicamente” para se referir à associação feita, no decorrer da história brasileira, entre negros e macacos. Entendemos que caracterizar como “indelicado historicamente” a justificativa para a escravidão e os maus tratos, apoiada em teorias pseudocientíficas, que rotulavam os negros como pertencentes a raças inferiores, é uma demonstração clara de mitigação do racismo.

No próximo tópico, iniciaremos as análises dos comentários a respeito da postagem do humorista.

### **5.2.2 Análise das respostas à postagem do humorista**

Neste tópico, realizaremos as análises dos comentários feitos por internautas na página do humorista Maurício Meirelles, em resposta à sua postagem (evento B). Primeiramente, apresentaremos um gráfico com o quantitativo dos comentários segundo as características mais evidentes, para, logo após, procedermos, separadamente, com as análises dos conjuntos de comentários, conforme a classificação adotada.

Gráfico 2: Divisão de temáticas dos comentários do evento B



Fonte: Própria autora, com base no quantitativo de comentários por temática.

Como podemos visualizar no gráfico acima, a maior parte dos 100 comentários selecionados apresentou uma forma de reversão do racismo e de contra-ataque aos antirracistas. 14 comentários apresentaram em seu discurso uma postura mais claramente contrária ao racismo, por isso classificamos como antirracistas. 11 comentários expressaram apoio ao humorista; 5 abordaram temas que não estão relacionados ao evento em questão. 3 comentários apresentaram a negação do ato do racismo, em conjunto com a apresentação positiva do pai da criança; e 3 comentários fazem ataques pessoais ao humorista. Temos, ainda, 12 comentários que apresentam falas que não deixam claro qual o posicionamento de seus autores.

No próximo tópico, iniciaremos as análises dos comentários. Começaremos pela análise daqueles que apresentam marcas de reversão do racismo, por estes compõem o número mais significativo.

### 5.2.2.1 Reversão do racismo e contra-ataque nas respostas à postagem de Maurício Meirelles

A estratégia de reversão, conforme van Dijk (2012a) se constitui no argumento de se acusar de intolerantes, ou exageradas, as pessoas que se posicionam contra o racismo, assim, o fato de acusar alguém de racismo passa a ser uma atitude mais grave que o próprio ato racista. Nos comentários sobre a postagem de Maurício Meirelles, podem-se perceber fortes marcas de reversão, uma vez que, frequentemente, os internautas que se sentiram ofendidos ao verem a foto do menino fantasiado de macaco são acusados de serem os “verdadeiros racistas”, ou são rotulados como preconceituosos ou vitimistas. Vejamos o quadro abaixo:

Acusação direta de preconceito:

Quadro 16 - Comentários com reversão do racismo

<p>Comentário B1:</p> <p>Racismo foi a atitude de quem divulgou e começou a compartilhar essa foto! Expor uma família e uma criança de 3 anos na internet a comentários grosseiros. Pode ter ctz que toda essa exposição desnecessária vai ser mto mais impactante negativamente na vida dessa família do q qualquer outra atitude racista q possam vir a sofrer. Tiveram sua intimidade exposta pramilhoes de pessoas que começaram a "vomitar" suas opinioes sobre se estava certo ou errada uma atitude que cabe somente a eles 3 definirem!!!</p>
<p>Comentário B2:</p> <p>Maurício então você é a favor do politicamente correto. O problema é que cedo ou tarde a conta chegará até você, já que o politicamente correto veio para acabar com a liberdade de expressão.</p> <p>Ah, quem associa o macaco ao negro é que é racista. Essa onda de "dívida histórica" é desculpa para justificar atitudes injustificáveis... é buscar atribuir uma moral para atitudes imorais.</p>
<p>Comentário B3:</p> <p>navdd o preconceituoso é aquele q ve preconceito em tudo. que se ofend por tudo. resumindo. aquele q se vitimiza em situaçoes q so ele viu coisa q nao tinha</p>
<p>Comentário B4:</p> <p>Deixem a família se divertir, moralistas! Vocês quem acusam o pai de racista é quem são os</p>

de fato, vendo maldade onde não existe. Revolucionários de sofá, vão lavar a louça.
-------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Própria autora

No comentário B1, o racismo é atribuído à iniciativa dos internautas que se posicionaram contra a atitude do pai, compartilhando a foto do menino fantasiado de Abu e protestando contra a utilização da fantasia.

Além disso, através da rotulação, novamente é atribuído à atitude desses primeiros internautas um valor negativo, por meio do adjetivo “desnecessária”, que qualifica como inoportuna a exposição causada pelos internautas.

Ademais, o autor do comentário utiliza duas metáforas bem marcantes para enfatizar o valor negativo das atitudes de quem criticou o evento na internet. Em primeiro lugar, é utilizada a metáfora “impactante” para se referir – novamente – à exposição causada pelas críticas à atitude do pai da criança: “[...] essa exposição desnecessária vai ser mto mais impactante negativamente [...] que qualquer outra atitude racista que venham a sofrer”. Vejamos, segundo Houaiss (2009), o significado da palavra impacto:

**Impacto:** 1 colisão entre dois ou mais corpos 2 (fig.) impressão ou efeitos fortes deixados por ação ou acontecimento 3 influência sobre alguém ou algo.

Nesse sentido, a expressão “impactante”, metaforicamente, constrói uma relação da repercussão da foto com um abalo que é causado por um impacto, conferindo, assim, uma força muito maior à negatividade representada pela exposição. A expressão “qualquer outra atitude racista”, confere, definitivamente, o rótulo de “racista” à exposição causada pelos internautas que se ofenderam com a associação do menino ao macaco, por meio do uso do pronome demonstrativo “outra”, uma vez que para ocorrer “outra” atitude racista, é necessário que tenha ocorrido uma primeira. Para além disso, o uso do pronome indefinido “qualquer” estabelece que, mesmo que ocorram outras atitudes “racistas”, a primeira atitude (a exposição causada pelos internautas) sempre será mais impactante negativamente.

Além da metáfora “impactante”, há, ainda, a expressão “vomitar”, utilizada para se referir ao ato de os internautas expressarem suas opiniões sobre a atitude do pai. Vejamos, então, o significado da palavra vomitar:

**Vomitar:** 1 expelir pela boca (o que estava no estômago) 2 sujar (-se) de vômito 3 lançar pela boca ou de si; expelir 4 falar (injúrias, tolices) (HOUAISS, 2009).

Com efeito, pode-se notar que o próprio autor do comentário utiliza aspas para grafar a expressão, deixando claro o uso de seu sentido figurativo (falar coisas desagradáveis), conferindo, dessa forma, um valor extremamente pejorativo ao ato praticado pelos internautas, ao expressarem suas opiniões a respeito do evento – a saber, as opiniões contrárias à prática do pai.

O comentário é concluído com a informação de que “somente” a família poderia definir se a atitude do pai estaria correta ou não. Com a utilização dessa palavra denotadora de exclusão, os internautas que se sentiram ofendidos são, definitivamente, colocados em uma posição que os desautoriza a manifestar sua opinião acerca do evento. Assim sendo, as declarações dos atores sociais que se manifestaram contra a atitude do pai são, categoricamente, taxadas como inadequadas.

No comentário B2, o autor dirige seu argumento diretamente ao humorista autor da postagem. Primeiramente, há a afirmação de que o humorista é a favor do “politicamente correto”, para, então, argumentar que o “politicamente correto veio para acabar com a liberdade de expressão”.

Segundo Avelar (2011), o termo “politicamente correto” começou a ter destaque na língua inglesa nos anos 1980 e 1990, sendo utilizado pela direita dos E.U.A. para designar a iniciativa da esquerda de preferir termos não pejorativos a expressões que, socio-historicamente, eram conhecidas por serem carregadas de valores negativos – principalmente expressões referentes a relações raciais. Conforme o autor, a direita utilizava a expressão para expor a ideia de que a esquerda estaria cerceando o direito do uso da linguagem, assim como, no Brasil, vem sendo utilizada com o sentido de algo que impede a expressão da individualidade.



Assim como o colocado por Avelar (2011), no comentário B2, o politicamente correto – neste caso, as pessoas que foram contrárias à fantasia do menino – representa uma censura da liberdade de expressão, constituindo o que van Dijk (2012a) denomina de estratégia de contra-ataque, em que o autor do discurso acusa a quem se posiciona contra o racismo de intolerante, ou mesmo exagerado.

Essa estratégia, segundo o autor, frequentemente acarreta na reversão da acusação de racismo, ou seja, o ator social que assume a postura antirracista é que acaba sendo acusado de racista. Pode-se ver que é isso que ocorre na sequência do comentário, na passagem “quem associa o macaco ao negro é que é racista”. Nessa expressão, os internautas que enxergaram na fantasia do menino uma associação negativa dos negros com macacos recebem o predicativo de “racistas”.

Em seguida, é utilizada a metáfora da “onda” relacionada à expressão “dívida histórica”. Vejamos, adiante, o significado<sup>36</sup> da palavra onda:

**Onda:** 4 movimento intenso; ímpeto [...] 10 artifício para enganar ou impressionar (HOUAISS, 2009).

A primeira definição (movimento intenso; ímpeto) remete à ideia de que falar sobre os problemas sofridos historicamente pelos negros é uma moda e, assim, a metáfora da onda atribui à tendência de se falar sobre os problemas raciais características impactantes, como na metáfora “impactante”, analisada no comentário anterior. Nesse sentido, a expressão “onda” confere à luta antirracista um caráter agressivo.

Outra leitura possível para a expressão “onda” seria o artifício para enganar. Nesta leitura, a “dívida histórica” seria uma falácia utilizada, como se pode ler no próprio comentário, para “justificar atitudes injustificáveis”. O próprio uso das aspas na expressão “dívida histórica” já demonstra o questionamento da veracidade dos argumentos a respeito dos problemas que envolvem questões raciais no Brasil, corroborando, desse modo, para a esta leitura.

---

<sup>36</sup>Aqui, por conta do elevado número de definições da entrada “onda”, relacionamos apenas aquelas que condiziam com o contexto em que foi utilizada no comentário.

Para finalizar, o uso das expressões “atitudes injustificáveis” e “atitudes imorais” novamente constrói uma estratégia de ataque aos internautas que se posicionaram contra a atitude do pai.

No comentário B3, há, no uso da locução “na vdd” (na verdade), um marcador discursivo que denota uma retificação do discurso daqueles internautas que se sentiram ofendidos com a atitude do pai, corrigindo a acusação de racismo contra o pai e revertendo-a contra as próprias pessoas que se ofenderam. Ao mesmo tempo, essa expressão é utilizada para valorizar e legitimar o seu argumento, uma vez que a locução “na verdade” apresenta o seu discurso como o correto, em face dos outros discursos, opostos ao seu. À semelhança do comentário anterior, a estratégia de reversão, qualifica como “preconceituoso” alguém que, segundo o autor do comentário, vê preconceito em tudo.

Essa primeira parte do comentário provoca um efeito duplo, pois, ao mesmo tempo em que caracteriza as pessoas que se posicionaram contra o evento como preconceituosas, também as caracteriza como exageradas e vitimistas, ao utilizar a expressão “q ve preconceito em tudo. que se ofend por tudo”.

Para finalizar, a expressão “situações q so ele viu coisa que não tinha”, reforça o argumento de que os internautas são exagerados e de que não ocorreu a prática racista.

No comentário B4, o autor qualifica como “moralistas” e “racistas de fato” as pessoas que foram contra a atitude do pai. Segundo o autor do comentário, essas pessoas veem “maldade onde não existe”. Dessa forma, esse ator social nega a existência do racismo nesse evento e acusa essas pessoas de exageradas.

Além disso, utiliza a expressão “revolucionários de sofá, vão lavar a louça”. Com essa colocação, podemos entender que o autor do comentário declara que essas pessoas que questionaram a prática do pai o fizeram por falta de uma ocupação.

Podemos notar que, nesse comentário, há uma valoração muito negativa atribuída às pessoas que se posicionaram contra o racismo, qualificando-as como racistas, moralistas, exageradas e, até mesmo, desocupadas.

Nos comentários analisados acima, ocorre a acusação direta de racismo ao inverso. Por meio do uso de palavras como “racistas” e “preconceituosos”, os discursos que buscam desconstruir o racismo, seja neste evento específico, seja em outros eventos do cotidiano, é que são qualificadas como intolerantes, exagerados ou racistas.

Há também alguns comentários que rotulam, com outras palavras pejorativas, as pessoas que se posicionaram contra o racismo:

Quadro 17 - Comentários que rotulam pejorativamente os que foram contrários à fantasia

<p>Comentário B5:</p> <p>Um cara que ADOTOU uma criança negra sendo julgado por um bando de retardado moralista de facebook que não faz absolutamente nada contra o racismo além de compartilhar um monte de merda na timeline, essa geração além de chata pra krl é hipócrita.</p>
<p>Comentário B6:</p> <p>XXXXXXXXXX melhor comentário que já li, exatamente o que penso. <i>(sobre o comentário anterior)</i></p>
<p>Comentário B7:</p> <p>Só acho que o nível de burrice de algumas pessoas nesse post está me surpreendendo. Várias pessoas comentando : "eles se sentem ofendidos", "eles vêem maldade". "eles isso, Eles que aquilo"...</p> <p>Sinceramente não sei o porque de todo esse alvoroço... Na minha timeline não vi um negro Compartilhando essa foto...</p> <p>Só vejo pessoas brancas polemizando</p>
<p>Comentário B8:</p> <p>E o mais engraçado... Quando chega no dia da consciência negra, as pessoas postam o vídeo do Morgan Freeman dizendo que a melhor forma de acabar com o racismo e não falando dele,</p> <p>e agora o povo não para de falar nisso... Já deu o.o</p> <p>Obs.. Antes que o povo ignorante, com dificuldade de compreensão diga asneiras, achei a foto normal e sem necessidade de toda essa exposição e polêmica....</p>

Comentário B9:

Generalização. Se uma minoria de bandidos tiver um movimento social chamado "bandidistas" os quais vão defende-los e dizer o que eles tem direito ou não, hoje teríamos assassinato, assalto e latrocínio legalizado porquê é exatamente isso o que esses movimentos sociais das minorias fazem, querem empurrar à maioria o que a minoria quer, ou seja, é como se o voto da minoria decidisse a situação toda e isso não é democracia, isso é inversão de valores.

Fonte: Própria autora

No comentário B5, as pessoas que se posicionaram contra a fantasia da criança são qualificadas como “bando de retardado moralista”, “chata” e “hipócrita”, demonstrando claramente uma postura de ataque àqueles que se manifestaram contrariamente à atitude do pai

O autor do comentário B7 atribui uma característica pejorativa às pessoas contrárias ao uso da fantasia: a burrice. Além disso, faz uso do discurso direto para descrever expressões atribuídas a essas pessoas, que sugeriam que os negros se sentiam ofendidos ao verem as fotos da criança fantasiada. Em seguida, o autor do comentário discorda dessas falas, afirmando que somente pessoas brancas se queixaram do ocorrido.

Assim, além de qualificar negativamente aqueles que se queixaram sobre o uso da fantasia, o autor desse comentário sugere que somente os negros poderiam fazê-lo, já que critica o fato de ter visto somente pessoas brancas problematizando o assunto.

No comentário B8, novamente aqueles que se mostraram contrários à atitude do pai são qualificados pejorativamente. Eles são rotulados como “povo ignorante” e “com dificuldade de compreensão”. Novamente caracterizando o contra-ataque às pessoas que se posicionaram contra o racismo.

Para além disso, o autor do comentário sugere que a melhor postura para acabar com o problema do racismo seria não falando sobre isso. Essa postura exemplifica o que van Dijk (2012a) defende ao argumentar que as pessoas que lutam contra o racismo têm a tendência a serem mais repelidas pelos grupos dominantes do que aqueles que cometem os atos racistas.

O comentário B9 começa com uma rotulação: “Generalização”. Nesse caso, a generalização é atribuída aos internautas que acusam o pai de racismo, e, possivelmente, às minorias que discutem sobre o racismo, que, neste caso, poderiam estar generalizando e vendo tudo como racismo.

Na sequência, o autor do comentário compara as minorias a bandidos, apresentando a possibilidade da existência de um movimento social chamado “bandidistas” e utilizando a expressão “porquê é exatamente isso o que esses movimentos sociais das minorias fazem”. Em seguida, alega que as minorias impõem sua vontade na sociedade, afirmando que “isso não é democracia”. Dessa forma, pode-se, novamente, observar a estratégia de contra-ataque, na acusação de que as minorias sociais é que são intolerantes.

Neste ponto, gostaríamos de citar van Dijk (2012a), que defende que em casos de reversão as acusações de racismo, muitas vezes, representam infrações sociais mais sérias do que as próprias práticas racistas, uma vez que perturbam a solidariedade do grupo. É como se essas acusações impusessem tabus e restringissem a liberdade de expressão. “Em outras palavras, as negações do racismo costumeiramente se transformam em contra-acusações de antirracismo intolerante e intolerável” (VAN DIJK 2012a, p. 160). Assim, o discurso de negação do racismo se baseia no contra-ataque àqueles que se posicionam contra o racismo. Como temos visto em nossas análises até aqui, em nosso corpus podemos visualizar a concretização do argumento do autor, visto que, neste evento, as pessoas que se posicionaram contra o racismo foram, muitas vezes, taxadas como ignorantes, intolerantes e até mesmo racistas.

No próximo quadro, estarão dispostos os comentários que apresentam também marcas de reversão um pouco menos explícitas, alegando que as minorias estão se vitimizando ao questionarem o racismo. Vejamos os comentários abaixo:

Quadro 18 - comentários com acusação de vitimismo

Comentário B10:

Mimizentos não se cansam de ver racismo onde não tem...

<p>Comentário B11:</p> <p>XXXXXXXXX é isso que tu ver nessa imagem do pai com o filho cara? Racismo é burrice, mas ser mimizento nesse caso é estupidez das grandes!</p>
<p>Comentário B12:</p> <p>Acredito que devemos respeitar a opinião de cada um, mas o julgamento ultimamente está bem complicado! Eu sinto nojo da opinião publica, que só sabem julgar!!! Só tem coitadinho neste país!!! Acabou o respeito, eu n posso ter opinião que sou preconceituoso!!!</p>
<p>Comentário B13:</p> <p>Oque importa é que a família estava feliz. Os mimizentos que se fodam!</p>
<p>Comentário B14:</p> <p>esquerda é burra. Chega dessa meleca de vitimismo</p>
<p>Comentário B15:</p> <p>O cara adota uma criança está na fila por outra adoção e o povo da Internet quer ficar d mimimi.. Vamos a vida real??</p>
<p>Comentário B16:</p> <p>Na boa eu não vi nada de mais! Só pq ele é negro e o personagem da fantasia era um macaco tem que ter mimimi? Se ele fosse branco o que mudaria? Existem macacos albinos! Seria macaco do mesmo jeito e não haveria todo esse bafafá!</p>
<p>Comentário B17:</p> <p>XXXXXXXXXXXXexato(sobre o comentário anterior)</p>
<p>Comentário B18:</p> <p>lembrando que racismo não é só com negros, se fosse p fazer esse mimimi todo por conta disso tb deveriam fazer com esta família até pq como o mauricio disse, existem macacos albinos</p>

Fonte: Própria autora

Nos comentários acima são utilizadas as expressões “mimimi”, “mimizento” e “mimizentos”. A palavra mimizento, apesar de muito nova e informal, já tem seu uso reconhecido nos contextos das redes sociais. No dicionário *online* Dicionário Informal, há uma definição para a expressão:

**Mimizento:** é quem faz muito Mimimi. O mimimi tem uma conotação pejorativa, sendo que muitas vezes é utilizado para satirizar alguém que passa a vida reclamando.

Nestes casos, a reversão consiste em rotular as pessoas que se ofenderam com a atitude do pai como “mimizentos”, ou seja pessoas que reclamam demais ou que se fazem de vítimas.

No comentário B10, há ainda o reforço da reversão por meio do argumento de que essas pessoas “não se cansam de ver racismo onde não tem”. Por meio dessa afirmativa, o autor do comentário, além de assumir que não houve racismo no evento em questão, assevera que as pessoas que interpretaram a atitude do pai como racismo estão, repetidamente, tomando como racismo outros eventos que, em sua opinião, não estão relacionados a práticas racistas.

No comentário B11 vê-se ainda um clássico exemplo de negação do racismo, seguida de reversão. A expressão “racismo é burrice, mas ser mimizento nesse caso é estupidez das grandes” apresenta o argumento de que o racismo é ruim, mas, neste caso específico, não houve racismo, e as pessoas que entenderam que houve racismo nesse evento foram exageradas e que, por isso, são estúpidas.

O comentário B12 inicia de forma branda e vai, gradativamente, encaminhando-se para uma estratégia de reversão. De início, é utilizada a afirmativa de que as opiniões de todos devem ser respeitadas. Entretanto, em seguida ocorre a conjunção “mas”, para introduzir a sequência: “o julgamento ultimamente está bem complicado”. Sendo assim, pode-se entender que, apesar de que as opiniões de todos devem ser respeitadas, neste caso existe uma ressalva, já que têm ocorrido casos em que há o julgamento exagerado de atitudes que vêm sendo relacionadas a práticas racistas.

Essa possível interpretação vai se delineando mais claramente nas expressões que se seguem: “Eu sinto nojo da opinião pública, que só sabem julgar” – neste trecho, fica em evidência a aversão do ator social a uma determinada opinião corrente na sociedade, que segundo este, “só sabe julgar”. Em seguida, há a exclamação: “Só tem coitadinho neste país”. Nessa passagem há claramente a referência a pessoas que se queixam por sofrer algum tipo de dano social, principalmente vinculado a

práticas racistas – tendo-se em vista a temática do evento abordado – empregando-se a acusação de vitimismo, com o uso da expressão “coitadinhos”, que possui um valor pejorativo.

Até este ponto o conteúdo do comentário apenas apresenta alguns posicionamentos que sugerem uma revolta pessoal contra uma parcela da população, sem, contudo, apontar exatamente de quem se fala. Na última sentença, porém, é resumida toda a ideia contida no comentário e é apresentada uma conclusão: “Acabou o respeito, eu n posso ter opinião que sou preconceituoso!!!”. Aqui, fica a clara a reversão, já que a atitude de questionar as práticas racistas é relacionada à falta de respeito e ao exagero. Ocorre, ainda, a mitigação do racismo, ao relacionar alguma possível prática preconceituosa a uma questão de opinião. Para encerrar, os três pontos de exclamação expressam a ênfase dada ao argumento, como um tipo de valorização e afirmação desse discurso.

Os demais comentários seguem a mesma tendência do contra-ataque ao acusar as pessoas que se posicionam contra o racismo de vitimismo. Destacamos, dentre esses, os comentários B16 e B18, que argumentam sobre a existência de macacos albinos, alegando que a associação de macacos com pessoas negras não deveria causar tanto incômodo como causou nesse evento. Esses discursos parecem ignorar o fato de que as pessoas negras foram, ao longo da história, comparadas a animais irracionais (por isso a associação a macacos) e que não faria sentido algum considerar como um ato racista a mesma associação a pessoas brancas ou de outras etnias, uma vez que estas nunca foram alvo de tais comparações.

Os comentários acima apresentam, principalmente, o contra-ataque por meio da acusação de “vitimismo” por parte das pessoas que argumentam contra as práticas racistas. A seguir, veremos alguns comentários que alegam, basicamente, que nos dias atuais há uma tendência à generalização do racismo, ou seja, a se relacionar “tudo” ao racismo:

Quadro 19 - Comentários que se referem à “generalização do racismo”

Comentário B19:

Meu querido, tudo está ficando muito chato!!!



Comentário B20:

Quem fala que o pai foi Racista, esses que devem ter algum problema, outros dizem que faltou bom senso, Bom senso é o caralho, um pai desse que se diverti com o filho, deve ser atencioso, tá de parabéns... geração cheio de frescura.... Onde vêem o que querem e causar polêmica, não a essência da situação...

Comentário B21:

Existe macacos de raças diferentes e nem todos são de cor preta, o problema é na cabeça dessas pessoas estupidas que generalizam tudo, não pode postar mais nada em rede social hoje.

Comentário B22:

Ok! Porém o pai postou se defendo no facebook que fantasiou o filho de Abu porque ele é o melhor amigo de Alladin e fez isso para mostrar que o filho dele é o seu melhor amigo. Porém o povo não deixa passar uma e tudo acha que é racismo. Parem de ver maldade em tudo e vejam mais amor.

Comentário B23:

Cara, hoje em dia tudo é bullying ou racismo! Não se pode brincar com mais nada, porque tudo é politicamente incorreto! Que frescura da porra! Qual a porra do problema um garoto negro sair fantasiado de Abu? Se fosse um branco, ninguém ia falar merda nenhuma! Mentalidade pequena demais!

Comentário B24:

Fantasia de Rei Momo= Bullying com os gordos. Homem vestido de mulher = homofobia. Menino vestido de macaco= racismo. Puta país chato. O cara é tão racista que ADOTOU um menino negro.

Comentário B25:

XXXXXXXXX exatamente!  
Concordo com vc, *(sobre o comentário anterior)*

Comentário B26:

Já pensou, daqui a pouco sai uma lei q eh proibido vender fantasia de macaco gorila qualquer primata, pq pode ter o risco de um adulto negro ou uma criança negra usar, e ofender a sociedade! Aff para neh?!

Comentário B27:

O problema todo está em qualquer coisa, qualquer ato ou palavra virar racismo. Se começarmos a ver as coisas mais dentro do contexto que elas se encontram tenho certeza de

que conseguiremos sim combater qualquer ato de intolerância, seja a racial, homoafetiva ou religiosa. A vitimização é que infelizmente denigre os movimentos que são realmente sérios e focados em coisas relevantes.

Comentário B28:

Não me senti ofendida nenhum pouco, acho que as pessoas ponham barreiras em tudo, nem tudo que acontece também é preconceito, mais também sei que cada um tem um ponto de vista diferente , e que pode ter ofendido alguém.

Adorei a fantasia dessa familia .

Fonte: Própria autora

Os comentários acima, em resumo, criticam o fato de que, segundo estes, toda opinião ou prática, hoje, pode ser considerada preconceituosa.

O comentário B19 é dirigido diretamente ao humorista por meio do vocativo “Meu querido”, em resposta direta à postagem de Maurício Meirelles. Em seguida, vem a afirmativa: “tudo está ficando muito chato!!!”. Com o uso do pronome indefinido “tudo”, novamente aparece a tese do exagero do “politicamente correto”, ou seja, qualquer coisa – haja ou não relação com práticas racistas – pode ser problematizado. Assim, “tudo” fica tedioso, pois sempre há alguém para questionar determinada fala ou determinada prática. Novamente, são utilizados recursos estilísticos para dar ênfase ao discurso, por meio da repetição da última letra da palavra “chato” e do uso de vários pontos de exclamação.

No comentário B20, além do contra-ataque, ao afirmar que as pessoas que foram contra a atitude do pai “devem ter algum problema”, construindo, assim, uma representação negativa das pessoas que se posicionaram contra o uso da fantasia, aqui também se vê a acusação de exagero dos antirracistas, através da assertiva: “geração cheia de frescura”. Ainda na expressão “Onde vêm o que querem e (é) causar polêmica”, há uma acusação mais enfática, de que essas pessoas, de certa maneira, atrapalham a ordem social, visto que o seu propósito é “causar polêmica”.

Já no comentário B21, o contexto sócio-histórico-cultural é totalmente desconsiderado ao se afirmar que existem raças diferentes de macaco e “nem todas são de cor preta”. Nessa declaração, é desprezada a carga de preconceito racial contida em se comparar as pessoas negras a macacos e desconsiderado o fato de

que, no passado, os negros eram vistos como uma raça inferior e comparados a animais.

Em seguida, como vimos em comentários anteriores, novamente as pessoas que se ofendem com essa associação são acusadas de exagero, pois veem racismo em tudo e, novamente, são rotuladas como estúpidas: “o problema é na cabeça dessas pessoas estupidas que generalizam tudo”. Além de todas as marcas de reversão, afirmar que “o problema é na cabeça dessas pessoas” pode constituir uma estratégia para tirar a credibilidade desses atores sociais, já que, ao apresentarem um desvio do padrão de comportamento considerado normal, na sociedade, não teriam condição de discernir os acontecimentos.

Ao encerrar, o autor do comentário declara: “não pode postar mais nada em rede social hoje”. Corroborando, assim, com os comentários anteriores que se queixam de uma suposta censura, que estaria controlando “tudo” o que pode ou não ser dito.

O autor do comentário B22 relata que o pai postou um comentário no *Facebook* explicando que a fantasia estava relacionada ao fato de Abu ser o melhor amigo de Aladim, e que, assim, o pai queria mostrar que tem o filho como melhor amigo também. Neste comentário, podemos observar a escolha da palavra “defendendo”, referindo-se à postagem do pai em: “o pai postou se defendendo”, já nesta escolha lexical, pode-se perceber o posicionamento de que o pai foi atacado, visto que, se há necessidade de se defender, presume-se que há algum tipo de ataque.

Em seguida, é colocada, novamente, a ideia do exagero ao relacionar o evento com o racismo: “Porém o povo não deixa passar uma e tudo pensa que é racismo”. Observamos o uso da expressão “o povo” para se referir às pessoas que costumam problematizar práticas ligadas ao racismo. Muitas vezes essa expressão é utilizada, cotidianamente, com um valor semântico pejorativo, com o efeito de generalizar e rotular um grupo de pessoas, atribuindo-lhes uma mesma categoria: o “povo” que vê racismo em tudo.

No final, há ainda, um apelo: “Parem de ver maldade em tudo e vejam mais amor”. Essa expressão solicita que o foco seja direcionado para o aspecto amoroso da atitude do pai, ao levar seu filho para o carnaval, em vez de que se focalizem as

discussões em torno das conotações racistas que podem advir de sua atitude ao fantasiar o filho como o macaco Abu.

No comentário B23 aparece novamente a crítica ao politicamente correto. O autor do comentário utiliza a expressão “hoje em dia tudo é bullying ou racismo” e queixa-se que não se pode brincar com mais nada, pois tudo é “politicamente incorreto”. Nesse discurso, a queixa ao período atual deixa subentendido o fato de que em outros tempos, falas que hoje são consideradas preconceituosas, não o seriam. Não podemos deixar de refletir, neste ponto, que em nossa sociedade muitos grupos dominados socialmente não tinham meios para exporem os preconceitos cotidianos aos quais eram submetidos e que, com o surgimento das redes sociais, há hoje uma possibilidade maior de questionamento dessas práticas de dominação, embora haja, ainda, muita repressão ao posicionamento desses grupos chamados de minorias, conforme temos visto, neste estudo. Assim, o discurso desse comentário ignora esse contexto social ao considerar que essas recentes manifestações públicas de contestação à dominação não têm fundamento e, por isso, rotula essa postura como “frescura”.

Novamente o contexto socio-histórico é ignorado ao se afirmar que “Se fosse um branco ninguém ia falar merda nenhuma”, uma vez que, como dissemos anteriormente, na história de nossa sociedade, as pessoas brancas nunca foram vistas – por teorias ditas científicas – como sendo de raças inferiores a outros seres humanos e que, desta forma, não haveria conotação pejorativa no fato de uma criança branca ser fantasiada de macaco.

O comentário B24 traz, em tom de sarcasmo, algumas associações que poderiam ser feitas entre práticas comuns no período de carnaval e atitudes preconceituosas, assim, o autor do comentário ironiza o fato de algumas pessoas terem associado a fantasia de macaco ao racismo, apresentando, de forma indireta, o mesmo argumento dos comentários anteriores: hoje, pode-se ver preconceito em tudo. Há, novamente, a queixa de que isso torna o país tedioso.

Ao final, o comentarista da rede social expressa, ironicamente, que o pai da criança não pode ser racista, pois adotou uma criança negra. A ironia é construída pelo uso da expressão “O cara é tão racista que ADOTOU um menino negro”, em que há uma

quebra de expectativa, visto que, após a expressão “o cara é tão racista”, espera-se que se siga um fato que confirme suas características racistas, entretanto, a expressão que se segue demonstra o contrário: ele adotou uma criança negra. Nesse trecho, a palavra “ADOTOU” é enfatizada por meio do uso da caixa alta. Assim, é tomado como verdade que o fato de uma pessoa adotar uma criança negra, por si só, já exclua a possibilidade de que esta pessoa tenha atitudes racistas.

O comentário B25 ratifica o comentário anterior, concordando, dessa maneira, com o argumento de que as pessoas estão exagerando ao encontrar o racismo onde não há.

O autor do comentário B26 especula sobre a possibilidade de que, em breve, pode ser criada uma lei que proíba a venda de fantasias de macaco. Na construção desse discurso, aparece, novamente, o argumento de que tudo pode ser visto como preconceituoso, já que o fato de uma criança ou um adulto negro utilizarem uma fantasia de macaco poderia ofender a sociedade. Isso se confirma pelo uso, em seguida, da expressão “Aff para neh?!”. A palavra “aff” é mais uma expressão que ainda não se encontra nos dicionários, mas que possui uso corrente nas redes sociais. Segundo o *site* [significados.com.br](http://significados.com.br), essa palavra demonstra descontentamento, indignação, desapontamento, insatisfação. Assim, o autor do comentário demonstra seu descontentamento com a situação e introduz um apelo a que se pare com essa postura.

No comentário B27 surge uma primeira contestação: há um problema. Logo em seguida este problema é identificado: “qualquer coisa, qualquer ato ou palavra virar racismo” ou seja, assim como defende van Dijk (2012a), as pessoas que questionam as práticas racistas são vistas como os verdadeiros problemas, pois veem racismo em tudo.

A seguir, o autor do comentário pondera que é necessário considerar o contexto em que as coisas acontecem. Podemos entender que, através dessa assertiva, é defendida a ideia de que a atitude do pai, dentro do contexto do carnaval, não pode ser considerada racista.

Ao final, o ator social define a discussão sobre esse evento como vitimização e sugere que os movimentos sociais que lutam contra o racismo deveriam focar suas atenções em discussões “mais relevantes”, sugerindo, assim, que essa discussão não é relevante.

Gostaríamos de destacar, nesta última sentença, o uso da palavra “denigre” com valor pejorativo. Segundo Houaiss (2009), a palavra denegrir significa:

**Denegrir:**1 tornar(-se) negro ou escuro; escurecer(-se) 2 diminuir a pureza, o valor de; desvalorizar(-se) (HOUAISS, 2009).

A expressão “A vitimização é que infelizmente denigre os movimentos que são realmente sérios e focados em coisas relevantes”, nesse contexto, denota o fato de tornar algo negro como negativo. Assim, o próprio autor do comentário demonstra que, mesmo sem intenção, as escolhas lexicais podem apontar para um discurso racista.

O comentário B28 defende, novamente, a ideia de que está se vendo preconceito em eventos onde não há. Porém, logo em seguida, é feita uma ressalva: “mais também sei que cada um tem um ponto de vista e que isso pode ter ofendido alguém”. Assim, o autor deste comentário apresenta um argumento de reversão atenuado pelo fato de haver a possibilidade de o evento em questão ter ofendido algumas pessoas, mesmo não sendo, de fato, uma prática de racismo.

Alguns comentários contêm argumentos que defendem que as pessoas estão vendo racismo onde não existe:

Quadro 20 - Comentários sobre a “maldade nos olhos”

Comentário B29:

A maldade está nos olhos de quem a ve!

Comentário B30:

Eu acho que só se OFENDE quem quer Maurício Meirelles ... pq eu passei a vida inteira sendo zoado: "Abre o olho" .. "pinto pequeno" e por aí vai ..e nunca me senti vítima da situação ... OK entendo que de forma histórica a situação do povo negro é muito mais delicado e deve ser respeitado, MAS NESSE CASO ESPECIFICAMENTE não vi porque alguém (sendo negro ou não) se sentiria ofendido ... afinal .. A FANTASIA TINHA CONTEXTO ..não era algo

ao acaso ... mas concordo que o debate ainda é a melhor opção .... sempre aprendemos algo novo

Fonte: Própria autora

Similarmente, no comentário B30, é defendido o argumento de que o valor do ato realizado pelo pai depende de perspectiva. Ademais, o autor do comentário se utiliza da narrativa de experiências pessoais para defender sua opinião de que as pessoas que se ofendem com uma situação de preconceito étnico o fazem porque querem.

Em seguida, o autor do comentário, que, pelos relatos, podemos inferir que é de origem asiática, constrói uma autoapresentação positiva ao reconhecer que “a situação do povo negro é muito mais delicado e deve ser respeitado”, demonstrando reconhecimento do preconceito sofrido pelos negros, para, em seguida, introduzir a ressalva pela conjunção adversativa “mas” e, então, apresentar a negação explícita do racismo, nesse evento em particular, sob o argumento de que, nesse caso, o contexto da fantasia dos pais, de Aladim e Jasmine, justificou o ato.

Ao finalizar, novamente o autor do comentário sustenta sua autoapresentação positiva ao afirmar que concorda que o debate ainda é a melhor solução. Assemelha assim sua argumentação àquela apresentada na postagem do próprio humorista, numa postura um tanto quanto dúbia que, ora defende a luta contra o racismo, ora critica aqueles que problematizaram o evento em questão.

Ocorreram, também, três comentários que se posicionaram contrariamente aos movimentos das minorias contra o preconceito:

Quadro 21 - Comentários contrários aos movimentos das minorias

Comentário B31:

Mauricio, seu ponto de vista a favor dos movimentos e luta pela liberdade no humor. Sobre os movimentos, eu acredito que isso nos enfraquece como sociedade, já que, dentro dos movimentos, os homossexuais lutam por si, assim como os negros, as mulheres, umbandistas, enfim. Isso que a princípio era para fortalecer-nos como sociedade, nos enfraquece como seres humanos, porque os direitos humanos iguais são deixados de lado e cada um luta por si e não pelo todo. Sobre a liberdade, o Brasil hoje vive uma crise muito forte de falso moralismo, descência e moral, as pessoas podem rir dos outros, mas nunca de si mesmas. Vestem capas de super-heróis para defender quem nem precisa ou nem perdeu.

<p>Enquanto houver debates machismo, homofobia, feminismo, racismo e etc... Sempre haverá preconceito, afinal o que não nos afeta e não faz diferença em nossas vidas, simplesmente ignoramos. E não ignoramos por preconceito, ignoramos porque somos civilizados demais pra entender que todos têm suas diferenças!</p>
<p>Comentário B32:</p> <p>Então os brancos no brasil merece um movimento e reconhecimento. Somos sim uma minoria, ao contrário dos negros.</p>
<p>Comentário B33:</p> <p>Ah sério que ficaram ofendidos com razão? Não vi razão nosso nao. Pois os únicos que viram maldade foram os negros. Os brancos estavam achando lindo. O pai ao adotar o menino não escolheu cor. Quer prova maior de amor do q essa? E outra concordo que tem haver um movimento. Mas um.Movimentoq prega o amor e não onodio. Eles falam dia "brancos" com tanto ódio. Que quase fiz um movimento branco tb. Enfim quem viu maldade ali foram eles. Entre na página do pai do menino e vc ver a tantas outras fantasias... o aniversário do menino foi lindo e e pequeno Príncipe. Tem foto deles treas da turma do Chaves. Eu hem</p>
<p>Comentário B34:</p> <p>Minoria?!</p>
<p>Comentário B35:</p> <p>Cara te admirava mas deu uma esquadada aí com blablá socialista de minoria. Uma pena parecia ser opção sensata num mundo de bolsonaro e jeanwyllys</p>

Fonte: Própria autora

No comentário B31, o autor, primeiramente, defende sua postura contrária aos movimentos sociais com o argumento de que esses movimentos separam e enfraquecem os indivíduos e a sociedade. Em seguida, esse ator social comenta a respeito da liberdade de expressão, afirmando que o Brasil passa por uma crise de “falso moralismo” e questiona que as pessoas não podem rir de si mesmas. Ao fazer essa declaração, o autor do comentário deixa implícita a opinião de que a liberdade de expressão fica ameaçada por uma limitação na temática do riso. Logo após, os movimentos sociais são criticados por se autodeterminarem super-heróis e tentarem proteger quem não precisa de sua ajuda.

Em seguida, o autor do comentário estabelece uma espécie de paradoxo, ao declarar que enquanto houver debates sobre as diferenças os preconceitos perdurarão, e apresenta como alternativa para o fim do preconceito a atitude de



ignorar as diferenças. Esse argumento vai de encontro à postura dos movimentos sociais, que é, justamente, quebrar o silêncio de séculos contra as desigualdades sofridas pelas minorias sociais. Esse posicionamento do comentarista corrobora, mais uma vez, com van Dijk (2012a), que afirma que a crítica às práticas racistas incomoda mais que o próprio racismo.

O autor do comentário B32 defende que as pessoas brancas são uma minoria no Brasil e, dessa maneira, manifesta o desejo de que esse grupo tenha um movimento que os represente. De acordo com o dicionário de Sociologia FiloCzar, o termo “minorias” é utilizado para nomear um grupo de pessoas que, por questões étnicas, religiosas, sociais etc. são diferentes dos grupos majoritários e, em geral, dominantes. Entretanto, os grupos denominados como minorias podem, em alguns casos, ser mais numerosos que os grupos dominantes. Nesses casos, mesmo não representando menor número, esses grupos possuem menos representatividade na sociedade em que vivem.

Entendemos que as pessoas negras no Brasil representam minorias sociais justamente porque, como temos demonstrado ao longo deste trabalho, possuem menor representatividade na sociedade e muito menos acesso a recursos financeiros e simbólicos. Assim, o autor do comentário, ao reivindicar um movimento que defenda um grupo que já é considerado dominante, questiona a validade dos movimentos sociais que lutam contra o racismo e constrói uma polarização ao afirmar que os brancos constituem uma minoria, ao contrário dos negros que, segundo esse ator social, não constituem uma minoria no nosso país.

O comentário B33 inicia com a negação expressa do racismo, ao se afirmar que as pessoas que se declararam ofendidas pela imagem não tinham motivo para tal. O autor do comentário afirma que somente as pessoas negras “viram maldade” na foto da criança fantasiada e alega que “os brancos estavam achando lindos”. Ao fazer essa afirmativa, o autor do comentário desvaloriza completamente o sentimento das pessoas negras que se sentiram ofendidas com a associação e considera somente a opinião dos “brancos”, que (segundo o autor do comentário) não consideraram a imagem ofensiva.

Além disso, no comentário os movimentos contrários ao racismo, à semelhança do comentário anterior, são qualificados negativamente. Aqui, esses movimentos são representados como disseminadores de ódio contra os brancos. Estes, por sua vez, são representados como vítimas dos movimentos negros.

Neste comentário, além do contra-ataque, ao se desvalorizar os movimentos pró-negros, há a polarização grupal, ao se representar os brancos como vítimas e os negros como agressores.

O autor do comentário constrói também uma representação positiva do pai do menino. Ao afirmar que o pai da criança não “escolheu cor”, sendo isso considerado uma prova de amor, é possível interpretar uma sugestão de que, o fato de o pai ter adotado uma criança negra impossibilita a existência do racismo.

O comentário B34 apresenta apenas a expressão: “Minoria?!”. Com essa mistura de pergunta e exclamação, podemos inferir que o autor do comentário questiona o fato de os negros serem considerados uma minoria, de forma semelhante ao que temos visto nos comentários anteriores.

No comentário B35, o autor também menospreza o discurso que defende as minorias, questionando a própria postagem do humorista, na medida em que este reconhece a necessidade de que haja medidas favoráveis às minorias sociais.

Interessante que o autor do comentário, ao rejeitar a postura do humorista, afirma que, anteriormente, considerava Maurício Meirelles como uma alternativa aos deputados Jair Bolsonaro e Jean Wyllys, que são conhecidos amplamente, um por defender ideologias de Direita e o outro, de Esquerda, respectivamente. Vemos aí, então, uma incoerência no discurso apresentado neste comentário, uma vez que seu autor se queixa do discurso do humorista a favor de minorias e, ao mesmo tempo, se queixa de um deputado que é, notoriamente, contrário a políticas direcionadas à defesa de direitos das minorias, a saber, o deputado Bolsonaro.

Além disso, vários comentários, direta ou indiretamente, ironizam ou acusam de exagero aqueles que se posicionam contra o racismo:

## Quadro 22 - Comentários que acusam os antirracistas de exagero

<p>Comentário B36:</p> <p>cara sou negro,e nunca fiquei chateado por nada dessas babozeiras,não sou diferente de ninguém e muito menos macaco,tenho ciência que existe o preconceito mas nunca me senti atingido !</p>
<p>Comentário B37:</p> <p>Parabéns XXXXXXXXXXXX disse exatamente isso tá faltando bom senso ,nesse caso não vi nenhum preconceito, mais concordo que existe racismo. <i>(sobre o comentário anterior)</i></p>
<p>Comentário B38:</p> <p>Mano vejo um monte de comentários se e racismo ou não, mais não vejo nem um questionamento se a criança está feliz ou não! Se preocupam mais com a imagem do que com as pessoas que estão envolvidas na foto!</p>
<p>Comentário B39:</p> <p>Vejo nada mais que uma família unida.</p> <p>Enquanto vários pais estão pulando carnaval e deixando seus filhos com qualquer um, essa família não.</p> <p>Estamos vivendo uma época em que a democracia se tornou uma guerra contra o próprio povo.</p> <p>É muito fácil viver um momento tão ruim pra economia enquanto as pessoas estão se matando por qualquer falsa ideologia.</p>
<p>Comentário B40:</p> <p>Ninguém entende que preto não é macaco essa é a diferença.... Somos todos iguais , e ninguém é macaco até pq o macaco vai se ofender em ser parte de uma sociedade como essa. E Maurício um debate é sempre bom , vale de aprendizado.</p>
<p>Comentário B41:</p> <p>#somostodosmacacos... Só não vale pro carnaval ? ... Estranho esse país ... Essa gente ... Esse "povo".</p>
<p>Comentário B42:</p> <p>#somostodosmacacos menos o menino da foto, pq é racismo..</p>
<p>Comentário B43:</p> <p>Mandou bem!!!! Pessoal, vamos parar de bobeira....</p>

Comentário B44:  Blablablablaba
Comentário B45  Levar a vida mais na boa!!!!

Fonte: Própria autora

Em B36, o autor do comentário, ao afirmar que nunca se chateou com as situações pelas quais as pessoas negras passam, a que esse ator social denomina de “babozeiras” (*sic*), utiliza-se do recurso da narrativa pessoal e da escolha lexical para defender o ponto de vista de que as práticas racistas podem ser ignoradas, minimizando os efeitos negativos que essas práticas podem causar em quem sofre o preconceito.

O autor do comentário declara que não é diferente de ninguém e que não é um macaco. Afirma que tem ciência da existência do racismo, porém nunca se sentiu atingido por isso. Esse relato pode gerar a inferência de que as pessoas negras, por terem consciência de sua condição, como seres humanos, e da igualdade de direitos que advêm dessa condição, não deveriam sentir-se ofendidas por associações entre pessoas negras e macacos, ou mesmo qualquer outro tipo de preconceito.

Dessa forma, entendemos que esse comentário, à semelhança dos anteriores, diminui e atribui valor negativo às reações das pessoas que se sentiram ofendidas pela foto da criança fantasiada de macaco.

O autor do comentário B37 ratifica o argumento do anterior, parabenizando seu autor. Além disso, acrescenta sua opinião: “ta faltando bom senso”. O autor do comentário generaliza sua opinião ao não acrescentar nenhum complemento que especifique por parte de quem falta o bom senso, mas, quando afirma que não viu “nenhum preconceito” nesse caso específico (a fantasia do menino), fica claro que a falta de bom senso é atribuída às pessoas que entenderam como preconceito o ato de fantasiar de macaco uma criança negra.

Ao final do comentário, autor introduz uma ressalva com o marcador discursivo “mas”: “mais concordo que existe racismo” (*sic*). Essa ressalva funciona como um

atenuador da fala anterior, e uma defesa a qualquer interpretação que esta possa gerar, do eu-mesmo como racista.

No comentário B38, mais uma vez, podemos notar o contra-ataque ao afirmar que as pessoas que comentaram a foto estão mais preocupadas com a imagem de que com a própria família. Neste discurso, defende-se que essas pessoas, na verdade, não estão preocupadas com o bem-estar da criança ou da família. Entretanto, o autor do comentário ignora, neste texto, o contexto social que levou essas pessoas a se posicionarem contra o uso da fantasia na criança e que não há como separar a imagem dos indivíduos.

No comentário B39, o autor, de início, apresenta a negação expressa do racismo, ao expressar que não vê nada além de uma família unida, ou seja, não enxerga racismo na imagem. Para reforçar o argumento, o autor do comentário apresenta uma comparação entre a família envolvida na polêmica e outras, em que os pais vão se divertir no carnaval, sem os filhos.

Em seguida, o autor do comentário afirma que a “democracia se tornou uma guerra contra o próprio povo”. Podemos relacionar essa afirmação à discussão apresentada anteriormente sobre o “politicamente correto”. Da mesma forma que em comentários anteriores, neste, ao se utilizar a metáfora da guerra, traz-se a ideia de que a luta contra os preconceitos e a maior problematização da própria sociedade a respeito do que convém ou não ser dito são fatos que, em vez de contribuir para a coletividade, acabam por promover o combate.

Aqui, vemos novamente como a luta contra os preconceitos incomoda ao ponto de ser retratada como uma guerra contra o povo, em vez de uma guerra contra os preconceitos.

No comentário B40, a expressão “ninguém entende que preto não é macaco” parece, novamente, reverter a autoria da associação entre macacos e negros. Fica implícito que, na verdade, quem associou as pessoas negras a macacos foram as pessoas que protestaram contra a foto do pai, ignorando, mais uma vez, a carga pejorativa que essa associação trouxe, no passado, e traz ainda hoje aos negros.

Os comentários B41 e B42 trazem a campanha “#somostodosmacacos” para a discussão. Essa campanha foi iniciada por uma empresa publicitária, após o jogador de futebol Daniel Alves, brasileiro, que atuava no time de futebol Barcelona, da Espanha, ter recebido, em uma partida no dia 27 de abril de 2014, uma banana por parte da torcida do time rival, em uma provocação racista. O jogador comeu a banana e continuou a jogar normalmente. A campanha fez muito sucesso e angariou muitos adeptos, porém, teve também muitas críticas, pelo fato de se referir às pessoas como macacos, chegando a ser rejeitada, inclusive, pelo próprio Daniel Alves, conforme o *sitepurepeople.com.br* publicou em 03 de maio de 2014.

Os autores desses comentários criticam o fato de que, na campanha, foi aceita a associação com os macacos, e no caso da fantasia do carnaval, não. Entretanto, a despeito de muitas pessoas terem se posicionado contra essa campanha, entendemos que o fato de a empresa publicitária ter feito essa associação – e mesmo que muitas pessoas tenham aceitado – isso não diminui a importância da discussão a respeito das práticas racistas, representadas, aqui, pelo ato de se associar os negros a macacos.

O autor do comentário B43 utiliza o termo “bobeira” para se referir às discussões a respeito do assunto. Ao utilizar esse léxico, esse ator social deprecia as discussões e os sentimentos das pessoas que se sentiram ofendidas com a imagem.

No comentário B44, há apenas a expressão “blablabla”. Segundo o dicionário *online* Michaelis, o termo blá-blá-blá é um vocábulo onomatopaico que significa:

**Blá-bla-blá:** conversa sem conteúdo, conversa oca.

O site Wikcionário apresenta, ainda, um segundo significado:

**Blá-blá-bla:** 1 conversa oca, sem conteúdo 2 exposição longa, muitas vezes repleta de mentiras ou afirmações vazias.

Compreendemos que o uso dessa expressão representa a discussão a respeito do racismo, motivada pela fantasia da criança, como uma discussão sem conteúdo relevante e, até mesmo, composta por inverdades, novamente constituindo uma estratégia de contra-ataque contra aqueles que se dispuseram a discutir o assunto.

A expressão “Levar a vida mais na boa”, no comentário B45, deixa subentendida a informação de que as pessoas devem viver a vida com menos conflito, ou seja, neste caso, não deveria ser gerada tamanha discussão a respeito do assunto em questão. Compreendemos que, ao expressar essa opinião, o ator social, indiretamente, declara que as pessoas que se opuseram à fantasia da criança estão sendo exageradas.

Alguns comentários se posicionaram contra as discussões a respeito das relações raciais e sociais, apontando as problematizações a respeito das temáticas como causa dos problemas sociorraciais:

Quadro 23 - Comentários contrários às discussões sobre o racismo

<p>Comentário B46:</p> <p>Eu acho que devíamos parar de chamar as pessoas de cor de negros em pleno 2016 atepqnao faz diferença se voçe e branco negro azul amarelo roxo.todos tem a mesma capacidade atepq todos sao humanos</p>
<p>Comentário B47:</p> <p>Meu ponto de vista! Enquanto houver classificação de Maioria e minoria! Haverá preconceito e a porra todo ruim que isto acarreta! O Mundo não tem solução!</p>

Fonte: Própria autora

O autor do comentário B46 argumenta que as pessoas “de cor” não deveriam ser chamadas de negros, pois todas as pessoas, de todas as cores, possuem as mesmas capacidades e a mesma humanidade. Observemos que, esse ator social, apesar de defender o fim da rotulação das pessoas baseada em sua cor, admite a existência de cores diferentes. Podemos notar isso pela qualificação que ela atribui às pessoas negras (“pessoas de cor”) e pela predicação, ao se referir às pessoas de diversas cores (“nao faz diferença se voçe e branco negro azul amarelo roxo...”) (*sic*).

Assim, parece-nos que, para o autor desse discurso, a resolução dos problemas relacionados a questões raciais seria não usar o termo “negro”, ou seja, o apagamento da identidade do negro, embora esse mesmo ator social admita a existência das diversas cores. Esse posicionamento equivale a dizer que, para

acabar com o racismo, precisamos parar de falar sobre o racismo, é como se a denúncia das desigualdades agravasse o problema.

No comentário B47, de forma semelhante, o autor condiciona a continuidade do preconceito à classificação de maioria e minoria. Assim, ocorre a associação do uso dos conceitos de maioria e minoria social a substantivos de valor negativo (preconceito e porra).

Outros comentários apresentaram o argumento de que o pai não poderia ter praticado um ato racista, pelo fato de ter adotado uma criança negra.

Quadro 24 - Comentários com contra-ataques e negação da possibilidade de racismo do pai

<p>Comentário B48:</p> <p>Parabéns Maurício. O casal só queria se divertir afinal se eles fossem preconceituosos não adotariam a criança.As vezes acho que o preconceito está nos olhos de cada um,como vê a situação.</p>
<p>Comentário B49:</p> <p>Queria que metade dos ofendidos se dispusessem a ADOTAR uma criança como o cara da polêmica o fez, sem segregação de raça na hora de escolher o adotado.</p>
<p>Comentário B50:</p> <p>Só para informação de muitos... O Casal já está em processo de adoção de mais uma criança, também negra! ...</p>
<p>Comentário B51:</p> <p>Maurício... Negros não ficaram ofendidos.... Algumas pessoas sim... Dizer negros é generalizar todos... Achei uma foto normal e não vi maldade alguma... Até porque nenhum pai submeteria seu filho ao ridículo para aparecer...</p>
<p>Comentário B52:</p> <p>XXXXXXXXX concordo totalmente! Achei tosca essa repercussão toda, que apenas expôs uma família e uma criança de apenas 3 anos! Infelizmente ficaram expostos a mtos comentários maldosos... Eles estavam apenas se divertindo! Quem viu o perfil do pai notou q tem várias fotos do menininho, inclusive fantasiado de outras várias coisas (coelho, pequeno príncipe...). Pq cargas dagua falar de racismo, de um pai q a esposa é mulata, adotou um menino negro e está na fila para adotar mais um? Pra esse pai foi tão natural a fantasia que até se espantou de virar notícia! Pena q de forma negativa... <i>(sobre o comentário anterior)</i></p>



Fonte: Própria autora

O autor do comentário B48 defende que os pais não podem ser preconceituosos, pois adotaram a criança, que é negra. Em seguida, apresenta a opinião de que o preconceito está nos olhos de quem vê. Nesse argumento, podemos depreender a sugestão de que, na verdade, aqueles que se colocaram contra a fantasia da criança é que possuem a atitude preconceituosa, por entenderem a associação da criança com o macaco como negativa. Observamos que, ao utilizar o marcador discursivo “às vezes”, o autor do discurso modaliza seu argumento, aparentemente na intenção de se preservar de uma possível acusação de generalização.

No comentário B49 há uma espécie de desafio às pessoas que se sentiram ofendidas com a imagem, que metade delas se dispusesse a adotar uma criança, sem segregação de raça, a exemplo do feito pelo diretor de teatro. Ao propor essa atitude, parece-nos que o autor do comentário sugere que as pessoas que se sentiram atingidas pela imagem do menino fantasiado de macaco poderiam ser, na verdade, menos engajadas em causas sociais e étnicas que o pai, visto que, provavelmente, não praticariam o mesmo ato desse pai. Novamente, há aqui o pensamento de que não se pode questionar a atitude do pai, ao fantasiar o filho de macaco, simplesmente porque o ato de adotar uma criança negra o eximiria da possibilidade de praticar atos racistas.

O autor do comentário ainda utiliza o recurso de caixa alta para escrever a palavra “ADOTAR”, o que pode significar o simples destaque dado à ação do pai, ou mesmo uma postura mais incisiva e hostil, com relação às pessoas a que se refere, já que o uso de caixa alta, na *Internet*, é entendido como falar gritando. Já no fim do comentário, percebe-se a ênfase que é dada à adoção da criança, pelo uso da rotulação desta, que é referida como “o adotado”. Essa ênfase concedida ao ato da adoção demonstra o valor dado a essa atitude pelo autor do comentário, reiterando o argumento da não possibilidade da prática racista por parte de alguém que adotou uma criança negra.

O autor do comentário B50 se dirige diretamente àqueles que foram contra a atitude do pai, aos quais se refere como “muitos”, e informa que os pais da criança estão em processo de adoção de outra criança negra. O uso da expressão “só para informação”, juntamente com o uso das reticências e do ponto de exclamação, após

a informação de que o segundo filho também será uma criança negra, parece demonstrar que essa informação é crucial para convencer as pessoas que criticaram a atitude do pai de que ele não pode ter cometido uma prática racista, pois, além de adotar uma criança negra, já vai adotar outra, “também negra! ...”.

O comentário B51 inicia com uma afirmação, direcionada diretamente ao humorista: “Negros não ficaram ofendidos... Algumas pessoas sim...”. Essa afirmativa nos faz levantar um questionamento, essas pessoas que ficaram ofendidas não seriam negras, então? Mas, logo adiante, o autor do comentário assevera: “Dizer negros é generalizar todos...”. Nessa segunda afirmação, entendemos que alguns negros se sentiram ofendidos, não todos.

Nesse caso, essas pessoas que se sentiram ofendidas são, categoricamente, excluídas do grupo denominado como “negros”. Com essa exclusão podemos inferir que, possivelmente, as pessoas que podem, de fato, serem consideradas como “os negros”, não se sentiram afetadas pela associação, somente “algumas pessoas” – de um grupo de importância diminuída pelo uso do pronome demonstrativo “algumas” – se sentiram ofendidas.

Em seguida, o autor do comentário apresenta a negativa explícita do racismo, ao manifestar sua opinião sobre a foto, referindo-se a ela como “uma foto normal”. Além de mitigar o racismo, com o adjetivo “maldade”, em: não vi maldade alguma”.

Ao final, o autor do comentário afirma que “nenhum pai submeteria seu filho ao ridículo para aparecer”. Nessa expressão, percebemos que ele exclui totalmente a possibilidade de o pai ter praticado um ato racista, com o uso do pronome indefinido “nenhum” e, ainda, mitiga novamente o racismo, ao utilizar a expressão “submeteria seu filho ao ridículo”, novamente utilizando um léxico que não possui nenhuma relação semântica com as questões étnico-raciais, para se referir ao ato que gerou toda a polêmica.

O autor do comentário B52, além de concordar com o discurso do comentário anterior, qualifica a repercussão sobre a foto como “tosca”. Segundo Houaiss (2009), temos como significado da palavra “tosco”:

Tosco: 2 sem apuro ou refinamento 3 inculto, bronco

Ao qualificar a repercussão do caso como “tosca” e, em seguida, afirmar que ela “apenas” expôs a família e a criança, o autor do comentário exclui a possibilidade de a discussão gerada pela repercussão do caso possa gerar questionamentos válidos para a desconstrução do racismo.

Ao final do comentário é apresentado, como nos anteriores, o argumento de que o pai não poderia ser relacionado a práticas racistas, uma vez que é casado com uma “mulata”, adotou um filho negro e irá adotar outro em breve.

Todos os comentários desse último quadro trazem a concepção de que alguém que adota uma criança negra não pode ser associado a práticas racistas, ignorando todo o contexto socio-histórico que envolve as questões raciais, no Brasil, e desconsiderando que o racismo pode ser manifestado de diversas formas, inclusive formas muito sutis, e não somente como práticas que, majoritariamente, são consideradas como racismo, como, por exemplo, proferir palavras de cunho racista contra alguém, ou impedir uma pessoa negra de frequentar algum lugar, com base no preconceito racial.

Entendemos que, ao atacarem e acusarem essas pessoas, seja pela rotulação de “verdadeiros racistas”, seja pela qualificação de exagerados ou vitimistas, os autores dos comentários constroem um discurso que reverte a discussão para o sentido oposto, por meio de uma outro-apresentação negativa, colocando os holofotes, de uma forma pejorativa, sobre aqueles que se posicionaram contra o uso da fantasia de macaco na criança. Até aqui, todos os comentários analisados possuem algumas dessas características. Nos próximos tópicos, apresentaremos alguns comentários com características diferentes dessas.

#### 5.2.2.2 Apresentação positiva do pai da criança e negação do racismo nas respostas à postagem de Maurício Meirelles

No quadro abaixo, apresentamos os comentários que defendem a negação explícita do racismo, seja pela apresentação positiva do pai da criança, seja pela negação do ato racista.

## Quadro 25 - Comentários com apresentação positiva do pai

Comentário B53:  Eu acredito que o rapaz não é racista. Se fosse não adotaria a criança.
Comentário B54:  cara da polêmica o fez, sem segregação de raça na hora de escolher o adotado.

Fonte: Própria autora

No comentário B53, o discurso aparece modalizado, com o uso do verbo “acredito” para defender a opinião de que o pai da criança não é racista. Essa opinião é baseada na dedução de que, se o pai da criança fosse racista, não a teria adotado. Da mesma forma, o comentário B54 apresenta o argumento de que o pai não agiu com discriminação quando adotou a criança.

Os dois últimos comentários, assim como os do último quadro do tópico anterior, por meio da apresentação positiva do pai, defendem a tese de que ele não pode ser racista, já que adotou uma criança negra, compartilhando, assim, a representação social do indivíduo “não-racista”<sup>37</sup>, aquele que não pode ser considerado racista pelo fato de ter adotado uma criança negra. Entretanto, relembramos aqui o argumento defendido por van Dijk (2006) e disposto em nosso capítulo teórico, de que o indivíduo pode apresentar diferentes graus de adesão a uma ideologia. Dessa forma, entendemos que o fato de alguém adotar uma criança negra, isoladamente, não pode determinar se essa pessoa poderá ou não realizar práticas racistas, em maior ou menor grau.

Há, ainda, um comentário que nega a existência do racismo no ato de fantasiar a criança, negando a presença da figura do macaco, na fantasia:

Comentário B55:

Pior que a fantasia do garotinho é igual a do pai, de Aladim. Ou seja, não tem nada de macaco na foto

<sup>37</sup>Utilizamos a expressão “não-racista” para nos referirmos ao pai, pois notamos que muitos comentários construíram e compartilharam a representação social do pai como um indivíduo que não pode, de forma alguma, praticar um ato racista, simplesmente pelo fato de ter adotado a criança negra – referida e rotulada dessa forma pelos autores de vários comentários.

O autor do comentário B55 nega o fato de a fantasia ser de macaco, pois ele vê a fantasia igual à do pai, dessa forma, entende que a criança está fantasiada de Aladim. Ao afirmar que “não tem nada de macaco” na foto, o ator social é taxativo, com o uso do verbo no presente do indicativo.

Os modelos mentais desse ator social não contribuíram para que ele interpretasse a fantasia como fantasia de macaco, então ele assume como verdade absoluta que a fantasia não era do macaco de estimação de Aladim e que era, sim, de Aladim também, excluindo a possibilidade da interpretação diferente, que foi feita pelas pessoas que protestaram contra a fantasia.

No próximo tópico, apresentaremos, brevemente, os comentários direcionados diretamente ao humorista, seja em concordância ou em discordância.

### 5.2.2.3 Comentários direcionados ao humorista

Dentre os 100 comentários selecionados, 11 trazem manifestações de apoio e admiração ao humorista, ou concordância com suas palavras:

Quadro 26 - Comentários com concordância ou apoio ao humorista

<p>Comentário B56:</p> <p>O cara interage com os fãs,poucos fazem isso,todos aqui dão opinião, e ele respeita,temos q respeitar a dele tbm</p>
<p>Comentário B57:</p> <p>Você acabou de adquirir um seguidor e um admirado haha e um like também tmj mano</p>
<p>Comentário B58:</p> <p>XXXXXXXXX, mauriciomeirelles é foda, leia la pra vc ver</p>
<p>Comentário B59:</p> <p>Hahahaha, Concordo muito com ele.</p>
<p>Comentário B60:</p> <p>Certíssimo!</p>

Comentário B61:  XXXXXXXXXX melhor comentário que já li, exatamente o que penso.
Comentário B62:  Parabéns meirelles !!!! Tiro o chapéu pra vc !!
Comentário B63:  SOU SEU FÃ CARA, VOCÊ É FODA, MANDA UM SALVE PRA XXXXXXXXXXXX (EU)
Comentário B64:  Mauricio Meireles pede (polemizem), e a galera culta obedece!hahahah Cara, vc está de parabéns!
Comentário B65:  1.000 likes meu
Comentário B66:  Parabéns meirelles !!!! Tiro o chapéu pra vc !!

Fonte: Própria autora

Os autores dos comentários acima, embora não expressem abertamente sua opinião a respeito da polêmica, demonstram que concordam com o discurso do humorista, ou, ao menos, não discordam. Por meio de expressões como “parabéns”, “sou seu fã”, “você acabou de adquirir um seguidor” etc., os comentaristas demonstram, em menor ou maior grau, uma adesão ao posicionamento de Maurício Meirelles, que demonstrou uma concordância com as lutas dos movimentos sociais, mas que, ao mesmo tempo, relaciona as práticas de conscientização contra os discursos preconceituosos à possibilidade de cerceamento da liberdade de expressão.

Outros comentários, ao contrário, demonstraram profundo descontentamento para com o humorista, como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 27 - Comentários contrários ao humorista

Comentário B67:  Seu filho da puta vontade de dar um tiro em vc se tivesse uma oportunidade de apagava idiota
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Comentário B68:
Tinha que ser você aquele comediante frustrado que só faz sucesso por causa do facebullying, isso você mesmo que em uma entrevista se admitiu frustrado por que suas piadas não arrancavam risos do mesmo modo que facebullying faz... polemiza suas piadinhas.
Comentário B69:
Imbecil

Fonte: Própria autora

Esses comentários se referem diretamente ao humorista, com palavras agressivas e postura hostil, demonstrando descontentamento com a conduta pessoal do humorista. Como nesses discursos não é feita referência ao tema em questão, não podemos precisar se o descontentamento se refere diretamente à postagem aqui analisada ou ao posicionamento do humorista, como um todo. Assim, apresentamos esses comentários apenas a título de registro da amostragem de 100 comentários selecionados para nosso estudo, assim como os comentários seguintes, que tratam de temáticas irrelevantes para nossa análise:

Quadro 28 - Comentários com temáticas diversas do evento B

Comentário B70:
O pai que causou essa polemica é a cara do alexandre frota na decada de 80 kkk
Comntário B71:
Perdi a parte do menino adotado .Mas enfim , reafirmo o q disse.Vc tem talento. E Charles Chaplin é inspiração. Fez a melhor comédia.Abraço e bom Carnaval
Comentário B72:
Quero saber quando vai ter PERDENDO AMIGOS EM RECIFE, PESTE
Comentário B73:
Maurício Meirelles obrigado por ter me mencionado no comentário, cara, nunca vou esquecer esse dia. #MeChupem
Comentário B74:
first, manda um salve pra mim o/

Fonte: Própria autora

Alguns comentários citam o evento aqui abordado, entretanto, apresentam um discurso vago, que não possibilita a identificação do posicionamento de seus autores a respeito da temática:

Quadro 29 - Comentários sem postura definida

Comentário B75: BjBraseeel
Comentário B76: Sério.... Tentei ler os comentários... Desisto...
Comentário B77: Tu pedi polemização, agora aguenta.
Comentário B78: XXXXXXXXXXXXhahahahah toda razao( <i>sobre o comentario anterior</i> )
Comentário B79: fala mano. Eu soh quis ver o debate.
Comentário B80: Vale lembrar que no brasil, sua maioria eh de negros/pardos
Comentário B81: "muda-se total o argumento ao descobrir que a intenção era a diversão com o filho negro adotado" Nao muda nao. Eles continuou sem entender.
Comentário B82: Gente vcs já assistiram esse desenho?
Comentário B83: muita letra, vou esperar sair o filme
Comentário B84: Faz um movimento igualitário e não social, simples.
Comentário B85: Sabe esse textão, Kktá, eu n lir
Comentário B86: Marca o XXXXXXXXXXXX. Ele tá precisando de umas aulinhas.

Fonte: Própria autora

Até aqui, temos visto, sobretudo, muitas marcas de reversão do racismo e de ataque aos que se posicionaram contra a utilização da fantasia na criança. Mas ocorreram também, à semelhança do evento que envolveu a jornalista Maria Júlia, alguns comentários que se posicionaram de forma mais enfática contra o racismo que apresentaremos no próximo tópico.



### 5.2.2.4 Comentários que defendem um posicionamento antirracista

No quadro abaixo, estão dispostos os comentários que abordam algumas temáticas compatíveis com as questões abordadas pelos movimentos antirracistas, ou, ao menos, não apresentam marcas de negação do racismo:

Quadro 30 - Comentários com temática antirracismo (evento B)

<p>Comentário B87: Nós negros somos maioria no Brasil, porém o racismo é tão grande que a representatividade é branca</p>
<p>Comentário B88: Ou seja, não somos minoria no Brasil e só não somos maior em número pq os brancos se encarregaram de tirar a terra dos índios pra dar para os europeus</p>
<p>Comentário B89: Grande Mauricio... O cara pediu desculpas... A questão não é essa... O lance na verdade são os hipócritas que, logo que viram a foto, remeteram a imagem do menino com a do Abu, o macaquinho. As pessoas de pele preta reclamaram... Só que, depois que começaram a reclamar das risadas, alguém disse que o menino estava vestido de Aladin, e não de macaco... e dizendo que os negros ficam de "mimimi" ou se "vitimizam"! Isso é jogar sujo e ser escroto.... Ser hipócrita como sempre foi a história desse país... Agora jogaram a culpa no cara.... mas quem fez o comparativo na imagem deles com a do Aladin e do macaquinho no ombro, riu bastante... achou graça, compartilhou, e geral riu também... Só que o problema é quando o negro reclama, sendo que reclamamos lá atrás. .. quando os engracadinhos estavam rindo e zoando do momeque parecer o macaquinho... Negro não pode reclamar... Não pode falar nada que logo logo vem uma justificativa em cima e um outro fato que nos faz entender que não houve racismo... E sempre vem um branquinho falar de vitimismo e o caralho a 4! Hipocrisia... A maioria é tudo falso! Como o grande perfeito do Felipe Neto!!! E o argumento mais escroto de todos os tempos: "Racismo é coisa da nossa cabeça. .." junto com "Defende bandido? Leva pra casa"... São cínicos. ..</p>
<p>Comentário B90: Mano, eu te adoro, sério, facebullyng é um momento feliz da minha vida. Em relação à pergunta da postagem, é diferente chamar um japa e um negro de macaco, por exemplo, se vc chama um negro de minhoquinha ele não vai ficar tão puto como se vc chamasse ele de macaco, isso pq existe, para cada minoria, e até maioria, um esteriótipo, que, quase como regra, desagrada. Lembrando que esteriótipos são parte da piada.</p>
<p>Comentário B91: Maurício, uma das formas de agredir os negros era, e ainda é, desumanizar a partir da associação com o macaco. Só quem é racista achou graça? Talvez não. Mas todo racista achou graça, com certeza. Estamos tentando ser uma sociedade mais inclusiva, com mais sensibilidade a questão do outro e menos egoísta. Então, se tem uma parcela da população que se ofende com isso, por que ofende-los? Você acha que suas piadas estão limitadas por que não pode ofender(mesmo que sem intenção) outras pessoas que compõe a sociedade que vivemos? Acho que não deveria se incomodar com isso. Acho que vale aí uma reflexão pra profunda e mais por dentro da cena que envolve. Abs!</p>
<p>Comentário B92: Quanto a essa família da foto, o moleque é branco, e brancos nunca foram taxados pela cor da pele</p>
<p>Comentário B93: Gente, qual é a parte do exemplo do macaco foi pessimovcsnao entenderam? O próprio autor colocou que por motivos história foi um erro. Era mais facil ter desestimulado o uso, e falado que errado, pronto. Foi pessimo a fantasia.</p>

<p>Comentário B94: Se o país ou mundo está chato, por vcsnao poderem mais fazer "brincadeiras escrotas" (insultos) e as pessoas não se calarem, só digo uma coisa Mudem-se. O problema não é com a família, mas o problema vai ser quando uma criança negra sofrer ao ser comparada com macacos, ao ter seu cabelo comparado a uma esponja, ao ter seus traços ridicularizado nas escolas, pq é normal elas verem esse tipo de representação tosca estimulada por gente que acha q tá tudo muito chato no mundo.</p>
<p>Comentário B95: Pessoal que acha que ser negros, adotar, ter amigos, te blinda de fazer atitudes racista...</p>
<p>Comentário B96: Achar isso é o mesmo que dizer que o fato de ser casado com mulher nao te torna machista "sou ate casado com uma". (CONTINUAÇÃO DO ANTERIOR)</p>
<p>Comentário B97: oi uma Trincadeira de mau gosto! Simples assim. Mesmo que o pai quisesse, ele indiretamente ofendeu a criança. Deveria apenas se desculpar e dizer que não foi a intenção. Ele não foi feliz nesse carnaval!</p>
<p>Comentário B98: Isso reforça o racismo, pior cego é o que não quer ver. Os negros sempre foram chamados de macaco, de forma pejorativa, e fantasiar o molequinho de macaco, de uma forma, talvez, inocente, alimenta o racismo, sim, e, com toda certeza, deve ser repudiado. Eu gosto do seu humor, Mau. Não seja idiota igual o Gentili</p>
<p>Comentário B99: Imagina que esse povo que ta chamando de mimimi reclama quando um crianca é vestida de piranha de carnaval SEM MOTIVO histórico</p>
<p>Comentário B100: E estes racistas lixo</p>

Fonte: Própria autora

Nesses comentários, da mesma forma que no tópico 5.1.3.6, podemos observar a problematização de algumas questões abordadas pelos movimentos que lutam contra o racismo: a falta de representatividade dos negros, no nosso país (B87, B88), negação do direito ao debate sobre as questões raciais e as práticas de racismo (B89, B94), as desigualdades e a inferiorização dos negros, realizada pela classificação histórica do negro como “raça inferior” (B91, B92, B93, B94, B97, B98, B99), falta de entendimento de questões raciais que leva ao entendimento de que alguém que possui relações afetivas com pessoas negras, por consequência, não apresenta atitudes racistas (B95, B96).

Como temos visto até aqui, os discursos referentes aos dois eventos apresentaram diferenças significativas com relação à apresentação das marcas de negação do racismo, que foram manifestadas de forma mais explícita no segundo evento analisado. No próximo tópico, faremos algumas considerações a respeito dessas diferenças encontradas.

### 5.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS DOIS EVENTOS

Um dos nossos objetivos específicos, nesta pesquisa, é o de comparar os discursos encontrados nos dois eventos. Sendo assim, neste capítulo, apontaremos algumas diferenças e algumas semelhanças nas estruturas notadas em ambos.

Como já dissemos anteriormente, encontramos algumas diferenças na forma como a negação do racismo foi manifestada nos dois eventos distintos. Para sintetizar algumas dessas diferenças, nos quadros abaixo destacamos algumas estratégias textuais e as estruturas discursivas encontradas em nossos *corpora*:

Quadro 31- Síntese evento A

<b>NOTÍCIA</b>	
<b>Estrutura discursiva</b>	<b>Estratégias textuais</b>
Polarização entre os “racistas” e a sociedade	Descrição negativa dos internautas que fizeram os comentários de teor racista e positiva dos demais internautas; metáforas, escolhas lexicais
<b>COMENTÁRIOS</b>	
<b>Estrutura discursiva</b>	<b>Estratégias textuais</b>
Polarização grupal e individualização do racismo	Escolhas lexicais e metáforas
Representação da jornalista desvinculada de questões raciais	Qualificação dos atributos físicos e profissionais da jornalista por meio do uso de adjetivos positivos e metáforas
	Ausência de qualificadores que apontem para a negritude desse ator social
Mitigação do racismo	Escolhas lexicais
Reversão do racismo e contra-ataque	Escolhas lexicais, subentendidos, comparação, marcadores discursivos, sarcasmo, predicação negativa da jornalista, rotulação.

Fonte: Própria autora

Quadro 32 - Síntese evento B

<b>POSTAGEM</b>	
<b>Estrutura discursiva</b>	<b>Estratégias textuais</b>
Autoapresentação positiva e negação preventiva do racismo	Utilização do dêitico "eu", verbos na 1ª pessoa do singular
Outro-apresentação negativa (a respeito dos movimentos que criticam piadas preconceituosas)	Ressalvas, comparação subentendida desses movimentos à censura, metáforas, referência (e concordância) ao discurso de terceiros
Mitigação do racismo	Escolhas lexicais
<b>COMENTÁRIOS</b>	
<b>Estrutura discursiva</b>	<b>Estratégias textuais</b>
Reversão do racismo e contra-ataque	Predicação, metáforas, marcadores discursivos, escolhas lexicais, comparações
Apresentação negativa dos antirracistas	Escolhas lexicais, metáforas
Apresentação negativa dos movimentos a favor das minorias	Descrição negativa das pessoas e dos movimentos pró-minorias

Fonte: Própria autora

Podemos observar que, no primeiro evento, houve uma predominância da polarização grupal entre os internautas “racistas” e os “não racistas”, o que levou a uma individualização do racismo por meio da atribuição de características negativas aos internautas que postaram os comentários de teor racista. Isso acarretou em uma qualificação desses atores sociais como pessoas “fora do padrão”, ou mesmo sua caracterização em seres “não humanos”.

Essa polarização constituiu a negação do racismo como um problema complexo e sistematizado em nosso país, defendendo, implicitamente, um argumento que apresenta o racismo como algo pontual e esporádico. Nesse evento, houve o reconhecimento da ocorrência do racismo contra a jornalista, entretanto, ocorreu uma espécie de camuflagem do racismo a que são submetidos milhões de negros, cotidianamente.

Além disso, ocorreu também a mitigação do racismo, por meio de escolhas lexicais que substituíam o racismo por sentimentos como inveja e despeito, apresentando o argumento de que a beleza e a competência da jornalista teriam desencadeado o ataque racista de que foi vítima.

Ocorreram também alguns comentários que apresentaram marcas de reversão ou de contra-ataque, entretanto, esses comentários foram voltados, principalmente, a críticas a respeito da repercussão dada ao evento pela mídia.

Já no caso da postagem e seus respectivos comentários, ocorreu a negação do racismo de forma mais explícita, até mesmo agressiva, com relação ao evento específico em questão, principalmente por meio da reversão e do contra-ataque. O grupo que mais foi apresentado negativamente não foi, como poderia se esperar, um grupo categorizado como “racista” e sim aqueles que se opõem ao racismo, principalmente os que criticaram a atitude do pai.

Os autores dos comentários analisados apresentaram discursos que, insistentemente, acusaram de vitimistas, exagerados, ou mesmo de racistas, as pessoas que se sentiram ofendidas pela associação dos negros a macacos, ignorando o fato de que a trajetória de cada indivíduo o leva à criação e manutenção de modelos mentais que, embora adquiridos socialmente, são subjetivos. Por isso, a imagem da criança fantasiada de um personagem que representa um macaco pode levar à associação a práticas racistas, para alguns indivíduos, assim como outros podem, simplesmente, entender aquela ação como uma demonstração de afeto.

Além dos atores sociais, os próprios grupos sociais rotulados nos discursos da postagem e dos comentários, como movimentos sociais a favor das minorias, são apresentados negativamente, como causadores de mais problemas, em vez de soluções.

Apesar das diferenças nos discursos sobre os dois eventos, notamos que, em ambos os casos, houve um tipo de apagamento da identidade das pessoas negras. No caso de Maria Júlia, em poucos comentários a jornalista foi referida como negra e, muitas vezes, foram feitas referências a seus atributos físicos e profissionais como motivos do ataque sofrido por ela, ocorrendo, assim, uma superficialização das

discussões em torno do tema, que acabavam por desvincular as agressões das temáticas que envolvem as questões raciais.

No caso da postagem do humorista, o apagamento da identidade do negro se manifestou em comentários que afirmavam, basicamente, que não deveriam mais haver discussões a respeito de questões raciais, ou minorias, tendo em vista a igualdade de direitos ou a inexistência de raças biológicas. Esse argumento, além de desprezar a valorização da identidade étnico-racial do negro, ainda camufla o racismo sofrido pelos negros no cotidiano, manifestado na forma de desigualdade de oportunidades e preconceito.

Entendemos que as diferenças nas formas de negação do racismo contidas nesses discursos ocorrem por conta das diferenças nas categorias contextuais em que cada evento discursivo ocorreu.

Quanto aos participantes, no primeiro caso, a jornalista Maria Júlia, que foi o ator social atingido pelas agressões racistas, tratava-se de uma figura pública e, dessa forma, o evento teve grande visibilidade, enquanto, no segundo caso, as pessoas atingidas diretamente pela repercussão da imagem não eram pessoas públicas.

Além disso, o primeiro evento foi retratado, primeiramente pela notícia, e, depois, pela maioria dos comentaristas da notícia, incontestavelmente, como um caso de racismo contra a jornalista. Por outro lado, no caso da postagem do humorista Maurício Meirelles, não houve um consenso a respeito da natureza da prática apontada como racista (a associação pejorativa da fantasia à criança e, por consequência, de pessoas negras a macacos).

O ambiente em que os discursos foram dispostos também apresenta diferenças. Embora, em ambos os casos, os comentários tenham sido postados em ambientes virtuais que possibilitam a interação entre os internautas, e, ainda, os dois eventos tenham sido oriundos, primeiramente, de conflitos iniciados na rede social *Facebook*, os discursos analisados, referentes ao primeiro evento, foram postados em um *site* de notícias reconhecido em todo o Brasil por ser integrante da maior instituição da área da comunicação, no país, a Rede Globo. Já o segundo caso analisado era referente aos discursos colhidos diretamente da rede social *Facebook*, que é um

ambiente mais informal e já é conhecido por abrigar discussões complexas a respeito dos mais diversos assuntos, em seu espaço para comentários.

Acreditamos que todas essas diferenças nos contextos que envolveram os discursos dos nossos *corpora* de estudo influenciaram a construção discursiva e a diferença na forma como a negação do racismo foi manifestada.

Considerando que as condições sócio-históricas que levaram à conjuntura de desigualdades e preconceitos a que os negros foram submetidos ao longo da história do nosso país são conhecidas pelos atores sociais que produziram os discursos, em ambos os eventos, em maior ou menor grau, entendemos que as condições contextuais intervieram na construção e/ou reativação dos modelos mentais desses indivíduos, influenciando significativamente sua construção discursiva.

Assim, entendemos que esses discursos, ao negarem de maneiras diversas a ocorrência do racismo nas suas mais diversas nuances, fortalecem as crenças que permeiam a ideologia racista e legitimam as práticas racistas que ocorrem em nosso país diariamente.

No próximo capítulo, teceremos algumas considerações finais a respeito de nossa pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nos propusemos a estudar as formas de negação discursiva do racismo encontradas nos discursos de dois *corpora* coletados em mídias virtuais, no intuito de analisarmos, por essa amostra, as estratégias de negação do racismo presentes nos discursos das mídias e de pessoas comuns.

Para realizarmos esse empreendimento, foi-nos necessário, após os primeiros apontamentos feitos no capítulo introdutório, aprofundar-nos nas pesquisas sócio-históricas a respeito do racismo e da história dos negros em nosso país, o que nos levou a compreender como a negação do racismo tem estado presente no Brasil desde o período colonial. Foi necessária também a reflexão sobre as relações estabelecidas entre o racismo e as mídias, e, além disso, realizamos algumas considerações a respeito de questões que nos levaram à escolha das mídias virtuais para nosso estudo. Essas considerações foram realizadas no segundo capítulo deste trabalho.

No capítulo seguinte, apresentamos alguns fundamentos dos Estudos Críticos do Discurso, para, então, adentrarmos nos argumentos defendidos por van Dijk, em sua abordagem sociocognitiva desses estudos, apresentando suas considerações a respeito de racismo (e sua negação), discurso, contexto, representações sociais, ideologia etc. Para um maior entendimento a respeito da teoria das Representações Sociais, apresentamos alguns apontamentos de Moscovici (2003), para, nos capítulos posteriores, apresentarmos nossos *corpora* e desenvolvermos nossas análises.

Com base nas análises realizadas neste estudo, entendemos que podemos responder as questões elaboradas no primeiro capítulo. A saber: No discurso que iremos analisar, podemos encontrar elementos linguístico-discursivos que estão relacionados à negação do racismo? Os comentários sobre a notícia e a postagem apresentaram estruturas discursivas semelhantes aos respectivos textos de referência? Houve diferença com relação aos discursos presentes nos dois eventos distintos, no que tange às formas de negação do racismo?



Com relação à primeira questão, pudemos ver ao longo de nossas análises, a presença de várias marcas de negação do racismo nos discursos analisados. As estruturas linguísticas utilizadas pelos atores foram cruciais na construção das estratégias de negação do racismo, entre as quais destacamos a reversão do racismo, o contra-ataque e a polarização grupal, que contribuem para a manutenção da condição histórica de desigualdades, preconceito e dificuldade de reconhecimento da identidade dos negros, que têm sido partes constituintes da sociedade brasileira desde sua fundação, como demonstramos no segundo capítulo desta dissertação, tendo como suporte pensadores da Sociologia e da Antropologia.

No âmbito da segunda questão, com relação ao primeiro evento estudado, pudemos encontrar uma semelhança nas estruturas e nas temáticas da notícia e dos comentários. Na análise da notícia sobre a prática racista cometida contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, encontramos uma estruturação da temática do texto em que prevalecia a ênfase na atitude dos internautas que se voluntariam, em massa, a apoiar a jornalista, com mensagens que demonstravam a afeto e admiração por ela e, ao mesmo tempo, revolta contra os autores dos comentários racistas. Da mesma forma, nos comentários a respeito dessa notícia, as temáticas que mais prevaleceram foram justamente o apoio à jornalista e a oposição à atitude dos internautas.

De igual maneira, na postagem do humorista sobre a polêmica gerada pelo pai que fantasiou o filho como o personagem Abu, pudemos notar que o discurso foi construído de maneira a produzir uma apresentação negativa dos movimentos sociais, embora de forma muito sutil. O autor dessa postagem se utilizou de modalizadores e de argumentos que levaram a uma autoapresentação positiva e uma aparente concordância com os movimentos sociais, para, logo após, criticá-los.

Já nos comentários a respeito da postagem foram encontradas diversas marcas de negação, de reversão e de contra-ataque aos movimentos sociais e às pessoas que questionaram a atitude do pai, ou se posicionaram contra o racismo, em geral. Ressaltamos que as estratégias que levaram à negação do racismo, nos comentários, apareceram de forma mais explícita que na própria postagem. Entendemos que isso ocorreu por conta da maior preocupação do humorista,

enquanto figura pública, com a preservação de sua imagem e prevenção contra possíveis acusações de racismo.

Assim, podemos afirmar que nossas hipóteses de que, em ambos os eventos, os discursos apresentariam marcas de negação do racismo e que, no primeiro evento, a negação discursiva do racismo ocorreria de forma mais sutil, foram confirmadas.

Considerando os resultados encontrados nesta pesquisa, podemos concluir que há, ainda, muito o que se trabalhar a respeito das práticas racistas do cotidiano brasileiro, para ajudar a desconstruir o ideário a respeito das relações cordiais entre as diversas raças/etnias que povoam o nosso país. Fica claro, para nós, que as práticas racistas ainda existem de maneira muito relevante e que, o que é pior, a negação dessas práticas ainda se manifesta de forma significativa nos discursos em nossa sociedade.

Sendo assim, entendemos que a contribuição mais relevante do nosso trabalho foi adentrar nas temáticas e nas estruturas que levam à negação do racismo, seguindo pelos caminhos do discurso, visto que, como já vimos salientando até aqui, muitos autores das ciências sociais têm discutido as práticas de negação do racismo no nosso país, entretanto pouco se pesquisa sobre as estratégias discursivas que reproduzem e fortalecem essa negação.

Dessa forma, entendemos que, a partir desta pesquisa, é possível apontar para a necessidade de uma reflexão maior, por parte dos analistas do discurso, a respeito das práticas discursivas de negação do racismo, visto que, como pudemos notar, tanto em nossas análises como em nossos estudos relacionados ao tema, a prática de se mitigar o racismo como um complexo problema sócio-histórico é ainda muito recorrente, em nosso país.

## 7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO. Reelaboraões de gêneros em redes sociais. In ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

ARAÚJO, J. Z. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. (orgs.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 77-95.

AVELAR, I. **As origens da expressão “politicamente correto”.** Revista Forum. 04/04/2011. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/idelberavelar/2011/04/04/as-origens-da-expressao-politicamente-correto/>. Acesso em 29/03/2016.

BANTON, M. **The Idea of Race.** Boulder: Westview Press, 1977.

\_\_\_\_\_, **Racial Theories.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do Português do Brasil.** São Paulo: Ática, 2002.

BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2014.

CAETANO, Paulo Henrique. **A palavra-chave racismo e suas relações lexicais: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso.** 2007. 237 f. Tese (Doutorado Estudos Linguísticos) -Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-73WR4F/tese\\_paulo\\_caetano\\_completa.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-73WR4F/tese_paulo_caetano_completa.pdf?sequence=1). Acesso em: 10/10/2015.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do conhecimento à política. In: \_\_\_\_\_; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política.** Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005. p. 17-31.

CÂMARA. <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/66274.html> . Acesso em 25/04/2016

CONCEIÇÃO, F. O medo da cor na mídia impressa. In Oliveira, PijaciDavieet al (orgs.). **A cor do medo.** Brasília: Editora da UnB, 1998.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA FILOCZAR. Disponível em: <http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf>. Acesso em 27/05/2016.

DaMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: Negro, racismo e Branqueamento em São Paulo**: Senac, 2003.

ERIKSEN, T. H. **Ethnicity&Nationalism:Anthropological Perspectives**. Londres: SagePublications, 1993.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**: (no limiar de uma nova era). São Paulo: Globo, 2008.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003. 48 ed.

FOLHA UOL. <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/136988-o-pensador-coletivo.shtml>. Acesso em: 04/05/2016.

GELEDES. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/sofri-durante-10-anos-com-ataques-racistas-diz-gloria-maria/> Acesso em: 03/05/2016.

GUIMARÃES, A. S. **A.O recente anti-racismo brasileiro**: o que dizem os jornais diários. Revista USP 28, p. 84-95. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: FUSP: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. **Preconceito e discriminação**. 34 ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. 2004.

\_\_\_\_\_. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito. In: **Novos estudos CEBRAP**. n. 61, p. 147-162. São Paulo, novembro 2001. Disponível em: [http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/95/20080627\\_democracia\\_racial.pdf](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/95/20080627_democracia_racial.pdf). Acesso em 04 de março de 2016.

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

IBGE. **Características étnico-raciais da população**: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. Rio de Janeiro. 2011.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro. 2014.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003. 2 ed.

\_\_\_\_\_. ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, M. C. de. Diálogos entre imprensa negra e estudos do discurso: representações de negros na mídia impressa do século XX. In: SATO, D. T. B.; BATISTA, J.R.L. Jr. (Orgs). **Contribuições da Análise de Discurso Crítica no Brasil: Uma homenagem à Izabel Magalhães**. Campinas – SP: Pontes editores, 2013.

LIMA, S. *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. Dissert. (Mest.) USP, 1971.

LOPES, L. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado Aberto, 2002.

MAGALHÃES, I. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29248.pdf>. Acesso em 22/10/2014.

MARQUESE, R. de B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. In: **Novos estudos – CEBRAP**. N 74. São Paulo, março de 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>. Acesso em: 01/09/2016.

MARTINS, J. P. O. **O Brasil e as colônias portuguesas**. Lisboa. 1880.

MARTINS, André Ricardo Nunes. **A polêmica construída: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros**. 2004. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1576>. Acesso em 10/10/2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença, 1975.

MELO, I. F. de. **Introdução aos estudos críticos do discurso: Teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. (Trad. Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis: Vozes, 2003.

MICAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/bla-bla-bla%20917157.html>. Acesso em 31 de maio de 2016.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, V.L.M.O. Facebook: um estado atrator na internet .In ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

PEREIRA, J. **Cor, profissão e mobilidade**. São Paulo: EDUSP, 2001.

PLANALTO. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm). Acesso em 25/04/2016.

\_\_\_\_\_. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm). Acesso em 25/04/2016.

PUREPEOPLE. Disponível em: [http://www.purepeople.com.br/noticia/daniel-alves-rejeita-campanha-somos-macacos-somos-humanos-e-todos-iguais\\_a19788/1](http://www.purepeople.com.br/noticia/daniel-alves-rejeita-campanha-somos-macacos-somos-humanos-e-todos-iguais_a19788/1). Acesso em 31 de maio de 2016.

RECUERO, R. In ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. In: **Revista USP**, N 28, p. 14-39, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28362/30220>. Acesso em 04/09/2016.

REX, J. **Race relations in Sociological Theories**. Londres: Routledge&Kegan Paul, 1983.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

OLIVEIRA, R. **Relações raciais na escola: uma experiência de intervenção**. Dissert. (mest.) PUC-SP, 1992

SALES JR, R. L. de. **Raça e justiça: o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.

SCHUMAN, L. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, jan. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 de junho de 2016.

SIGNIFICADOS.COM.BR. Disponível em: <http://www.significados.com.br/aff/> acesso em 08/04/2016

SILVA, O. A. **A representação do negro na política brasileira**. Revista Espaço Acadêmico. 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/040/40pol.htm> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

SILVA, O. A.; ROSEMBERG, F. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, T. A. **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 74-117.

SILVA, F. C. O. da. **A construção social de identidades étnico-raciais: uma análise discursiva do racismo no Brasil**. 2009. 267 f., il. Tese (Doutorado em

Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4180>. Acesso em: 09/10/2015

VAN DIJK, T. A. **Racism and Discourse in Spain and Latin America**. Espanha: John Benjamins, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Reproducing Racism: The Role of the Press**. Paper Congress on Immigration, Almería April, 21-22, 2005b. Disponível em: <http://www.discursos.org/unpublished%20articles/Reproducing%20racism.html>. Acesso em 20/10/2014.

\_\_\_\_\_. **Ideología**: Un enfoque multidisciplinario. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

\_\_\_\_\_. **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. Trad. De Judith Hoffnagel e Karina Falcone (org.). São Paulo: Contexto, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012b.

\_\_\_\_\_. Política, ideologia e discurso. In MELO, I. F. de. (Org.) **Introdução aos estudos críticos do discurso**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c.

\_\_\_\_\_. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015a, p. 31-48.

\_\_\_\_\_. Ideologia. In: **Letras de hoje**. V. 50 N. esp. P. 53-61. Porto Alegre, dezembro de 2015 (2015b). Disponível em <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23139>. Acesso em 10/09/2016.

WAGLEY, C. (org.). 1952. **Race and Class in Rural Brazil**. New York: Columbia University Press.

WIKIHOW. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Organizar-um-Flash-Mob> Acesso em: 03/05/2015.

WIKCIONÁRIO. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/bl%C3%A1-bl%C3%A1-bl%C3%A1>. Acesso em: 31 de maio de 2016.